



UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E SOCIOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DE ACONSELHAMENTO

CONTRIBUTOS PARA A VALIDAÇÃO DA ESCALA DO DESENVOLVIMENTO
DA IDENTIDADE SURDA
ESTUDOS DE TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E APLICAÇÃO
(Dissertação de Mestrado em Psicologia)

Helena Isabel da Silva Garrinhas – N° 20110644

ORIENTADORA: Professora Doutora Rute Brites
Universidade Autónoma de Lisboa
COORIENTADORA: Mestre Mariana Martins

Lisboa, janeiro de 2015

Dedicatória

À Comunidade Surda,
Com a vossa voz nas mãos
Ergue o vosso coração
Geração a geração.

“Sabemos que os surdos podem fazer tudo
o que os ouvintes fazem exceto ouvir”

King Jordan,
Antigo Presidente da Universidade de Gallaudet

Agradecimentos

Foi uma jornada que me fez descobrir a minha vocação e uma futura profissão apaixonante e determinante. Esta etapa é como um sonho realizado, de modo a conquistar um curso finalizado para chegar a um caminho de profissionalismo. Agradeço a todos os que me fizeram acreditar de que seria uma psicóloga para aqueles que sentem dificuldades na comunicação e insistem para acabar a dissertação. Espero tornar-me uma psicóloga. Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer especialmente àquelas pessoas que acompanharam o meu percurso académico e, foi sem qualquer dúvida, um grande aprendizagem que proporcionou o meu crescimento pessoal e profissional.

À Professora Doutora Rute Brites, pela oportunidade de tê-la como orientadora. Foi uma escolha desafiante. Durante todo o tempo, o seu apoio, os seus conselhos sobre as minhas dificuldades que me “pressionaram” para chegar à etapa final. Agradeço-lhe profundamente por me dar mais oportunidades para finalizar a dissertação.

À Mariana Martins como coorientadora, pela ajuda, correção, disponibilidade em dar-me muitos conselhos sobre as investigações, sobre a identidade surda e oportunidades para conhecer profundamente e fazer parte da comunidade surda.

À Dra. Cláudia Castro com que a amizade floresceu desde o dia em que nos conhecemos até hoje, vivemos momentos de alegrias e tristezas, sempre demonstrando apoio. Considero-te a minha segunda mãe. Obrigada sinceramente por me apoiares durante todo o meu percurso até hoje, com as tuas palavras mais bonitas: “Estive, Estou e Estarei”.

À Professora Odete Nunes e ao Professor João Hipólito, por terem acompanhado e se preocuparem em saber como eu estou no curso e pelas lições magníficas. Aos meus colegas e aos meus professores da UAL que estiveram comigo.

À Direção de Administração Escolar pela grande oportunidade de poder finalizar a minha dissertação.

Não posso deixar de agradecer do fundo do meu coração à minha família que foi persistente para que eu terminasse o curso. À minha mãe e ao meu pai, embora tivessem seguido caminhos diferentes, agradeço-lhes por terem estado juntos durante 27 anos e continuarem a estar presentes na minha vida. Aos meus manos, apesar de estar afastada durante um tempo, estou orgulhosa por ser irmã deles e por serem eles próprios. Aos avós e tios, por todos terem tido paciência na minha ausência e pelo vosso apoio sempre

mesmo à distância. *In memoriam* aos meus avôs, por não poderem estar presentes no momento mais importante da minha vida, mas estão sempre no meu coração, agradeço-lhes por tudo o que me ensinaram.

Ao meu Amor, com paciência, “às vezes”, durante a minha ausência. Não foi fácil mas foi um apoio importante para mim para conquistar o mestrado.

Gostaria de agradecer especialmente aos tradutores que fizeram tudo para traduzir a escala: Família Dias (Zeza, Mário e Cláudia), Luís Gancho. Ainda à Paula Estanqueiro pela ajuda. Agradeço ainda aos Formadores de Língua Gestual Portuguesa, à Cláudia Dias e à Helena Carmo pela disponibilidade de efetuar os vídeos. Ainda ao Fernando Ferreira que colaborou e foi uma ajuda para criar o programa informático como eu procurava.

Queria expressar os meus agradecimentos à Associação Portuguesa de Surdos, que já é considerada a minha segunda casa, onde comecei, continuei e terminei de redigir a dissertação. Foi uma enorme satisfação conhecer o espaço pertencente à comunidade surda que preserva uma rica história e identidade. Ao pessoal que trabalha lá, à direção e aos surdos, que me encorajaram, me apoiaram, me animaram nos bons e maus momentos e acreditem que conquistarei a minha meta: Isabel Pinheiro, Paula Estanqueiro, João Carvalheiros, Patrícia Pessoa, Manuela André especialmente ao Jorge Rodrigues e à Susana Carvalho, por não me deixarem levantar a âncora para velejar sem terminar o que comecei e porque me faziam refletir para “não desistir” do mestrado.

Ainda à Federação Portuguesa das Associações de Surdos com a ajuda da divulgação para as associações de surdos em Portugal por aceitarem participar e divulgar a minha investigação: Associação Cultural de Surdos da Amadora; Associação da Comunidade Surda do Distrito de Coimbra; Associação de Famílias e Amigos dos Surdos; Associação de Surdos da Alta Estremadura; Associação de Surdos da Guarda; Associação de Surdos da Linha de Cascais; Associação de Surdos de Braga; Associação de Surdos de Évora; Associação de Surdos de Ilha de São Miguel; Associação de Surdos do Concelho de Almada; Associação de Surdos do Concelho de Sintra; Associação de Surdos do Porto; Associação de Surdos, Pais, Familiares e Amigos da Madeira; Associação dos Surdos de Águeda e Comissão Nacional de Juventude Surda. Aos participantes surdos, por aceitarem colaborar respondendo a todas as questões pessoalmente e virtualmente e pela vossa paciência.

Resumo

O presente estudo tem por objetivo a validação de uma Escala de Desenvolvimento da Identidade Surda (EDIS), de origem americana, adaptada para a população surda portuguesa. Aplicámos dois instrumentos: um questionário sociodemográfico e a EDIS (Escala de Desenvolvimento da Identidade Surda) (Glickman, 1993), ambos traduzidos para Língua Gestual Portuguesa e disponibilizados através do programa informático, Localhost.

Numa amostra de 192 participantes, constituída por surdos profundos e severos. O resultado da validação da versão portuguesa da EDIS salienta um positivismo ao representar a população surda, apesar de se terem eliminado um total de 20 itens. Obtivemos uma estrutura fatorial de 4 fatores, com bons indicadores de consistência interna. Os resultados da versão portuguesa da EDIS demonstram uma aceitação da identidade surda, associada a sentidos de orgulho e valorização, na generalidade da amostra.

Palavras-Chave: comunidade surda; identidade surda; surdo; língua gestual portuguesa; validação; propriedades psicométricas.

Abstract

The present study aims at validating a Development Scale for Deaf Identity (EDIS), of American origin, adapted for the Portuguese deaf population. We applied two instruments: a sociodemographic questionnaire and the EDIS (The Deaf Identity Development Scale) (Glickman, 1993), both translated into Portuguese Sign Language and available through the computer program, Localhost.

In a sample of 192 participants, comprising deep and severe deaf. The validation of the Portuguese version of EDIS stresses the whole positivum positivismo aoem represent for the deaf population, despite having eliminated a total of 20 items. We obtained a factorial structure of 4 factors with good internal consistency indicators. The results of the Portuguese version of EDIS demonstrate an acceptance of deaf identity, associated with pride and appreciation senses in general sample.

Keywords : deaf community; deaf identity; deaf; portuguese sign language; validation; psychometric properties.

Índice

Resumo	IV
Abstract.....	V
Introdução	1
Parte I - Enquadramento Teórico.....	3
Capítulo I – Perspetivas sobre surdez.....	4
1. Perspetivas dos modelos relacionados com a surdez	4
2. Dimensão na Relação com a Família e com a Escola	10
Capítulo II - Construção da Identidade Surda	15
1. Identidade Surda.....	15
2. Diversos Modelos nos Estudos da Identidade Surda	17
3. Novos conceitos científicos: Deafhood, Deaf gain e Deaf Epistemology	24
3.1. <i>Deafhood</i>	24
3.2. <i>Deaf Gain</i>	25
3.3. <i>Perspetivas sobre Epistemologia Surda</i>	26
4. Avaliar a identidade surda: estudos existentes	27
Capítulo III: Conceitos importantes em Psicometria.....	29
Parte II – Metodologia.....	32
1. Problema de investigação.....	33
2. Delineamento	34
3. Questões de investigação	35
4. Objetivos de Investigação	35
4.1. Objetivo principal.....	35
4.2. Objetivos específicos.....	35
5. População e Amostra.....	36
5.1. População	36
5.2. Participantes	37

5.2.1.	Caracterização geral da Amostra	38
5.2.2.	Caracterização dos Participantes Relativamente à Surdez.....	38
6.	Instrumentos	41
6.1.	Questionário Sociodemográfico	41
6.2.	A Escala do Desenvolvimento da Identidade Surda.....	43
6.2.1.	A construção do EDIS	44
6.2.2.	Características das orientações da identidade surda	45
6.2.2.1.	<i>Orientação 1 - Culturalmente Ouvinte</i>	45
6.2.2.2.	<i>Orientação 2 – Culturalmente Marginal</i>	46
6.2.2.3.	<i>Orientação 3 – Imersão no mundo surdo</i>	48
6.2.2.4.	<i>Orientação 4 – Bicultural</i>	49
6.2.3.	Propriedades psicométricas do EDIS (versão original)	50
7.	Procedimento.....	53
7.1.	Tradução e adaptação dos itens	54
7.2.	Construção de vídeos para adaptação	55
7.3.	Pré-teste	55
7.4.	Desenvolvimento de um método de aplicação <i>online</i> do EDIS	56
7.5.	Procedimentos de análise de dados	56
	Parte III. Resultados	57
1.	Apresentação dos Resultados	58
1.1.	Análise dos Valores Omissos	58
1.2.	Propriedades Psicométricas da EDIS	58
1.2.1.	Análise de Componentes Principais (validade).	58
1.2.2.	Consistência interna (Fidelidade)	63
1.3.	Descrição dos fatores.....	65
1.4.	Cotação da EDIS – Versão Portuguesa	68
1.5.	Resultados da Amostra da Presente Investigação	70

1.5.1.	Relação com as variáveis sociodemográficas e clínicas.	73
1.5.1.1.	<i>Orientação dominante e gênero</i>	73
1.5.1.2.	<i>Orientação dominante e idade.</i>	74
1.5.1.3.	<i>Orientação dominante e grau de surdez.</i>	74
1.5.1.4.	<i>Orientação dominante e surdez dos progenitores</i>	75
2.	Comparação dos resultados.....	75
2.1.	Comparação dos resultados da versão original com a versão portuguesa.....	75
2.2.	Comparação entre os resultados da EDIS e os resultados da versão portuguesa	76
3.	Discussão dos Resultados.....	79
	Parte IV. Conclusão.....	85
	V. Referências Bibliográficas.....	89
	Anexos.....	99
	Anexo A - Declaração de Autorização para a exibição de imagens	100
	Anexo B - Versão original da Escala de Desenvolvimento da Identidade Surda	102
	Anexo C - Questionário Sociodemográfico e Escala de Desenvolvimento da Identidade Surda.....	106
	Anexo D- Pedido de Autorização enviado às Associações de Surdos	114
	Anexo E - Declaração de Consentimentos para participantes	116

Índice de Tabelas

Tabela 1.EDIS - Teoria do Desenvolvimento de Identidade Surda	19
Tabela 2. Dados sobre o Local de Aprendizagem da LGP (n e %).....	40
Tabela 3. Questionário sociodemográfico	42
Tabela 4. Consistência Interna de cada Orientação (Glickman, 1993)	52
Tabela 5. Coeficiente de Correlação na Inter-escala de cada Orientação	53
Tabela 6. Itens da EDIS: Mínimo, Máximo, Média, Desvio-padrão, Assimetria (Sk) e Achatamento (Ku)	59
Tabela 7. Peso Fatorial dos Itens, por Fator	62
Tabela 8. Composição Inicial dos Fatores, α Cronbach Inicial e após Eliminação dos Itens	64
Tabela 9. Valores da Correlação Inter-fatores.....	64
Tabela 10. Composição da Versão Portuguesa da EDIS (40 itens).....	69
Tabela 11. Composição da Versão Portuguesa da EDIS (40 itens).....	70
Tabela 12. Orientações da EDIS Portuguesa: Mínimo, Máximo, Média e Desvio-padrão	70
Tabela 13. Distribuição das Orientações da EDIS , segundo o Género (n e % por grupo)	73
Tabela 14. Correlação de Spearman entre as Orientações da EDIS e a Idade (n = 192)	74
Tabela 15. Distribuição das Orientações da EDIS, segundo a Surdez dos Pais (n e % por orientação)	75
Tabela 16. Comparação entre itens e α de Cronbach da EDIS da versão portuguesa e da versão original.....	76
Tabela 17. Comparação nas versões diferentes da escala	77
Tabela 18. Comparação nas versões diferentes da escala em Total da amostra e Alfa de Cronbach.....	77
Tabela 19. Comparação de estudos de total de itens de cada orientação	78

Índice de Figuras

Figura 1. Sectograma de Distribuição das Habilitações Literárias (%).....	38
Figura 2. Outros Membros da família com Surdez (n).....	39
Figura 3. Gráfico de Barras sobre os Locais/ Situações de Convívio com Outros Surdos (n e %)	41
Figura 4. Sectograma dos Valores em Falta (%) por Variável, Sujeitos e Valores.....	58
Figura 5. Scree-plot Resultante da ACP Exploratória (44 itens).....	61
Figura 6. Gráfico de Barras da Distribuição das Orientações de Identidade Surda, na Amostra (n = 192)	71
Figura 7. Gráfico de Barras da Distribuição das Orientações da Identidade Surda “Puras” e “Mistas”, na Amostra (n = 192)	72
Figura 8. Gráfico de Barras da Distribuição das Orientações da Identidade Surda	74
Figura 9. Esquema sobre os fatores da EDIS	82

Abreviaturas

ASL – American sign language

EDIS – Escala de desenvolvimento da identidade surda

LGP – Língua Gestual Portuguesa

ACP – Análise Competentes Principais

Contributos para a Validação da Escala do Desenvolvimento da Identidade Surda

– Estudos de Tradução, Adaptação e Aplicação

Introdução

No presente estudo, pretendemos contribuir para a validação da Escala do Desenvolvimento da Identidade Surda (EDIS), de origem americana, para a população surda portuguesa. Esta investigação implica a importância de dois pontos: os estudos existentes sobre identidade, nos surdos, e a validação de um instrumento especificamente para esta população.

Em Portugal, verifica-se que, na análise dos estudos sobre identidade surda, existe uma lacuna, principalmente na área da psicologia no que diz respeito às teorias e às medidas de nível psicométrico. É importante salientar a necessidade de questionários adaptados e validados para a população surda. Perante esta situação compararam-se medidas, que estudam a surdez utilizadas noutras áreas. Almeida, Gonçalves, Machado, e Simões (2003) mostram as dificuldades em encontrar instrumentos adaptados a esta população específica.

É fundamental conhecer os conceitos que emergem o conceito de identidade surda, relacionando-a com a questão da vivência, da língua, do processo de educação e do grupo de pares que formam a sua construção (Leigh, Marcus, & Maxwell-McCaw, s.d.; Leigh, 2009). Existem estudos feitos por investigadores estrangeiros (Allen, Dobosh, Leigh, & Marcus, 1998; Chen, 2014; Fischer & McWhirter, 2001; Glickman, 1993; Leigh, 2009; Moura, 2000) que mostram modelos de identidade que se fundamentam no envolvimento dos surdos com a comunidade surda. O tema introduz uma visão nova na área de psicologia, mostrando que é importante conhecer o *insight* do indivíduo surdo e a forma como ele integra o seu ambiente e a sua cultura linguística.

Nesta investigação, as teorias de desenvolvimento da identidade surda (Glickman, 1993) sustentam o estudo da construção da Escala do Desenvolvimento da Identidade Surda feita para a população surda americana. Esta escala é constituída por 60 itens e contém quatro orientações, cada qual com 15 itens. As quatro orientações classificam-se por Ouvinte, Marginal, Imersão no Mundo Surdo e Bicultural. Assim, procurámos construir passo a passo a validação desta escala, adaptando-a para a população surda portuguesa. No final, descrevemos os resultados, caracterizando as quatro orientações da versão portuguesa para, então, conhecer os tipos de identidade surda na população portuguesa. O objetivo do estudo desta investigação, como já foi referido, é validar um instrumento para esta população específica.

A investigação divide-se em cinco partes. Na primeira parte aborda-se o enquadramento teórico de modo a tratar conceitos específicos nesta área de estudo, discutindo pontos de vistas assumidos por profissionais e na comunidade surda sobre o que é o indivíduo surdo. Referem-se estudos existentes sobre a construção de identidade surda e diversos modelos nos estudos da identidade surda para a compreensão da sua construção. Também referimos estudos científicos associados aos estudos surdos para compreendermos o significado de ser surdo e a maneira de ser surdo. Apresentamos ainda o conteúdo estudado a partir de outras áreas, como as ciências sociais e humanas e a psicometria. Isto parece fundamental para o contributo da validação de um instrumento. No entanto, há dificuldades na adaptação de um instrumento na área da psicologia para uma população específica e, por isso, precisámos de conhecer um pouco a história da aplicação de testes a surdos.

Na segunda parte, a Metodologia apresenta o estudo empírico, incluindo o problema de investigação e o seu delineamento; aborda as questões levantadas, os objetivos da investigação; descreve a população e a amostra; por fim, caracteriza os instrumentos e o procedimento. Na terceira parte, mostramos os resultados da Escala do Desenvolvimento da Identidade Surda na versão portuguesa. Por último, discutem-se os resultados, refletindo sobre a sua validade para a população surda. No capítulo final, apresentamos a conclusão da investigação.

Este trabalho foi redigido ao abrigo do novo acordo ortográfico.

Parte I - Enquadramento Teórico

Capítulo I – Perspetivas sobre surdez

Neste capítulo, cujo objetivo é dar a conhecer a pessoa Surda, reúnem-se diversos estudos, através dos quais fica explícito o modo de Ser Surdo, a forma como uma pessoa surda vive a sua maneira-de-ser-no-mundo (entre ouvintes e surdos), assim como a sua experiência relacional com a cultura surda, incluindo com a língua gestual. Também procuramos compreender dois pontos de vista diferentes, o dos surdos e o dos ouvintes, e como são vistos a surdez e a pessoa Surda, numa interação que, frequentemente, ocorre como um choque cultural.

Neste capítulo procuramos ainda compreender a construção da identidade da pessoa surda. A sua trajetória, a forma como foi educada na relação com a família, o seu percurso escolar e a experiência vivida no seio da comunidade surda são os fatores que influenciam a identidade, embora cada surdo tenha a sua própria experiência, diferente da dos outros surdos (Moura, 2000).

1. Perspetivas dos modelos relacionados com a surdez

No âmbito da surdez os estudos, em geral, levam em consideração, sobretudo, a forma como o Ser Humano tenta superar os obstáculos associados à perda da audição, pela vivência de um espaço e de uma experiência visual onde se permite ser ele próprio, um surdo ou um deficiente auditivo. Faz parte da sua vivência o facto de que os seus olhos são os órgãos valorizados na “recolha” da informação que o rodeia. Embora o contacto visual seja o ponto mais importante de se considerar para quem se define como surdo/deficiente auditivo, na realidade, é controversa, para a generalidade dos estudos, a definição dos termos sobre a surdez: surdo ou deficiente auditivo? (Amaral, 2006; Lane, 1997). A verdade é que ambos têm o mesmo significado, abrangendo todos os tipos de qualidade da perda de audição e causando, à partida, a perda do acesso do som e da língua falada. No entanto, a surdez e a deficiência auditiva associam-se a visões diferentes, que representam dois mundos distintos: o do surdo e o do ouvinte. É importante salientar esta diferença, para explicar e compreender a maneira como podemos tratar uma pessoa com perda da audição.

Um surdo, normalmente, é um individuo que acredita na natureza da sua maneira de ser, onde se inclui a forma como valoriza a língua gestual e se insere na comunidade surda; trata-se de um ser humano autêntico, não de um doente, reduzido à

sua patologia ou deficiência (Cerqueira, 2010, Hauser, Mckee, O’Hearn, Steider, & Thew, 2010, Jokinen, 2006, Ladd, 2008, Ladd , 2013).

Um deficiente auditivo relaciona-se na mesma com as pessoas surdas, mas sobretudo aquelas que perderam a audição em idade tardia procuram estratégias para a melhoria da sua audição, por exemplo através da leitura labial, ou da utilização de aparelhos auditivos ou implantes cocleares (Branco, Caroça, Henriques, Moreira, & Paço, 2010). Mesmo assim, ainda são considerados como surdos (Andrade, Bosi, Machado & Nóbrega, 2012; Gesueli, Glammelaro, & Silva, 2013; Lane, 1997; Schilinger, 2012).

A deficiência, em geral, de acordo com a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (2008), “(...) resulta da interação entre pessoas com incapacidade e barreiras comportamentais e ambientais que impedem a sua participação plena e efetiva na sociedade em condições de igualdade com as outras pessoas” (p. 4918). Contudo, a forma como entendemos o conceito e deficiência tem surgido com pontos de vista diversificados, na sociedade, no modo como se veem as pessoas com deficiência que geralmente são consideradas como “incapacitadas” e “doentes”. Porém, isso é falta de sensibilização por parte da sociedade, no que diz respeito à forma como se pensa nas pessoas com deficiência.

As pessoas com deficiência, em geral, têm consciência das suas dificuldades e das barreiras com que se confrontam no quotidiano e na sociedade, mas não se veem como deficientes, veem-se antes como seres humanos (Bergamo & Santana, 2005).

Segundo Lane (2006), criou-se uma ampla reflexão a partir de uma questão feita pelo “professor”, relacionada com a ideia de que uma pessoa surda é uma pessoa com deficiência auditiva. A resposta deste professor – o “Senso Comum” – remete a problemática tanto para as pessoas ouvintes tanto como para as pessoas surdas. Com esta questão, abordamos a temática da própria identidade. As pessoas surdas também são controversas no que diz respeito a si próprias, ser deficiente auditivo ou ser surdo. Muitas pessoas surdas têm dúvidas relativamente à sua identidade, quer numa perspetiva do Eu que proporciona a sua experiência, como no que se refere ao ambiente linguístico. A palavra deficiência auditiva é, sobretudo, utilizada pelos médicos, profissionais da área de investigação da saúde, pessoas que têm pouco conhecimento, em geral, sobre a comunidade surda (Lane, 1997; Ladd, 2013; Martins, 2005; Schilinger, 2012).

Com um profundo respeito pela Comunidade Surda, neste estudo chamaremos apenas surdos, incluindo neste termo não só aqueles que são surdos, como pessoas ensurdecidas tardias, desde que gestuantes, e investigadores surdos.

Dentro das perspectivas sobre surdez, podemos referir três modelos que descrevem a forma como se trata o grupo “minoritário” ou seja, a comunidade surda: modelo médico; modelo social e modelo cultural (Glickman, 1993; Leigh, 2009; Martins, 2008; Moura, 2000). O modelo médico procura a prevenção ou a cura de doenças, o tratamento dos sintomas e a melhoria das capacidades funcionais. Em relação à surdez, este modelo considera-a como falta da audição, tendo de ser tratada como uma patologia. Subsequentemente, a pessoa surda procura a normalidade e superar a sua patologia. O resultado dessa procura, a cura, será tentar tornar-se igual a um ouvinte.

Martins (2008) descreveu os diferentes pontos de vistas, baseados na forma como os surdos veem os ouvintes, e vice-versa, considerado como o modelo social. O surdo vê o ouvinte a partir de dois pontos diferentes, através das suas atitudes positivas e negativas. A atitude negativa é aquela que considera o ouvinte como superior, devendo o surdo seguir a oralidade, para se tornar igual a ele. Este surdo partilha os preconceitos e as vivências traumáticas associados à proibição do uso de língua gestual.

Pelo contrário, há aquele que está sensibilizado pela vivência do surdo, respeita e ajuda na luta pela defesa da sua língua natural e pela permanência na comunidade surda. Esta é a atitude positiva.

No entanto, e para além destas perspectivas, o ouvinte descreve o surdo através dos seus aspetos negativos, tais como “deficiente, anormal, inferior, limitado, pouco inteligente, dependente, um coitadinho” (Martins, 2008, p. 14). Esta discriminação está intimamente relacionada com o modelo da sua sociedade. Segundo Humphries (1996, 2004, 2008, citado por Leigh, 2009) os observadores ouvintes que buscam estudos sobre a cultura surda, interagem pouco com o grupo “minoritário”, equivocadamente consideram que a comunidade surda é “incompleta”, por não ter acesso à língua falada e pelos mal-entendidos e incompreensões que surgem, devido à falta de audição.

Subsequentemente, neste sentido, a maior parte das pessoas chama deficiente auditivo àqueles que não se adaptam bem à sua surdez ou que ensurdeceram numa idade tardia, reforçando o seu esforço de ser igual à sociedade. Esta visão é considerada ignorante acerca do conhecimento geral sobre a pessoa surda, e impede uma criança surda de conhecer o dito surdo como um modelo adulto com o qual se possa identificar.

Ao tratar isto como um choque cultural (Martins, 2008), verifica-se uma interferência entre duas culturas, por exemplo crianças surdas com pais ouvintes procuram os seus pares surdos onde se sentem bem com a língua gestual.

O conceito de “audismo”, introduzido pela primeira vez nos anos 70 por Humphries (Bauman, 2004), vê com controvérsia a sua definição. O termo refere-se a discriminação para com pessoas surdas, na forma como foram oprimidas e rejeitadas devido ao seu modo de ser surdo e ao seu direito de ter uma vida normal, tal como as pessoas ouvintes. Para já, a definição de Humphries (1975, citado por Bauman, 2004, p. 2) é “a noção de que alguém é superior com base na sua capacidade de ouvir ou de se comportar como ouvinte”. Lane (1997) ampliou o conceito de “audismo”, juntamente com a obra do filósofo Michel Foucault, definindo a forma como se trata as pessoas surdas a partir do “modo como os ouvintes dominam, se reestruturam, e exercem a autoridade sobre a comunidade surda” (Lane, 1997, p. 45). É o caso, por exemplo, da perspectiva dos médicos e das políticas educacionais que alegam que, no interesse superior dos surdos, eles devem comportar-se de determinada maneira, viver com valores idênticos e comunicar de forma igual à sociedade ouvinte (Menezes & Pinho, 2013).

Um estudo recente (Bahan, Bauman, & Montenegro, 2008) veio ampliar o conceito de “audismo”, relacionado com quatro fatores: família, cura, educação e resistência. No seu filme documentário, diversos testemunhos de surdos relatam vivências e experiências relacionadas com a discriminação “audista” nestas quatro áreas.

Em relação à família, coexiste a problemática da comunicação. De acordo com Bahan, Bauman e Montenegro (2008), 69% das crianças surdas cujos pais não comunicavam com elas em língua gestual, viviam isoladas e rejeitadas no seu ambiente familiar. No que se refere a cura, é referida a procura de uma “cura” e de “milagres espirituais”, ligados à medicina e/ou à religião, para que o surdo possa voltar a “ouvir”. Todavia, esta área também se relaciona com o procedimento médico e com o avanço das novas tecnologias, que procuram a melhoria da audição. Quanto à educação de surdos é mostrada a dificuldade dos surdos no processo de aprendizagem, principalmente antes de permitirem a utilização da língua gestual. Muitos adultos surdos relatam ter sido ensinados a falar somente para se tornarem iguais aos ouvintes, através do método oralista. Além disso, os surdos também revelam dificuldades na língua escrita, não só devido a pedagogias desadequadas, mas também porque as línguas

gestuais possuem uma estrutura gramatical bastante diferente. A última área, resistência, é definida pela convicção assumida pelo surdo em querer ser igual ao ouvinte. Um bom exemplo desta resistência foi o marcante protesto na história da comunidade surda, o movimento *Deaf President Now*, em 1988, na Universidade de Gallaudet, nos EUA. Esta universidade, conhecida mundialmente por se dedicar quase exclusivamente aos estudos surdos, tinha sido, desde sempre, liderada por reitores ouvintes. Com aquele movimento contestatário, os surdos conseguiram a demissão do último reitor ouvinte e a sua substituição por um reitor surdo. O protesto de Gallaudet serviu para mostrar que os surdos são capazes de lutar por uma liderança surda.

Um encontro entre surdos é fundamentalmente a formação de uma comunidade surda, onde importam as experiências visuais, a língua gestual como alicerce principal e ainda a troca de informações claras sem barreiras de comunicação, partilhadas com outros membros com quem se fortalece uma união para lutar pelos seus direitos, na perspetiva do modelo cultural. Tornar-se membro da comunidade surda é expor-se a uma forma de compreensão pelo ser culturalmente surdo, passando pela experiência de o ser e conviver muitos anos com surdos, desde a escola à participação em atividades ou encontros organizados por surdos (Johnson, 2011; Lustrae, s.d.; Martins, 2005; Morais, 2013; Moura, 2000). A comunidade é ainda considerada como um mundo surdo, onde é eliminado o modelo médico (patologia / surdez que precisa de cura). Neste sentido, as pessoas surdas têm em comum as histórias de vida, a língua, as políticas sociais e outros sentimentos comuns, como a importância dada à transmissão de saberes entre gerações (Bergamo & Santana, 2005; Ladd, 2013; Lane, 1997; Martins, 2005).

A comunidade surda é composta por diversos grupos: surdos fortes e orgulhosos, surdos parciais, CODAs (*children of deaf adults*) surdos e ouvintes, profissionais que trabalham com surdos, seus familiares e amigos (Jokinen, 2006), desde que vivenciem o fenómeno da cultura surda.

Os estudos sobre cultura surda surgiram a partir dos anos 70. Mais tarde, em 1988, Humphries (1988, citado por Leigh, 2009) publicou um livro que é, até hoje, uma obra de referência para a comunidade surda. Este autor elucida como a cultura surda é, evidentemente, influenciada pela dimensão da experiência visual, sendo a língua gestual a sua língua natural, materna e primeira, especialmente para surdos expostos a experiências visuais no seu ambiente natural. A cultura surda identifica-se com o modelo minoritário, no qual se reflete a sua diferença, uma maneira distinta de ser e não um *deficit* no grupo maioritário. O problema deste grupo não é a falta da audição, mas a

luta contra as barreiras e as expectativas da sociedade ouvinte (Allen et al, 1998; Bauman & Murray, 2010; Gomes, 2010; Ladd, 2005; Leigh, 2009; Loughran, 2013; Sacks, 2011).

Necessitamos de conhecer a cultura surda; esse conhecimento é importante para a evolução dos estudos, em geral, sobre a surdez e a comunidade surda, devendo iniciar-se à luz da história de surdos.

Pela primeira vez, em meados do século XV (Ladd, 2005), os estudos incidiram sobre a educação de surdos, especificamente sobre a evolução dos métodos de ensino aplicados a crianças e jovens surdos, a evolução na área da medicina, as descobertas do problema da ausência de audição e a evolução dos aparelhos auditivos (Carvalho, 2007; Lane, 1997; Martins, 2008).

Após o Congresso de Milão, realizado em 1880, a língua gestual foi proibida (Carvalho, 2007, 2011; Lane, 1997; Moura, 2000), sendo esta época considerada a mais obscura, para a história da comunidade surda. O conflito começou ao nível do sistema educativo: professores e educadores, surdos e ouvintes, divididos, debatendo os métodos mais adequados para as crianças surdas - oralismo ou língua gestual. Qual o melhor método para o seu desenvolvimento e aprendizagem?

Perante esta situação, os surdos começaram a organizar encontros privados, onde discutiam e partilhavam reflexões sobre o seu quotidiano e trocavam informações, preservando assim o recurso à sua língua gestual (Ladd, 2011). Depois da restrição sobre a língua gestual, demorou muito tempo até se comprovar que a língua gestual é fundamental para a comunidade surda, assim como para o desenvolvimento do indivíduo surdo.

Na década de 60, William Stokoe, considerado como “o pai da linguística das línguas gestuais” publicou o livro *The Sign Language Struture* (Carvalho, 2007). Com este livro, Stokoe mostrou que a língua gestual representa a forma e a estrutura gramaticais equivalentes à da língua falada.

A partir daí, começam a fundar-se associações de surdos com o objetivo de promover encontros entre surdos, onde estes podem comunicar livremente na sua língua, prevenindo, assim, o isolamento, promovendo o seu desenvolvimento comunicativo e alcançando a sua autonomia e sobrevivência. Segundo Carvalho (2007) e Ladd (2013), surpreendentemente, comprova-se que os surdos tendem a preservar a língua gestual, mesmo na altura da proibição da sua utilização, promovendo assim o encontro, às escondidas, somente entre surdos. Normalmente, nesses encontros entre

surdos, o local enchia-se de alegria, pois os surdos sentiam-se vivos em grupo, chegando a vir de muito longe, num esforço para conviver entre si (Gesueli, Glammelaro, & Silva, 2013). Graças à existência de uma associação de surdos o contacto entre surdos com faixas etárias diversificadas é valorizado, sendo por isso fundamental conhecer a maneira de ser surdo adulto como modelo para as crianças, e de ser modelo de líder para jovens surdos. A convivência e a participação entre surdos é muito importante para um indivíduo surdo, sobretudo quando acontece desde tenra idade, facilitando a aquisição de conhecimentos da língua gestual, da cultura, dos valores e dos costumes da comunidade. A evolução das tecnologias, traduzida num aumento de aplicações para os telemóveis, bem como a utilização na internet, têm vindo a causar uma diminuição do convívio entre surdos, nas associações (Loughran, 2013; Martins, 2005, 2008; Morais, 2013).

A diferença entre surdo no modelo cultural com valor na comunidade surda e deficiente auditivo no modelo médico como uma patologia fazem parte do quotidiano para o grupo minoritário, dependendo da forma como um surdo pensa a sua maneira de ser e como os ouvintes pensam nos indivíduos surdos. Nestes modelos são os pontos de vistas reconhecidos e têm o mesmo significado para alguém com a perda de audição. Para além disso, há um sentido oposto à visão para a sociedade em geral para quem opta pelo processo de educação e aquilo que representa a designação do surdo: língua gestual e oralismo; de preferência em estar com o grupo: surdo ou ouvinte.

No subcapítulo seguinte, vamos falar da intencional relação do surdo com a família e a educação. É fundamental para conhecer as diferenças entre as perspetivas no modelo na escolha desta relação.

2. Dimensão na Relação com a Família e com a Escola

Neste capítulo, vamos falar sobre a vivência da pessoa surda, da sua relação com a família, com outros surdos e ainda sobre o seu percurso académico, que no geral, inclui a educação de surdos e a importância que isto tudo representa na sua vida. Começamos, assim, por referir a família é fundamental para o desenvolvimento humano, num conjunto de relações construídas a partir da educação e da interação que dependem do afeto e da comunicação envolvida no ambiente familiar. Lane propôs uma questão fundamental na perspetiva da relação com a família: “De que modo a criança surda desenvolve a sua própria personalidade, no seio de uma família ouvinte?” (1997,

p. 94). Partimos dessa questão para partilhar uma ampla reflexão, considerando que apenas uma resposta vaga estará certa. Evidentemente, depende dos casos, da relação estabelecida entre crianças surdas e os seus pais ouvintes, principalmente da escolha deles relativamente à educação, à reabilitação auditiva e à utilização da língua gestual. Sendo que esta reflexão é crucial para perceber o desenvolvimento de uma criança surda no seu contexto linguístico.

Os primeiros estudos sobre a relação entre pais e filhos surdos surgiram nos anos 70 (Cortinhas & Silva, s.d.; Feher-Prout, 1996; Nunes, 2009; Françaço, 2003). Neles referem-se as reações negativas por parte dos pais ao descobrir a surdez dos seus filhos, salienta-se o choque inicial e a sua vivência com os sentimentos de incerteza sobre o futuro da criança surda. Esse facto continua a ser pertinente nos dias de hoje, uma vez que entre 90 a 95% das crianças surdas têm pais ouvintes (Amaral, 2006; Bat-Chava, 2000; Cortinhas & Silva, s.d.; Cromack, 2004; Feher-Prout, 1996; Françaço, 2003; Glickman, 1993; Hauser et al, 2010; Hoffmeister, 2009; Ladd, 2013; Lane, 1997; Leigh, 2009; Sacks, 2011; Singleton & Tittle, 2000; Parasnis, 1997).

É de considerar que, para os pais, haja um impacto que modifica o ambiente da relação familiar, ao descobrir que o seu filho é surdo, sobretudo, quando o assunto é revelado como um processo inevitável e imprevisível. Assim, a adaptação à surdez de um filho constitui-se por fases, desde o choque à aceitação. Cortinhas e Silva (s.d.), Feher-Prout (1996) e Lane (1997) mostram que se tratam apenas de etapas que passam, dependendo da consciência dos pais, relativamente à recolha de diversas informações no âmbito da surdez. Os estudos desenvolvidos revelam que o primeiro impacto envolve um turbilhão de sentimentos tais como raiva, recriminação e hostilidade (Ricou, 2006). Leva algum tempo para adaptar esse olhar à realidade, procurando as estratégias melhores, dependendo da forma como os pais educam e da sua aceitação ou não no que diz respeito à inserção da língua gestual nas vidas das crianças surdas.

Em relação à reabilitação auditiva, também uma decisão da família, existem duas escolhas com aspetos distintos, ambos relacionados com o treino da fala e da leitura labial: aparelho auditivo e implante coclear, dependendo do grau de surdez, da personalidade do surdo e da forma como se sentirá no seu modo de ouvir.

O aparelho auditivo elétrico é um aparelho que tem um sistema com um sinal-ruído, que permite ao surdo ouvir à sua volta. Este aparelho reforça o treino da audição, tendo de começar a utilizar-se desde cedo, para habituar o organismo à identificação de estímulos sonoros (Branco et al, 2010; Carvalho, 2011).

O implante coclear é um processo cirúrgico através do qual se procura estimular as células nervosas do ouvido interno. É considerado para conseguir praticar a audição do que está em volta, não é o mesmo que ouvir. São ambos indicados no modelo médico, cujo objetivo é a melhoria da audição, embora aqueles que os usam sejam considerados, na mesma, como surdos (Branco et al, 2010). No entanto, o implante coclear é controverso, especialmente quando corresponde, na prática, a ser negado às crianças surdas o direito de uso da língua gestual.

Estudos sobre a educação de surdos na Suécia, mostram a importância de manter a língua gestual nas crianças implantadas, quer consigam ouvir ou não. Portanto, sem ser adquirida essa língua, sofrem-se as consequências e as dificuldades no desenvolvimento global e na aprendizagem pedagógica (Carvalho, 2011), o que também se aplica às crianças implantadas que, como foi referido antes, são consideradas surdas.

Na realidade, segundo o modelo médico, raramente os profissionais de saúde aconselham aos pais a conhecerem a comunidade surda (Hauser et al, 2010; Lane, 1997; Parasnian, 1997). Não referem o contacto com adultos surdos como fundamental, enquanto modelos socioculturais e transmissores da língua gestual como uma língua materna, para que esta possa ser adquirida naturalmente, o que é assaz importante para o desenvolvimento da criança surda (Ladd, 2011; Lane, 1997).

A língua gestual é uma forma da comunicação concreta e verdadeira (Amaral, 2006; Cerqueira, 2010; McIlroy, 2008; Pizzio & Quadros, 2010; Souza, 1998). Contém uma estrutura gramatical com base nas expressões faciais, nos movimentos das mãos, e constitui a língua mais rica para os surdos de todo o mundo. Mais uma vez, os próprios pais ouvintes deviam valorizar e aceitar a utilização da língua natural da criança, incluindo-a no ambiente da família, desde que aprendam a comunicar com ela (Françoze, 2003; Nunes, 2009; Schilinger, 2012). Segundo Carmo (2010, p. 24), investigadora surda portuguesa, as línguas gestuais de cada país,

são hoje consideradas como verdadeiras línguas naturais tal como as línguas faladas, pertencentes à comunidade Surda. São línguas porque obedecem igualmente a regras gramaticais e fazem parte de um conjunto linguístico (...) No caso de Portugal temos a Língua Gestual Portuguesa que só em 1997 foi reconhecida na Constituição da República Portuguesa como uma língua oficial.

É ainda importante manter contacto com adultos Surdos, fluentes em língua gestual, considerados como modelos exemplares para as crianças de forma a possuírem

os conhecimentos culturais, como o teatro e a literatura de surdos, e ainda as estruturas linguísticas adequadas (Amaral, 2006; Morgado, 2011).

É de salientar que, ao observarmos os comportamentos linguísticos e a sua aquisição nas crianças surdas, reparamos que adquirem natural e espontaneamente a sua língua materna, segundo o neurocientista Sacks (2011) no seu livro “Vejo uma voz – Uma viagem ao mundo dos surdos”, considerado como um ponto de viragem, um testemunho na descoberta das essências e das vivências que existem e contribuem para a cultura surda. Este autor descreveu a diferença entre uma criança surda com aquisição tardia da língua gestual e uma que adquiriu precocemente a língua gestual, ambas filhas de pais ouvintes. A primeira criança, do género masculino, ficou surdo desde o nascimento. Aos onze anos de idade, o autor conheceu-o na escola de surdos e percebeu a sua dificuldade em ser exposto à língua gestual, paralelamente à língua falada. A sua comunicação era, praticamente, medíocre, pois notava-se a dificuldade em compreender uma pergunta em língua gestual (à qual não deu uma resposta, como se esperava). Para Sacks (2011), é relevante que, se uma criança surda não adquirir mais cedo a sua língua materna, isto pode tornar-se “perigoso” (p. 76), tendo problemas em controlar as suas emoções, sentindo-se incompreendida e com dificuldades em formar uma linguagem estruturada.

O outro caso é de uma criança surda, de género feminino, de seis anos, tal como a primeira, surda de nascença. Ela aprendeu logo nos primeiros meses a língua gestual, tendo o seu ambiente familiar tornando-se bilingue, visto que os seus pais comunicavam naquela língua. Apesar do choque dos pais, ao saber da sua surdez, enquanto processo inevitável, o de aceitar que a criança é surda, ambos tiveram de procurar alternativas para comunicar com a criança, além do uso de aparelhos. Eles perceberam que, afinal, a língua gestual não é uma opção para a criança, mas sim, aquela que é adquirida naturalmente, não sendo necessário um esforço para a aprender, tal como acontece com uma criança ouvinte. Segundo o autor, a criança tem uma experiência visual mais rica, procurando explorar o mundo e questionar a existência nos objetos por ela própria, “recolhendo” com os olhos as informações, da mesma forma que faz a criança ouvinte.

Como vimos, existe uma diferença na forma de interação daquelas duas crianças. Verifica-se como é importante para a criança surda ser exposta à sua língua logo desde o seu nascimento ou quando descobrem que esta é surda. Comprovam-se, ainda, através de estudos acerca da aquisição de linguagem, na área da linguística, por Carmo (2010) e Pizzio e Quadros (2010), afirmações que indicam a existência de fases de aquisição e

desenvolvimento da língua gestual nas crianças surdas, sendo as primeiras fases semelhantes às das crianças ouvintes, na altura em que balbuciam as primeiras palavras orais: período pré-linguístico (desde a nascença até por volta dos 14 meses, fase em que a criança surda adquire uma língua gestual através do seu ambiente natural); estágio de um gesto (entre os 12 meses e os 2 anos de idade, em que se criam os primeiros gestos, tal como as palavras, ainda sem sentido); estágio das primeiras combinações (produz as primeiras frases de 2 ou 3 palavras) e estágio das múltiplas combinações (entre os 2 e os 3 anos, em que a criança surda começa a utilizar mais vocabulário para se exprimir).

Bat-Chava (1993, citado por Hauser et al, 2010, p. 6) descreve os três fatores necessários para uma melhor autoestima e uma atitude mais positiva das crianças e adolescentes surdos:

- (a) pais que têm uma atitude positiva em relação à surdez; (b) a existência de uma comunicação clara e acessível dentro de casa; e (c) a identificação com outras pessoas dentro da comunidade Surda, por parte da criança ou adolescente surdo associada à posse de um forte sentido da língua e do património enquanto membro de um grupo cultural vital.

Neste sentido, é diferente a relação entre pais surdos e filhos surdos e pais surdos e filhos ouvintes, pois, eles encaram a sua cultura e a sua língua desde o início da sua vida, adquirindo logo à partida os valores e as experiências relacionados com a cultura surda. Contudo, é fundamental que toda a família adapte o ambiente e a língua gestual à criança surda, para que ela sinta a inclusão familiar.

A educação de surdos, especialmente a bilingue, em que concorre a aquisição da língua gestual portuguesa e da língua portuguesa (na modalidade de leitura e escrita), também é importante para o desenvolvimento da criança surda, pois promove a aquisição natural da primeira língua e a aprendizagem precoce da segunda, de forma a facilitar a estruturação intelectual (Almeida, 2009; Estrada, 2009; Freire, 2013). Nas escolas onde existem crianças surdas devia haver sempre um educador ou um docente surdo moderadamente fluente em língua gestual portuguesa para que as crianças possam ter a hipótese de adquirir a sua primeira língua naturalmente e assim, em consequência, desenvolver o nível das aprendizagens e de compreensão com mais facilidade, participando nas várias atividades pedagógicas. Morgado (2011), docente surda portuguesa, escritora de livros infantis dirigido especialmente a crianças surdas, mostra a importância do docente surdo como contador da história de vida da criança: “1.

Possuir uma visão do mundo totalmente visual, diferente da dos ouvintes; 2. Ter identidade surda, por ter a experiência de ser surdo; 3. Ser falante nativo de Língua Gestual, tendo-a adquirido como primeira língua” (p.13).

Como entendemos a língua gestual culmina o desenvolvimento pessoal do surdo. Tal importância devia ser evidente para os pais ouvintes que deviam aceitar esta língua natural da criança surda e segunda língua para eles. A designação depende do que os pais acham melhor para o filho surdo, mas é importante aceitar a maneira do filho tal como ele é, surdo, vivendo num mundo de experiência visual. Quanto à educação de surdos também tem a sua importância o uso da língua gestual e a presença de um adulto surdo, um modelo de modo-de-ser surdo para dar influências positivas no futuro tal como é.

Contudo, foi referido no subcapítulo anterior, os modelos que estão relacionados à educação e a relação com a família. São contextos interligados para a construção da identidade no indivíduo surdo dando importância à sua relação com o grupo com quem pretende e a modalidade de comunicar que escolha.

Capítulo II - Construção da Identidade Surda

1. Identidade Surda

A definição da identidade, em geral, envolve várias áreas estudadas: Psicologia, Sociologia, Filosofia, Etnologia. Segundo Leigh (2009), “a identidade é uma construção cognitiva social complexa e em desenvolvimento que engloba uma variedade de características ou componentes de identidade que liga a pessoa a determinados grupos sociais” (p. 4).

A identidade pressupõe a ligação entre o indivíduo e um determinado grupo social, dando importância ao desenvolvimento individual. Para Castells (2003), o processo da identidade descreve a biografia do indivíduo através das suas experiências, memórias, vivências e fantasias pessoais, em que estão enraizados os projetos culturais e mais significativos da sua vida e a sua determinação social.

Cerqueira (2010) apresenta a teoria de Erikson (1959), identificando três aspetos na psicologia do desenvolvimento da identidade adolescente:

- 1) A definição de *self* – características através das quais cada um de nós se reconhece e os outros nos reconhecem; 2) o contexto

social e histórico mediante o qual os diferentes aspetos da personalidade se constituem como um todo; 3) a coerência da personalidade e o senso de continuidade no tempo que permite ligar o passado, o presente e o futuro nos múltiplos contextos que o indivíduo vai integrando (Cerqueira, 2010, pp. 9-10).

Reagan (2002, citado por Leigh, 2009) classifica os dois eixos interativos, descrevendo o processo de construção da identidade através de uma abordagem narrativa: diferença entre construção pessoal e social e distinção entre construções individuais e construções éticas. Nesta abordagem, os processos de formulação e alterações da identidade são examinados de modo a perceber como os indivíduos descrevem as suas histórias de vida e as influências que tiveram na sua identidade.

Os primeiros estudos sobre as identidades surdas centravam-se especialmente nas filosofias educacionais e no grupo linguístico como pontos fundamentais para o desenvolvimento da criança surda, quer em termos da aprendizagem quer na forma de se tornar um membro da sociedade. A partir de meados do século XIX, ampliaram-se cada vez mais os estudos sobre a identidade, especialmente nos surdos.

A definição de identidade surda não tem um ponto de consenso, e nomear o conceito já é causa de discrepâncias de visões diferentes, relativamente à personalidade de um surdo. A identidade surda tem a ver com a questão da língua, da política e da pessoa que narra uma experiência partilhada, uma determinada vivência e o efeito que lhe provocam as barreiras da sociedade majoritária sobre o grupo minoritário.

A subjetividade é construída a partir de duas características: experiência de histórias vividas e construção de valores/princípios da pessoa surda (Rosa, 2012; Schilinger, 2012), relacionando-se assim com as questões desta reflexão: como começa o surdo a sua relação com a comunidade surda; o que vê ele noutro surdo; o que pensa ele da sua língua gestual considerada como língua materna, o que pensa e sabe ele sobre a cultura surda; o que pensa quando está perto de ouvintes. A identidade é sobretudo uma opção de cada indivíduo que se relaciona com a sociedade. Normalmente o encontro entre surdo-surdo trata-se como se fosse um espelho (Rosa, 2012). É uma experiência sentida e marcante porque partilham os costumes, a língua e os valores referidos na cultura surda. É uma identidade cultural. A cultura surda prepondera sobre todos os aspetos associados à maneira como um surdo age e comunica fluidamente na sua língua.

Segundo Jokinen (2006), a identidade poderá ser “classificada” segundo quatro dimensões: surdo com orgulho, surdo, surdo entre dois mundos e surdo oralista. Nesta dimensão, qualquer surdo pode ser líder. Porém, um líder surdo destaca-se mais se detiver os seguintes pontos fortes no seu perfil: possuir um conhecimento profundo sobre a cultura surda, conhecer vários surdos de diferentes zonas, frequentar as associações de surdos, ser fluente em língua gestual, utilizando-a na sua forma pura e natural; reconhecer os seus direitos e deveres enquanto cidadão surdo dentro da comunidade surda. De acordo com Moraes (2013), a identidade surda não se desenvolve especificamente nas pessoas surdas não gestuantes, ela parece ser adquirida apenas através do contacto com as pessoas surdas.

A partir da definição de identidade, enquanto “processo construído socialmente que é expandido sobre a relação entre experiências passadas e presentes” (McIlroy & Storbeck, 2011, p. 477), aqueles autores afirmam que a jornada da identidade de uma pessoa surda é construída, tradicionalmente, a partir de duas opções: (1) em que ela é vista como deficiente auditiva, adaptando-se por meio do modelo médico, o que indica que ela se esforça para ser igual a um ouvinte e que recorre, por isso à língua oral; 2) na segunda opção, escolhe ser membro da minoria cultural e linguística, que é diferente, sendo, assim, considerada consoante um modelo social, em que o indivíduo opta por defender os seus direitos enquanto cidadão surdo. Ambas as opções “são antagonistas de longa data na construção da identidade seja no modelo médico, seja no social” (Mollry & Stobeck, 2011, p. 496).

Segundo Rosa (2012), a identidade surda pode ser modificada, se o indivíduo estiver predisposto a mudar-se para outro grupo. Experiências já vividas por muitos surdos relatam a sua trajetória com pessoas ouvintes e a descoberta posterior da comunidade surda, que os faz sentirem-se automática e espontaneamente parte deste grupo.

2. Diversos Modelos nos Estudos da Identidade Surda

Até meados do século XIX, a maioria dos estudos sobre a surdez centrava-se especificamente sobre a preocupação face à língua e à cultura minoritária das pessoas surdas. A identidade da pessoa surda que, como foi referido significa uma aproximação entre surdo-surdo, uma partilha comum associada à língua, aos valores, ao convívio, à cultura e a uma “segunda” família. A partir daí, começa a construção da identidade,

determinada para a pessoa surda pelas formas de contacto com a comunidade (Andrade et al., 2012; Chen, 2014; Schilinger, 2012).

A ênfase dos termos “surdo” e “Surdo” está relacionada com o conceito de identidade, embora sob alguma controvérsia. Esta terminologia, proposta por James Woodward (1972 citado por Ladd, 2011/2013) considera que Surdo (com maiúscula) se aplica ao indivíduo surdo que compartilha integralmente a língua e a cultura e que possui uma identidade forte na comunidade. Já surdo (com minúscula) é indicado para uma pessoa com deficiência auditiva que não adquiriu precocemente a sua língua natural, que cresceu no mundo do oralismo, que tem pouco conhecimento sobre a comunidade surda e que tem dificuldade em aceitar-se enquanto surdo. Por vezes, é considerada como uma pessoa que vive dividida, com dúvidas relativamente à sua identidade. Ladd (2005) desvaloriza esta distinção e opta por utilizar apenas o termo surdo, com letra minúscula.

Um dos primeiros estudos sobre esta questão decorreu na década de 70, por Ben Schowe, estando descrito no seu livro “Crise da identidade com surdez: Os padrões de comportamento” (Chen, 2014; Glickman, 1993; Johnson, 2011; Leigh, 2009). Neste estudo verificaram-se respostas negativas na relação com ouvintes. Estes padrões precederam o modelo de desenvolvimento da identidade surda, como por exemplo Culturalmente Ouvinte, Marginalizado e Bicultural (Glickman, 1993 e Leigh, 2009). O Padrão de comportamento 1 consiste na rejeição das pessoas surdas pelo mundo ouvinte, iniciando o convívio apenas com pessoas surdas. O Padrão de comportamento 2 indica um surdo marginalizado que vive confortável entre as pessoas ouvintes, ainda que se possa sentir rejeitado, ou rejeitar a sua surdez. Esta evidência demonstra uma confusão na sua identidade, recusando-se em entender a sua surdez; manifesta sentimentos negativos tais como ódio por si próprio, ansiedade e ressentimento debilitante. Por fim, o Padrão de comportamento 3 contempla a aceitação total entre surdos e ouvintes.

Para além dos padrões comportamentais, Leigh (2009) mostrou que a identidade surda possui, na sua base, a teoria das seis fases do desenvolvimento proposto por Breda Carty, dando importância à compreensão do processo de organizar a vivência surda. A primeira fase, da “Confusão”, decorre, geralmente, quando a criança surda se percebe como diferente da sua família, o que pode resultar em sentimentos de frustração, raiva, e culpa, considerados como a segunda fase, dependendo da relação da criança surda com a família, e se esta sente dificuldade de compreensão e de comunicação. A determinada

altura, começa a procura de informações sobre os surdos, iniciando-se a partir daí, a fase da “Exploração”, em que ele se associa ao grupo dos surdos. Ao entrar para o grupo, o indivíduo começa a sentir “Identificação” ou “Rejeição”, tal como um exemplo referido por Leigh (2009) “se uma pessoa surda se sente rejeitada pelos colegas ouvintes, o desejo de fazer parte da comunidade surda pode tornar-se evidente” (p. 24). Se observa um ambiente e uma percepção negativos, assim como preconceitos, no grupo com que se identifica, isto pode criar sentimentos de ambivalência, por exemplo se não for fluente em língua gestual. Por fim, a fase de “Aceitação” descreve quem se sente bem entre os dois grupos. Outro paradigma, o do Desenvolvimento da Identidade Racial, analisado por Glickman (1993), considera que há semelhanças com os grupos minoritários, onde se compartilham as experiências de viver oprimido com a sua escolha de identidade. Simultaneamente, Glickman (1993), que desenvolveu a teoria do desenvolvimento da identidade surda (na Tabela 1), incorpora as quatro orientações que contribuem para a investigação: culturalmente ouvinte, culturalmente marginal, imerso e bicultural. Segundo Glickman (1993), a teoria do desenvolvimento da identidade surda compreende os pressupostos da identidade na pessoa surda, relacionando-se com as opiniões e os pontos de vistas de ouvintes e surdos.

Tabela 1. *EDIS - Teoria do Desenvolvimento de Identidade Surda*

Orientações	Grupo de Referência	Opinião sobre surdez	Opinião sobre Comunidade Surda	Situação Emocional
Ouvinte	Ouvinte	Patologia	Desinformada & Estereotipada	Desespero, Depressão
Marginal	Troca entre grupos	Patologia	Muda de boa para má	Confusão e Conflito
Imersão	Surdo	Cultural	Positivo Não reflexivo	Raiva/ “apaixonada pela surdez”
Bicultural	Surdo	Cultural	Positivo, pessoal, integrado	Autoaceitação e orgulho no grupo

Esta tabela explicita de forma mais clara a Teoria do Desenvolvimento de Identidade Surda, segundo cada orientação da Escala do Desenvolvimento da Identidade Surda (Glickman, 1993, p. 111) e Leigh (2009)

Os modelos descritos a partir da Teoria do Desenvolvimento da Identidade Surda (Glickman, 1993; Glickman & Carey, 1993; Leigh, 2009) foram influenciados por diversos estudos sobre a identidade surda. Num deles, BatChava (2000) desenvolveu um estudo similar a esta teoria, em conjunto com a teoria da identidade social (Tajfel, 1981). A partir da posição no grupo minoritário, o objetivo é entender como é que o indivíduo deste grupo pode ter uma identidade social positiva. Este processo está associado a duas estratégias: mobilidade individual e mudança social. A primeira estratégia refere-se a quando o indivíduo surdo se assume como culturalmente ouvinte, isto é assimila a sua maneira de ser como um ouvinte. É o caso de muitas crianças surdas implantadas que crescem num ambiente de oralidade. A última estratégia, de mudança social, é o ponto de partida do indivíduo que assume a sua identidade no mundo surdo, participando do seu direito de ser surdo, dentro da comunidade surda. Neste estudo foi aplicado um questionário sobre identidade surda e outro sobre autoestima a uma amostra de adolescentes surdos, com um determinado relacionamento familiar e percurso escolar. Este autor utilizou três das orientações indicadas pela EDIS (Ouvinte, Imerso Surdo e Bicultural), rejeitando a Marginal, justificando o autor que esta não está relacionada com a história da vida escolar.

Há ainda estudos nos quais foram aplicadas as teorias da EDIS. Mollory e Stobeck (2011) introduziam o pressuposto do Modelo de Diálogo, com o objetivo de explorar etnograficamente a identidade surda, em termos biculturais, através do diálogo. Após a análise das entrevistas, procuraram-se os três tópicos que determinam as respostas que melhor se identificam com os modelos de Glickman (1993), que por sua vez são constituídas por subtemas: categoria de ser surdo (narrativa pessoal; inclusão versus exclusão e opção na comunicação); impacto da escola (avanços académicos, exclusão, orgulho e reconciliação) e identidade surda (autodescrição) (McIlroy & Storbeck, 2011). Apresentados os resultados, a maioria dos participantes revela não ter consciência de si próprio como sendo surdo, não se assumindo enquanto tal. Os testemunhos manifestam as dificuldades sentidas na área de comunicação, na sala da aula, revelando a maioria deles exclusão na interação social e sentimentos de insegurança que se desaparecem com a descoberta da comunidade surda.

Além do mais, o estudo de Nikoloraiz e Hadjikakou (2006) também é qualitativo, focando as respostas de cada participante na experiência existencial da identidade cultural, através do relato dos percursos educativos especialmente nos surdos com mais idade. Nos resultados apresentados vemos que a maioria dos participantes

demonstra ter identidade Surda. A pontuação foi mais elevada para os participantes com maior experiência na escola divididos entre turmas de surdos e ouvintes, do que em participantes cujas turmas eram só com colegas surdos. Já a identidade ouvinte aponta para os participantes que estiveram na escola só com colegas ouvintes. Por fim, a identidade bicultural está dividida entre duas experiências distintas: na escola com colegas ouvintes (com mais pontuação) e na escola integrados com colegas ouvintes e surdos (Hadjikakou & Nikolarazi, 2006).

Perlin (2001) desenvolveu quatro classificações para a identidade surda, através das quais demonstra que o encontro entre surdos num mesmo espaço envolve a experiência visual com as suas várias formas de diversidade. Ainda na opinião daquela autora, a identidade surda está relacionada com o facto de as pessoas surdas possuírem a língua falada e escrita antes de terem ficado surdas, ou perdido a audição. A partir de um sentimento de identidade fortemente implícito na sua integração com surdos, classificou a identidade surda em quatro tipologias: híbridas, de transição, incompleta, flutuantes.

A primeira tipologia, a identidade surda híbrida, define as pessoas surdas que se tornaram surdas após terem nascido ouvintes (diferente da identidade surda associada à experiência visual). Os surdos usam o português como primeira língua adquirida e depois passam a utilizar a língua gestual para comunicar com surdos. Um exemplo é o da experiência da própria autora que se identifica com esta tipologia:

Isso não é tão fácil ser entendido, surge a implicação entre ser surdo, depender de sinais, e o pensar em português, coisas bem diferentes que sempre estarão em choque. Assim, você sente que perdeu aquela parte de todos os ouvintes e você tem pelo meio a parte surda. Você não é um, você é duas metades (Perlin, 2001, p. 64).

Os surdos com uma identidade surda de transição, que vivenciam a sua experiência com ouvintes, vão-se transformar para ser membros da comunidade surda, ou seja, dão mais um passo na sua experiência como surdos quando entram para o mundo visual, depois de terem passado tempo com a comunidade ouvinte. É o caso de indivíduos surdos, filhos de pais ouvintes, o que evidentemente, marca a diferença na sua identidade.

A terceira é a identidade surda incompleta, que se apresenta em indivíduos surdos que “vivem sobre uma ideologia latente que trabalha para socializar os surdos de

maneira compatível com a cultura dominante” (Perlin, 2001, p. 64). É a preferência pelo surdo, no caso de ser oralizado, de viver em negação, oprimindo a língua gestual. Para além desta identidade, o indivíduo surdo esconde a sua surdez, não a aceita totalmente, vive em estereótipo na sua relação com a família, que o considera portador de deficiência. Ao contrário da identidade surda incompleta, a flutuante descreve surdos que têm uma identidade dividida, com uma forma de estar entre dois mundos, onde não se sentem adequados. Apesar de quererem ser como os ouvintes, apercebem-se das falhas na comunicação, dos métodos de oralismo utilizados nas escolas e da discriminação, contudo demonstram um sentimento de impotência. E ao mesmo tempo, partilham a sua existência com a comunidade surda, com o objetivo de esquecer as consequências da interação com o mundo ouvinte.

Porém, como entendemos e dissemos logo ao princípio, os estudos sobre a identidade surda são considerados, mais uma vez, contraditórios (Rosa, 2012). A realidade é que é difícil confirmar qual é a identidade de determinado surdo. Ela depende da experiência e da vivência de cada indivíduo, da sua integração no mundo, do seu desenvolvimento pessoal e da forma como defende a língua e a comunidade surda.

Em Portugal, existe uma lacuna na investigação, em particular de modelos e teorias que falem sobre a identidade surda na população surda portuguesa. Todavia encontramos dois estudos feitos por pessoas ouvintes. O estudo de Martins (2008), procura compreender a construção da identidade cultural em jovens surdos, especialmente sob a influência da educação bilingue, em conjunto com a teoria de Edward T. Hall (1994, citado por Martins, 2008; Martins & Morgado, 2012). Criou um inquérito com 100 questões adaptadas para os jovens surdos, quantifica-as entre o valor 0 e 1, ilustrando, assim, a identidade total e a identidade ilusória, construída por áreas: comunicação, língua, cultura, identidade, socialização, tempos livres e autonomia. A autora realiza o estudo com dois grupos de escolas de surdos diferentes. As diferenças entre os dois grupos são notórias em todas as áreas, em especial no que diz respeito à apropriação da cultura surda, à identificação enquanto surdo, ao desenvolvimento da autonomia, à destreza social na comunicação e ao gosto no uso da LGP. A diferença continuou a ser significativa, embora com menos relevância, nas áreas que acabam por ser mais abrangentes à faixa etária em si, como a socialização (diferença de 23%), as aptidões académicas (diferença de 20%) e a ocupação de tempos livres (diferença de 19%).

A conclusão do estudo de Martins (2008) mostra que os jovens surdos veem o seu autoconceito ser afetado pela imposição da normalização. Os jovens surdos são separados em dois grupos, dependendo do número de pares com que se relacionam, da família, da escola que frequentam e da forma como ocupam os seus tempos livres. A autora percebe que os jovens surdos já não valorizam tanto a língua, a cultura e os seus direitos como nos tempos em que a comunidade surda vivia sob a proibição de usar a língua gestual. Nesta época era mais visível a união entre os surdos. Mais uma vez, o avanço das novas tecnologias e a frequência cada vez menos regular dos surdos nas associações são as principais preocupações com o futuro da comunidade.

Outro estudo por Cerqueira (2010) procura quais as características da identidade surda de duas formas: perceber os fenómenos da identidade e compreender as dimensões que constroem a identidade. Nesta investigação é utilizada a entrevista acompanhada por um guião, de acordo com o estudo de Hadjikakou e Nikolarazi (2006), em que o objetivo é identificar as perceções da identidade surda. Como resultado obtêm-se as seguintes percentagens por ordem numérica: Surda (42,9%); Bicultural (35,7%), Ambivalente (14,3%) e Ouvinte (7%). Em geral, os resultados revelam que todos os participantes entrevistados contactam os seus pares (surdos) na escola e na comunidade. Este parece ser o ponto mais importante para sustentar a construção da identidade. Para a Cerqueira, não há dúvida, de que este contacto fomenta a proteção e a valorização da língua gestual. Apesar de a maioria dos participantes se relacionar com pessoas ouvintes no seu quotidiano, prefere estar com o grupo de surdos, onde se sente pertencer.

Os estudos, em geral, da identidade surda, tal como referido neste capítulo, continuam a ter discrepâncias. Embora a maioria das teorias e dos modelos de estudos tenham designação nas questões de experiência do surdo que vive com surdos e ouvintes. A identidade surda define principalmente se a pessoa surda é considerada como um surdo ou deficiente auditivo no que se refere à sua trajetória e ao modo de como o indivíduo se aceita a si próprio como surdo. Paralelamente compreendemos o motivo do surdo se sentir bem com o encontro entre surdo-surdo (Perlin, 2001; Rosa, 2012), que lhe traz um conforto com o seu mundo e procura do *self*.

Os modelos foram atribuídos para os estudos seguidos que evidentemente são semelhantes com a teoria de desenvolvimento da identidade surda de Glickman (1993). Dentro dos modelos não pode ser definida uma identidade certa para um surdo, todas as

teorias mostram que existe o processo de mudança quando o surdo sente a necessidade de procurar e conhecer outros surdos ou prefere ficar no mundo dos ouvintes.

Em Portugal também ocorre a mesma situação, os investigadores realizam as suas investigações em busca de autores anteriores ao que referem no estudo sobre a identidade surda com os quais apresentam os resultados semelhantes, principalmente entre Cerqueira (2010) e Hadjikakou & Nikolarazi (2006).

3. Novos conceitos científicos: Deafhood, Deaf gain e Deaf Epistemology

3.1. *Deafhood*

Este conceito, proposto por Paddy Ladd, em 2003, significa, na tradução para a língua portuguesa, *Surdidade*, apesar de ainda não estar listado no dicionário universal desta língua. O conceito baseia-se nas noções de cultura surda, nos pontos de vista sobre a surdez e no facto de se ter orgulho em ser surdo. No entanto, não há uma definição certa para este conceito, embora existam várias maneiras diferentes de cada pessoa o definir. Assim, são enfatizadas as opiniões positivas para as experiências dos surdos quando descobrem a realidade de o ser, no momento em que são tocados por outros surdos (De Meulder & Küsters, 2013).

Estes aspetos, tomados em consideração contribuem para o desenvolvimento de uma identidade efetiva e potencial. Através da consciência surda, e rejeitando a opressão do modelo médico, do paternalismo, da sociedade, afastando a procura de uma identidade estranha escondida (Morgado, Literatura das Línguas Gestuais, 2011) no seu interior e bem profunda, a pessoa procura, ansiosamente, descobrir o como ser surda como um impacto positivo no seu quotidiano (Ladd, 2011, 2013).

Ladd (2011, 2013) mostra que os surdos foram vítimas de um processo de colonização, ou seja, de uma restrição através da política educacional e do método oralista que procurou destruir as raízes da cultura surda. Aquele termo descreve os surdos que têm resistido ao modelo médico que os considera como deficientes. Porém, nos últimos anos, assistimos a uma maneira de ser do membro surdo em que ele valoriza mais as suas próprias crenças e procura melhorar a qualidade da sua existência. Um adulto surdo colonizado passa por uma série de situações opressoras, que causam uma autoperceção como a falta de autoconfiança e autoestima; crises de identidade e desrespeito por si próprio (Ladd, 2005).

Uma jornada de vivência profunda e de consciência surda em que o indivíduo se torna e se mantém surdo, orgulha-se da sua maneira de ser surda, respeita os costumes e a tradição do modo de ser surdo. A importância da defesa das crenças, das experiências compartilhadas, dos valores e da normalidade, expressam um orgulho e uma confiança perante a sociedade, é como lutar pelo significado de si próprio e dos seus pares e pelo direito à sua existência no mundo.

Hoje em dia, a *Surdidade* já é conhecida pelas comunidades surdas internacionais que abrangem muitas pessoas surdas. De Meulder e Küsters (2013, pp. 428-429) afirmam que

Foi imortalizado em tatuagens nos braços e nos pés de pessoas surdas e comercializado em copos que diziam *Deafhoof*, em t-shirts, bolsas e botões (...). O conceito tem sido usado em reuniões políticas e no ativismo, e tem sido uma inspiração para o yoga (...), para peças de teatro (...) e até para uma organização de caridade, a Fundação *Deafhood* (...) Há (ou houve) workshops sobre *Surdidade*, cursos, conferências, dois grupos de leitura, grupos de discussão on-line (...) e (...) inúmeros blogs.

3.2. *Deaf Gain*

A nova visão dos estudos surdos, recentemente introduzida por Bauman e Murray (2009/ 2011), é a do *Deaf Gain*. Este termo não tem tradução para português; apesar de ser difícil entender o significado da tradução, podemos dizer “Ganho Surdo”. Este conceito tem sugerido uma certa preocupação com o facto de “ter potencial de ameaçar a própria existência da comunidade surda” (Bauman & Murray, 2009) ou seja contribui com visões diferentes dos que veem a perda de audição enquanto especialistas da saúde, da educação e da tecnologia médica, que consideram a aproximação à normalidade e procuram instrumentos para “eliminar a surdez”. Como exemplo, um estudo, na Austrália, prevê a extinção da Língua Gestual, daqui a 20 ou 30 anos. A pergunta mais importante para refletirmos é “Porque devemos continuar a valorizar a existência de pessoas surdas?”.

Tomando como exemplo a Teoria do Enquadramento de Lakoff (2005, citado por Bauman & Murray, 2009), “algumas pessoas veem o copo meio cheio, enquanto

alguns o veem meio vazio” (p.3), o que nos faz imaginar um copo cheio, médio e vazio. Com os termos cheio e vazio, exemplificamos o simbolismo da perda de audição: para a identidade surda, uma ausência, um vazio, uma falta.

Esta teoria procura o modo como as pessoas surdas se podem sentir como um todo, sentir-se completas na vida, enquanto surdas. É de salientar, porém, que o surdo com o *Deaf Gain* procure compreender-se para além da surdez, libertando a sua intuição, determinado em mostrar o significado de ser surdo. Estes autores, Bauman e Murray (2009/2011), acreditam que um surdo pode vencer obstáculos, ter uma língua natural e exprimir-se com ela. Além disso, defendem outras formas de comunicar, como a escrita, a experiência visual, mostrando que se é capaz de agir de todas as maneiras, como os ouvintes fazem, para além da ausência auditiva. Um artista de teatro, Aaron Williamson, que perdeu a audição em idade tardia, disse que estava a perder a audição, mas a ganhar a sua surdez (Bauman & Murray, 2009).

Para definir a surdez, a perspetiva do *Deaf Gain* tem “uma forma de diversidade sensorial e cognitiva que tem o potencial de contribuir para o bem maior da humanidade” (Bauman & Murray, 2009, p. 4). Este conceito traduz três sinais sobre como as pessoas surdas se podem adaptar à sua surdez, eliminando a perda da audição: (1) acrescento pela surdez; (2) benefício da surdez e (3) contribuição da surdez.

Bauman e Murray (2009) mostram, com o *Deaf Gain*, que os indivíduos surdos têm a mesma capacidade que os ouvintes, além de ouvir. Além disso, os surdos possuem uma excelente aptidão visual em diversos contextos como o contacto, a comunicação, a noção de espaço, a criatividade e a literatura surda, sabendo, que a língua gestual é ainda muito importante para a cultura surda.

Estes conceitos distintos e recentes têm uma importância evidente para a compreensão da perspetiva da maneira de ser surdo, no século XXI, estando relacionados com a identidade surda a partir de duas perspetivas diferentes: o que vê um surdo, como ser surdo forte e orgulhoso, seguindo as raízes e as crenças do modo de ser surdo sem ser colonizado; e a perspetiva que demonstra a capacidade do surdo em ser um sucesso de várias formas para além de ouvir.

3.3.Perspetivas sobre Epistemologia Surda

Em meados do século XX, surgiu uma visão diferente à luz dos estudos surdos, indicando um foco cada vez maior na cultura surda e uma crescente importância dada à língua gestual e aos valores partilhados em comunidade. Esse interesse traduziu-se no

desenvolvimento de investigações no âmbito dos estudos surdos, que incorporam, no espaço de investigações feitas pelos surdos interessados em estudar a cultura surda, a diversidade essencialmente científica construída por “abordagens interdisciplinares para os estudos dos indivíduos surdos, suas comunidades e cultura tal como têm evoluído num contexto alargado de poder e de ideologia” (Bauman & Murray, 2010, p. 1).

Através dos estudos surdos emergiu um rápido desenvolvimento de trabalhos feitos por pessoas surdas que começaram a olhar para si próprias, de forma a contribuir para a compreensão da sua cultura. Estamos de acordo quando referimos uma frase de Bauman e Murray (2010, p. 2): “ A cultura surda precisava de estudos surdos que a estudassem a si própria”, envolvendo, portanto, a epistemologia surda.

A epistemologia surda representa o modo como o surdo está no mundo surdo (*Deaf Way*). Foi um dos conceitos introduzidos por Ladd (2013), sendo muito importante para os estudos surdos, na medida em que refere que, a partir da perspetiva médica, social e até da cultura surda, houve uma evolução histórica que mostra a evidência da existência de uma maneira surda, ou seja, há uma forma como as pessoas surdas veem o seu modo de pensar, o mundo, e defendem a sua língua e os seus valores.

4. Avaliar a identidade surda: estudos existentes

Nos últimos anos, os estudos surdos têm evoluído e vindo a ampliar as investigações, à luz dos conceitos sobre a maneira de ser surda. Dada a importância da adaptação e da aplicação de testes na área da psicologia, deve haver um esforço no sentido da padronização e da obtenção de resultados estatísticos específicos dos grupos minoritários, entre os quais o da população surda. Outros países têm vindo a desenvolver cada vez mais avaliações e adaptações especiais, em termos psicométricos, para os surdos. Em Portugal não encontramos informações suficientes sobre os estudos de psicometria junto da população surda. A nossa convicção é de que não os há.

É importante conhecer, de forma breve, a história do desenvolvimento dos testes de inteligência e outras avaliações utilizadas para populações específicas. As primeiras avaliações foram desenvolvidas no século XX, com os psicólogos Binet e Simon, ambos fundadores dos primeiros testes sistemáticos de inteligência. Segundo Amaral (2006), Lane (1997), Ricou (2006) e Souza (1998), nesta altura, aplicam pela primeira vez o teste de inteligência a crianças surdas, tendo como objetivo verificar o seu estado

de desenvolvimento na inteligência, considerando o sistema de educação oralista da época. Os resultados revelaram que o oralismo não permitia o desenvolvimento acadêmico futuro das crianças surdas.

Houve ainda alguns estudos psicométricos de comparação entre pessoas surdas e ouvintes, como afirmam Lane (1997), Mylebust (1974) e Ricou (2006), cujos resultados constataam valores negativos e prejuízos cognitivos e afetivos para os surdos. Nos testes, é comum diagnosticarem os surdos como agressivos, submissos, frios, passionais, tímidos e explosivos. Contudo, como observámos, os estudos psicométricos e os testes não estão efetivamente adaptados nem preparados para se aplicarem à população surda, colocando em causa quaisquer resultados obtidos por essas vias. Assim, trata-se de uma lacuna de investigação muito pertinente, uma vez que qualquer investigador ou psicólogo, surdo ou ouvinte, necessita de conhecer a cultura surda e comunicar em língua gestual, de forma a permitir a redução da angústia, preparando e adaptando à sua prática os instrumentos necessários.

Antes de prosseguir o estudo desta escala, apresentamos, para exemplificar, alguns instrumentos adaptados e aplicados à população surda, sobre a identidade. Os resultados obtidos contribuíram para a sua validação.

Assim, a Escala da Identidade Surda, desenvolvida por Weinberg e Sterrit (1986) tem por objetivo compreender como se desenvolve e manifesta a identidade nas pessoas surdas e como tal se associa aos contextos de relações sociais, à adaptação pessoal e à perceção da aceitação pela sua família (Leigh, 2009).

A aplicação foi feita numa escola de surdos, com adolescentes surdos como participantes, nos quais está implícito o processo da primeira vez em que entram para a escola, onde aprendem a língua gestual. Esta escala é construída a partir de três subescalas de identificação: ouvinte, surda e dupla. A identificação ouvinte considera os surdos como “saudáveis”, isto é, têm um *status* de ouvintes. A identificação surda designa-os como deficientes. A identificação dupla é uma combinação simultânea entre o mundo dos “saudáveis” e o mundo dos deficientes. Os resultados mostram que os adolescentes classificados com a identificação dupla estão entre os melhores, seguidos dos com identificação surda e ouvinte. Weinberg e Sterrit (1986, citados por Leigh, 2009) observam que a validade da Escala da Identidade Surda é problemática, uma vez que a medição não apresentava claramente o que se estava a medir.

O segundo estudo sobre a Escala do Desenvolvimento da Identidade Surda (Glickman, 1993; Glickman & Carey, 1993) É um instrumento que tem por objetivo

avaliar a identidade surda, com base num suporte de vídeo com a produção em *ASL* (os pormenores e os conteúdos deste instrumento estão explicados no capítulo da metodologia).

A recente avaliação aplicada na população surda americana, o Paradigma da Aculturação, introduzida por Deborah Maxwell-McCaw (2001), selecionou “o conceito da aculturação como um meio para explicar os tipos de identidade definidos por Glickman (1996), sendo cada um deles mais evidente dependendo da extensão e do nível de interações entre a pessoa e os vários ambientes culturais”(Leigh, 2009, p. 29). Focou-se ainda mais nas competências comportamentais para explicar o modo como o indivíduo está em contacto com a cultura surda e com a cultura dominante dos ouvintes, evitando a opressão desta última. Com base neste conceito, Maxwell-McCaw (2001) desenvolveu a Escala de Aculturação Surda (DAS) como um processo para aplicar o conceito de aculturação às identidades. Construída a DAS e a Escala de Aculturação Ouvinte, distinguiram-se cinco subescalas em cada uma: identificação cultural, envolvimento cultural, preferências culturais, competências linguísticas e conhecimento cultural (Maxwell-Mc-Caw & Zea, 2011; Schilinger, 2012).

Capítulo III: Conceitos importantes em Psicometria

A validação de um instrumento é importante, em primeiro lugar, para verificar se estão presentes as propriedades psicométricas que Anastasi e Urbina (1999) indicam que os estudos de psicometria são uma área fundamental para a avaliação de instrumentos utilizados nas ciências humanas. O objetivo do estudo da psicometria é a medida de escalas que “são obtidas a partir da soma de vários itens selecionados como indicador do constructo teórico que estamos interessados em medir” (Came & Fachal, 2008, p. 158). Existem três tipos de procedimentos de garantia das propriedades psicométricas: validade, fidedignidade ou fidelidade e padronização.

A validade é definida pela procura de um teste mensurável que é válido quando pretendemos medir algo através de conceitos. Para ser válido é necessário ser “passível de observação, a validade é alcançada pela congruência direta entre o objeto medido e o próprio instrumento” (Erthal, 1987, p.110). Determinado o procedimento de validade, há três tipos principais que dependem do teste para o que pretendemos medir: validade de conteúdo, validade de construto e validade de critério (Anastasi & Urbina, 1999; Came & Fachal, 2008; Erthal, 1987; Hill & Hill, 2009). A validade de conteúdo é

introduzida para determinar se os itens de um teste são adequados e pertinentes e se relacionam com a amostra representativa. Para além de medir, esta validade não é decisiva estatisticamente, mas resulta no julgamento diferenciado entre pessoas e o júri que analisam cada item de uma escala ou de um questionário. Este tipo da validade deve ser construída a partir de quatro passos:

1. Utilizar a literatura para escrever uma lista de todas as componentes da variável latente; 2. Para cada uma das componentes, escrever uma lista de todos os aspectos; 3. Para cada um dos aspectos, escrever todos os itens relevantes para medir o aspecto; 4. Comparar os itens do questionário com a lista dos itens escritos no passo anterior. Quando os itens do questionário formam uma amostra relativamente representativa dos itens escritos em 3, podemos concluir que o questionário tem a validade de conteúdo adequada (Hill & Hill, 2009, pp. 150-151).

A validade de face permite melhorar e reformular os itens do teste para serem adequados ao grupo compatível. Também é avaliada, como foi referido na validade de conteúdo, pelas pessoas e pelo júri.

A validade de construto é definida como a validade teórica, “se for uma medida da variável latente que o investigador pretende medir” (Hill & Hill, 2009, p. 151). A validade convergente trata-se uma medida que devia ser estatisticamente significativa nas variáveis. A validade discriminante, ao contrário da validade convergente, não se relaciona com a variável quando uma medida não é significativa no coeficiente de correlação com outras variáveis. A validade fatorial é calculada por análise fatorial (geralmente as correlações entre variáveis) para encontrar um conjunto de fatores compatíveis entre as variáveis e as teorias representadas. É a evidência para os procedimentos de validação de construto.

A validade de critério resulta da prática de um questionário com a precisão do teste mensurado, funcionando como um preditor presente ou futuro de outra variável. Há dois tipos de validade de critério com métodos diferentes para se avaliar: validade concorrente e validade preditiva. A validade concorrente ou simultânea tem por base de medida o critério do teste existente para o critério atual. A validade preditiva diz respeito “à qualidade com que uma escala pode predizer um critério futuro” (Came & Fachal, 2008, p. 164). Ambas as validades, a simultânea e a preditiva, não se calculam com o mesmo coeficiente, mas com a diferença entre as variáveis com que pretendemos calcular os dados.

A fidedignidade de um instrumento deve ser efetuada a partir da comparação dos resultados obtidos de forma consistente no mesmo indivíduo ou no mesmo grupo em que foram duplamente testados com o mesmo teste em diferentes ocasiões ou diferentes conjuntos de itens iguais no teste (Anastasi e Urbina, 1999). Os métodos de fidedignidade classificam-se por: método de pré-teste/pós-teste; método das formas paralelas; método das metades; coeficientes de consistência interna. O método de pré-teste/pós-teste tem por coeficiente de consistência interna a uniformidade na aplicação dos testes. Came e Fachal (2008) indicam que este coeficiente devia ser medido a partir do mesmo construto. O método das formas paralelas é definido como instrumento equivalente, ou seja a partir de um instrumento obtenho um resultado com outra forma de medida nos mesmos indivíduos. É calculado por coeficiente de equivalente. O método das metades (*split-half*) divide um conjunto de itens em duas metades equivalentes num único teste aplicado numa única sessão. O coeficiente de consistência interna correlaciona dois testes para ser válido, “é um critério que corresponde exatamente ao resultado total do próprio teste. Às vezes é usada uma adaptação do método de comparação de grupos, selecionando grupos externos com base no resultado total do teste” (Anastasi & Urbina, 1999, p. 119).

A padronização refere-se ao procedimento que implica a redação das instruções de um examinador e a pontuação de um instrumento de avaliação. Com este procedimento importante para entender a formulação das instruções de um instrumento novo importante que é necessariamente construído por: materiais necessários e determinado para realizar a avaliação; limites de tempo da aplicação; instruções orais; o escore e outros detalhes na realização de um instrumento (Anastasi & Urbina, 1999). Contudo a padronização tem por finalidade representar o estabelecimento de normas nos resultados de escore de um teste em graus variados de desvios acima e abaixo da média. Came e Fachal (2008, p. 166) referem que há limitações principais que podem ter problemas nas medidas de um teste a diferentes indivíduos, não é permitido comparar: “diferenças entre escores brutos podem não representar a real distância entre indivíduos; geralmente não existe um zero absoluto; não tem sentido-padrão”.

Pretendemos, através deste estudo, contribuir com um instrumento concebido e adaptado à população surda, cujas propriedades psicométricas demonstrem a sua adequação ao que se pretende medir e estabilizem a sua medida. Será um contributo para “preencher um vazio” muito grande, no âmbito da psicometria junto de pessoas com características específicas.

Parte II – Metodologia

1. Problema de investigação

As investigações mencionadas no penúltimo capítulo mostram que os estudos e os conceitos têm feito emergir, de tal forma e apesar das controvérsias, a existência deste tipo do estudo científico sobre a identidade surda. Os contributos dessas teorias foram elaborados a pensar numa potencial aplicação, quer sob o método quantitativo quer qualitativo, respetivamente as perspetivas sobre a identidade, identidade racial e identidade étnica. Como já referimos, desde o final da década 70 até hoje, a importância da evolução nas pesquisas sobre a identidade surda reside no desenvolvimento de diversas categorias e diversas identidades, que permitem compreender melhor a forma como se transita e como emerge a identidade do surdo. Torna-se, assim, fundamental para aumentar os conhecimentos adquiridos sobre os conceitos atuais, não só sobre a identidade dos surdos, mas, em geral sobre estudos surdos e a sua história, e consequentemente, para o reconhecimento da existência da comunidade surda, ao longo de tempos.

A importância da adaptação desta escala sobre a identidade surda, e outras, está associada à adequação dos instrumentos aplicados na área de psicologia e outras áreas das ciências humanas, principalmente em Portugal, procurando-se chegar a uma aplicação mais adequada e rigorosa, com um único objetivo: os surdos sentirem-se mais confortáveis ao aplicá-los, e ao responder. Para tal, foram necessários alguns procedimentos específicos, por exemplo, criar os vídeos com utilizadores de língua gestual portuguesa na adaptação em cada item ou frase de um instrumento, uma vez que os surdos assimilam mais informação na modalidade visuo-espacial, o que valoriza o resultado do instrumento, da parte da comunidade surda. Sobretudo, quando o trabalho do investigador demonstra respeito por todas as crenças existentes e, principalmente, compreensão sobre esta cultura.

Muitos estudos (Lane, 1997, Myklebust, 1974, Ricou, 2006), mostram as dificuldades sentidas em construir instrumentos válidos para uma população específica e considerada como um grupo minoritário, e parte dessas dificuldades advém da falta de comunicação, reciprocamente da parte de investigadores e psicólogos, na sua maioria ouvintes. Apesar da inexistência de documentos, é importante para os investigadores a forma como se adaptam os instrumentos para surdos e a justificação as dificuldades em construí-los. Para além disso, encontrámos dificuldades em obter outros instrumentos e avaliações válidas para surdos, em Portugal, para além dos estudos sobre identidade

surda, e é fundamental que haja profissionais dispostos a procurar alternativas para as avaliações, de modo a serem adaptadas para a população surda, para além de necessidade de reconhecer as diferenças nas faixas etárias, tais como crianças, jovens, adultos e idosos surdos.

Existem dois estudos sobre identidade surda na população surda portuguesa realizados por pessoas ouvintes (Cerqueira, 2010 e Martins, 2008), e tendo em conta os seus objetivos, são semelhantes em procurar as características dessa identidade. Porém, nenhum deles é válido e a sua aplicação estatística não tem significado.

A nossa escolha no que refere ao tema, a identidade surda, prende-se com a forma como o processo inicial de investigação de um instrumento deve ser adaptado, especialmente para surdos. Trata-se de um estudo preliminar, que precede a validação propriamente dita, desse instrumento. Nesta investigação é um fato importante, especialmente para os psicólogos, a pesquisa sobre a cultura surda e o conhecimento sobre o desenvolvimento de características da pessoa surda, salientando como exemplo, o conhecimento sobre o desenvolvimento da sua personalidade, da sua vivência e da sua experiência envolvida na sua trajetória e na sua relação com a sociedade e o grupo minoritário. A identidade, em geral, parte de uma origem determinante em contextos diferentes, relacionados respetivamente com a língua gestual, a relação com a família, a primeira aprendizagem da língua gestual ou a língua portuguesa escrita e ainda uma língua falada como opção, o primeiro contacto com surdos, a entrada da escola de surdos, o ensino especial e o contacto com o mundo ouvinte.

Assim, o nosso problema de investigação é: será o instrumento “*Deaf identity development*” - traduzido por nós para Português como Escala de Desenvolvimento da Identidade Surda - passível de adaptação e validação para a população surda Portuguesa? Quais as suas propriedades psicométricas?

2. Delineamento

A investigação foi realizada, primeiro, através de uma revisão bibliográfica à temática apresentada. Iniciou-se um levantamento biográfico sobre a identidade surda, incidindo sobre a importância das relações pessoais, das famílias e da sociedade, determinantes para o desenvolvimento da identidade. Trata-se, também, da pesquisa sobre um instrumento existente, utilizado especificamente com surdos.

É um estudo transversal de natureza quantitativa, de tipo descritivo e comparativo, na medida em que os resultados obtidos serão comparados com outras validações existentes.

3. Questões de investigação

Determinada a formulação do problema, procurámos aprofundá-lo, apresentando as questões neste estudo:

- 1) Quais as propriedades psicométricas da validação preliminar da versão portuguesa da Escala de Desenvolvimento da Identidade Surda?
- 2) Como se caracteriza a identidade surda, em pessoas surdas portuguesas?
- 3) Haverá diferenças entre a versão portuguesa da escala, e outras versões existentes?
- 4) Como se caracteriza o tipo de identidade para a amostra do estudo (género, idade, grau de surdez, pais surdos)?
- 5) Quais as dificuldades que o procedimento de adaptação e validação de um instrumento desta natureza acarreta?

4. Objetivos de Investigação

4.1. Objetivo principal

O objetivo principal da investigação é a validação da EDIS para a População Surda em Portugal.

4.2. Objetivos específicos

Os objetivos específicos do estudo são:

1. Comparar os resultados entre a população surda americana (da escala original) e portuguesa;
2. Comparar todos os resultados dos estudos feitos na EDIS para a população surda portuguesa;
3. Verificar quais são as características da Identidade Surda, em Portugal;

4. Verificar quais são tipos de identidade nos indivíduos surdos profundos e parciais;
5. Verificar quais são tipos de identidade nos indivíduos surdos de género;
6. Verificar se existe a influência na relação entre os tipos de identidade e a idade dos indivíduos surdos;
7. Verificar se existe a influência na relação entre os tipos de identidade e os progenitores surdos

5. População e Amostra

5.1. População

A população do estudo é formada pelas pessoas com surdez, de nacionalidade portuguesa. A surdez é entendida como a ausência ou diminuição no sentido da audição (Afonso, 2008). Os indivíduos ficam surdos devido a vários fatores. Apresentamos, a seguir, a classificação para os tipos, graus e causas de surdez, de acordo com o modelo médico-audiológico. As causas de surdez dividem-se em três: hereditária, congénita e adquirida. A surdez hereditária ou genética entende-se a como a transmissão do tipo de surdez para a geração seguinte, classificando-se em síndrómica e não síndrómica (Afonso, 2008; Vieira, 1998). A surdez síndrómica é, em 30%, sugerida na infância, e está presente em vários síndromes, em que dois deles prevalecem neste estudo (Vieira, 1998): o de Waardenburg e o de Usher. A surdez não síndrómica “apresenta uma grande heterogeneidade genética e, isso, independentemente do seu modo de transmissão” (Vieira, 1998, p. 81).

A surdez congénita deriva de um problema de natureza vital, bacteriana e tóxica (Afonso, 2008), transmitindo-se através da gravidez. Neste caso, é causado por lesões específicas no sistema nervoso auditivo. A surdez adquirida deve-se a complicações durante o parto, a doenças pós-natais ou na infância, como a meningite, viroses (sarampo, papeira, rubéola), lesões metabólicas, encefalites, diabetes infantil, traumatismos, otite, uso de antibióticos e medicamentos ototóxicos. A última é mais frequente nas crianças surdas (Afonso, 2008; Vieira, 1998). É de salientar que a surdez adquirida também diz respeito às pessoas que ensurdeceram mais tarde, especialmente na idade adulta ou idosas, a que, neste caso, chamamos de presbiacusia. Não podemos confundir estas pessoas com surdos membros de uma comunidade cultural (Branco et al, 2010). As pessoas que ensurdecem tardiamente estão habituadas aos sons, e não

desenvolvem, por isso, uma modalidade de visuo-espacial. Assim, com a diminuição da audição, são dominados por sentimentos de ansiedade e frustração, pois têm necessidade de ouvir.

Para além das causas de surdez, o tipo de surdez é importante principalmente para identificar o local da lesão, onde a perda de audição ocorre no mecanismo auditivo. Existem três tipos de surdez: de transmissão ou condução (lesão no ouvido externo); neuro-sensorial (lesão no ouvido interno) e mista (ouvido médio e interno lesionados) (Afonso, 2008; Branco et al., 2010).

O grau de surdez classifica-se em: ligeiro, médio, severo e profundo. Identificamos apenas os dois últimos graus para esta investigação, os relativos à surdez severa e à surdez profunda. A maioria dos surdos, utilizadores ou não da língua gestual e que participam na comunidade surda, têm estes graus de surdez. Reconhecendo as características e as consequências na audição destes dois graus de surdez, são notórias as diferenças entre as perspetivas dos modelos médico e antropológico. O surdo severo consegue ouvir (com suporte de aparelho auditivo), percebe algumas palavras, mas não todas, apenas as palavras mais simples. O surdo profundo não consegue perceber a oralidade, sendo que o procedimento de aquisição da língua oral leva consequentemente a limitações, dependendo do processo educativo e da reabilitação (Amaral, 2006; Afonso, 2008). No ponto de vista da perspetiva cultural relacionada com a comunidade surda, a língua gestual é considerada como a língua natural dos surdos, pois permite-lhes comunicar de forma fluida.

Assim, a classificação de surdez é tida como o ponto principal para realizar os questionários de investigação, uma vez que facilita a identificação dos indivíduos surdos, em que se assenta o estudo sobre a identidade surda, centrada nestes indivíduos. O estudo destina-se apenas aos surdos, sejam gestuantes ou oralizados, que estão envolvidos na comunidade surda, na medida em que o convívio na comunidade fundamenta a construção da identidade, a partir da valorização da sua cultura e da sua língua.

5.2.Participantes

O tipo de amostra utilizada para este estudo é a amostra objetiva obtida por conveniência (Hill & Hill, 2009).

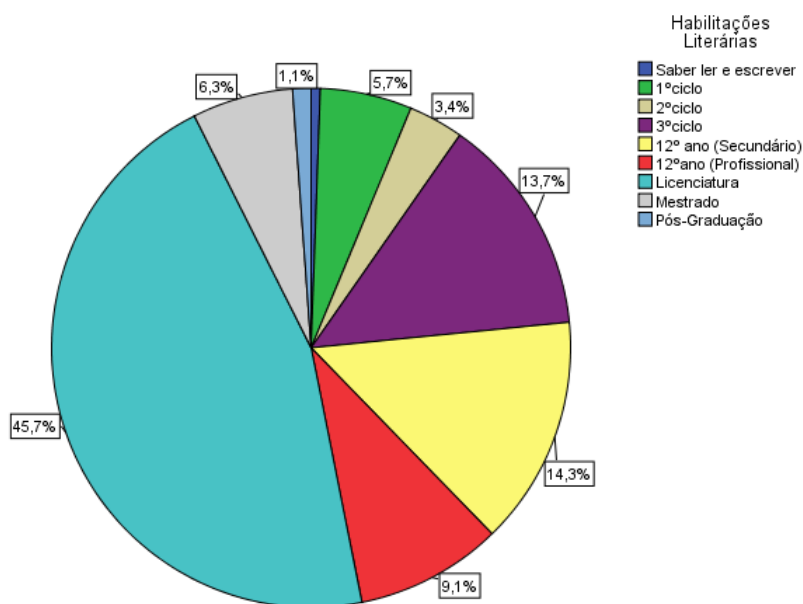
5.2.1. Caracterização geral da Amostra

A amostra é formada por 192 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 70 anos ($M = 34.72$, $DP = 10.30$), dos quais 40.2% ($n = 68$) são do género masculino e 59.8% ($n = 101$) do género feminino. Vinte e cinco dos participantes não responderam quanto à idade.

Relativamente ao estado civil, dos 171 que responderam, 59.1% ($n = 101$) são solteiros, 35.7% ($n = 61$) são casados ou vivem em união de facto, 4.1% ($n = 7$) são separados ou divorciados, e 1.2% ($n = 2$) são viúvos.

Quanto às suas habilitações literárias, 11 participantes sabem ler e escrever ou têm o primeiro ciclo de escolaridade, seis possuem o segundo ciclo de escolaridade, 24 o terceiro ciclo, 41 o 12º ano (secundário ou profissional), e 93 curso superior, ou seja, mais de metade da amostra possui habilitações académicas superiores. Dezassete participantes não deram informação quanto às suas habilitações académicas (Figura 1).

Figura 1. *Sectograma de Distribuição das Habilitações Literárias (%)*



5.2.2. Caracterização dos Participantes Relativamente à Surdez

Dado o objetivo do estudo, considerámos pertinente descrever o grupo de participantes quanto aos aspetos que envolvem a sua surdez. Assim, dos 171 que responderam quanto ao grau de surdez, 77.8 % ($n = 133$) têm surdez profunda, e 22.2%

(n= 38) têm surdez severa. Os participantes perderam a audição entre o nascimento e os 11 anos ($M= 1.40$, $DP = 2.14$).

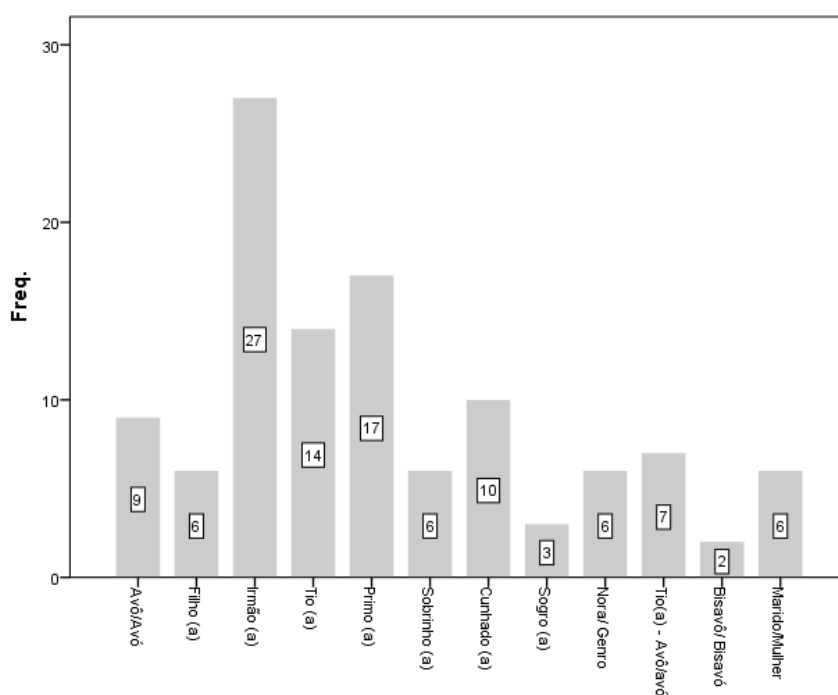
No que diz respeito às causas da surdez, 37.7% (n = 66) refere ser uma condição congénita, 27.4% (n = 48) adquirida e 11.4% (n = 20) hereditária. Quarenta e um participantes (23.4%) não sabem identificar a causa da sua surdez.

A maioria dos participantes prefere comunicar em LGP, 49,1% (n = 84), e 12.2 % (n = 21) dos participantes tem a opção de comunicar em LGP, por escrito ou por leitura labial, seguindo-se 18.1 % (n = 31) que preferem só a leitura labial, 10.53 % (n = 18) a LGP e a escrita, 8.2 % (n = 14) a LGP e a leitura labial, 1.17 % (n = 2) a escrita e 0.58 % (n = 1) a escrita e a leitura labial.

Perguntámos ainda sobre o enquadramento familiar. Cerca de 88% (n= 153) dos participantes tem pais ouvintes, e 9.2% (n= 16) pais surdos. Em 2.3% (n= 4) das situações, apenas um dos progenitores é surdo. Não obtivemos resposta de 19 participantes. Cinquenta e nove por cento (n= 102) dos participantes afirmam não ter mais familiares com surdez.

Quanto àqueles que afirmaram ter outros familiares surdos, o mais frequente é o irmão, seguindo-se os primos e os tios. A figura 2 apresenta a distribuição, por membro da família.

Figura 2. *Outros Membros da família com Surdez (n)*



Outra parte das questões colocadas diziam ainda respeito à aprendizagem e utilização da LGP. Em média, os participantes começaram a aprender a LGP aos 8.08 anos ($DP = 7.79$), embora alguns refiram a utilização desde sempre, e outros a aprendizagem apenas aos 41 anos.

A maior parte (64.7%) aprendeu a LGP na escola, quer em escolas para surdos, quer integrados em escolas regulares. Em relação à idade média em que os participantes tiveram o primeiro contacto com pessoas surdas é de 6.78 anos ($DP = 6.19$). Apenas uma pequena percentagem (15.1%) nunca frequentou escolas para surdos (tabela 2).

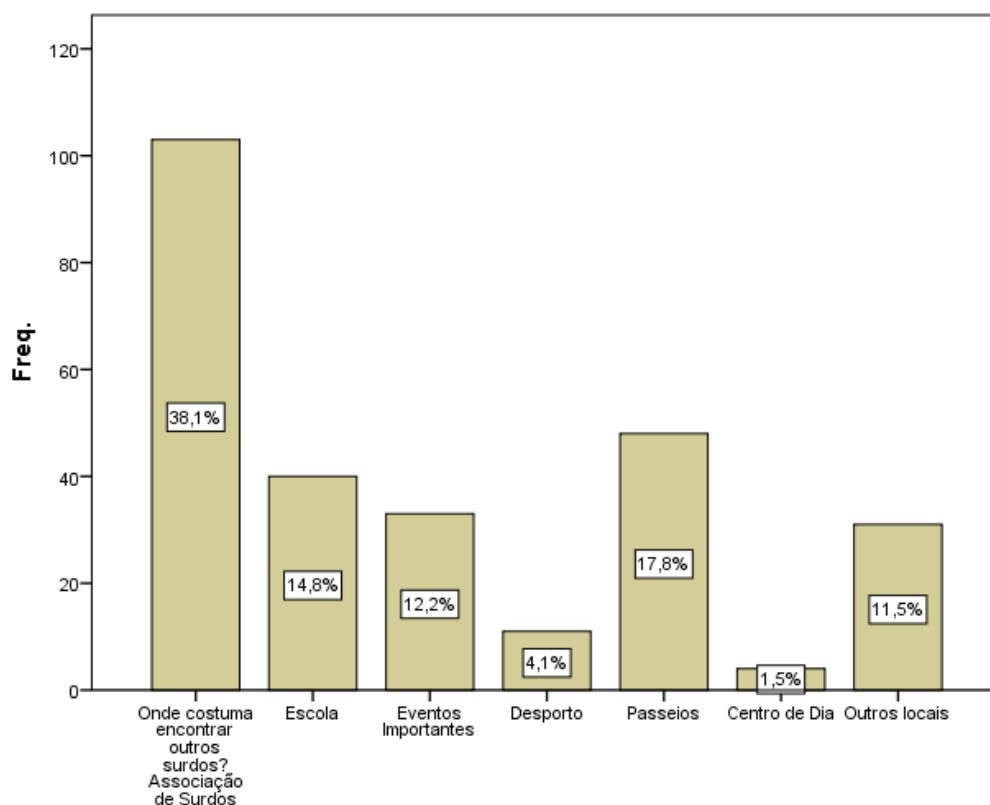
Tabela 2. *Dados sobre o Local de Aprendizagem da LGP (n e %)*

Categoria		N	%
Frequentou uma escola de surdos	Turma só com alunos surdos	66	38.4
	Integrado numa turma de ouvintes)	30	17.4
	Ambas	50	29.1
	Não frequentou	26	15.1
Onde aprendeu LGP	Escola de surdos	86	51.5
	Integrado numa escola regular (Ensino especial)	22	13.2
	Associação de Surdos	22	13.2
	Em casa com família	20	12.0
	Convívio com amigos surdos	17	10.2

No que respeita a convivência, mais de metade dos participantes (57%, $n = 49$) convive diariamente com outras pessoas surdas, havendo 22.4% ($n = 37$) que só convive aos fins-de-semana, 1 15.8% ($n = 26$) que refere conviver poucas vezes. Apenas 8 participantes (4.8%) afirmam que o convívio com pessoas surdas é raro.

Quanto aos locais/ situações onde se dá esse convívio, o mais referido á a associação de surdos, seguindo-se os passeios e a escola. O centro de dia é o menos referido (ver figura 3).

Figura 3. Gráfico de Barras sobre os Locais/ Situações de Convívio com Outros Surdos (n e %)



6. Instrumentos

Os dados desta investigação foram recolhidos com base em dois instrumentos: Questionário Sociodemográfico e Escala do Desenvolvimento da Identidade Surda.

6.1. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico (anexo C) tem por objetivo obter os dados pessoais dos participantes, nomeadamente Idade; Género; Estado Civil; Habilitações Literárias; e dados relativos à sua surdez, especificamente Classificação dos graus de surdez; Idade em que ficou surdo ou perdeu a audição; Causa; Comunicação opcional; Existência de familiares com surdez; Aprendizagem da língua gestual portuguesa; Educação de surdos; Participação na comunidade surda (tabela 3).

Tabela 3. *Questionário sociodemográfico*

Questões	Possibilidades respostas
Idade	Anos
Sexo	Masculino/ Feminino
Estado Civil	Solteiro(a) União de Facto / Casado(a) Divorciado(a) / Separado(a) Viúvo(a)
Habilitação Literária	Nunca foi à escola/ Sabe ler e escrever 4ª Classe (1º Ciclo do Ensino Básico) 6º Ano (2º Ciclo do Ensino Básico) 9º Ano (3º Ciclo do Ensino básico) 12º Ano (Ensino Secundário) 12º Ano (Curso Profissional) Ensino Superior: Licenciatura / Mestrado/ Pós-Graduação/ Doutoramento
Classificação dos graus de surdez	Surdez severa / Surdez profunda
Com que idade perdeu a audição? Qual é a causa?	Anos A sua surdez teve origem nos seus pais. (Surdez hereditária) Fiquei surdo (a) antes de nascer, durante a gravidez. (Surdez congénita) Fiquei surdo(a) devido a doença ou complicações durante o parto. (Surdez adquirida) Não sei
Qual é a forma que utiliza MAIS para comunicar? (Comunicação opcional)	LGP Leitura Labial Escrita Mais de que uma. Quais?
Os seus pais são	Ouvintes Os dois Surdos Um deles é surdo
Tem mais algum membro da família que é surdo?	Avô/ Avó Filho(a) Irmão(a) Tio(a) Primo(a) Sobrinho(a) Cunhado(a) Sogro(a)

	Nora/Genro Outro. Qual? Não
Com que idade aprendeu pela primeira vez a LGP?	Anos
Onde aprendeu pela primeira vez a LGP?	Em casa com Família Na Escola de Surdos Na Escola Integrada do Ensino Especial Na Associação de Surdos No convívio entre amigos surdos
Com que idade teve o primeiro contacto com pessoas surdas?	Anos
Frequentou uma escola de surdos?	Não Sim Numa turma só com colegas surdos Numa turma integrada com colegas surdos e ouvintes Ambas
Com que frequência convive com surdos?	Diariamente Só aos fins de semanas Poucas vezes Raramente
Onde costuma encontrar outros surdos?	Associação de Surdos Escola Eventos importantes Desporto Passeios Centro do Dia Outros locais. Quais?

Esta tabela são as perguntas e possibilidades de respostas no questionário sociodemográfico.

Todas as questões e respostas foram apresentadas em vídeos com a adaptação em língua gestual portuguesa, com o objetivo de facilitar a compreensão dos participantes.

6.2. A Escala do Desenvolvimento da Identidade Surda

A Escala do Desenvolvimento da Identidade Surda (Glickman, 1993) é um instrumento (anexo A) cujo objetivo é avaliar em que medida as pessoas surdas se identificam com a Comunidade Surda e a sua Cultura. A nossa investigação baseia-se na Tese do Doutoramento de Neli S. Glickman (1993), intitulada *Deaf Identity Development: Construction and Validation of a Theoretical Model* (Desenvolvimento da

Identidade Surda: Construção e Validação de um Modelo Teórico). Esse estudo foi desenvolvido por uma pessoa ouvinte, investigador e psicoterapeuta que trabalhou no atendimento a pessoas surdas e que já adaptou outros instrumentos à população Surda.

Passamos a apresentar o instrumento em detalhe, para melhor compreender o processo de adaptação, por nós desenvolvido neste estudo.

6.2.1. A construção do EDIS

O modelo de desenvolvimento da identidade surda é uma variante de diversos estudos sobre a Teoria de Desenvolvimento da Identidade Minoritária, a partir da qual se construíram diversos instrumentos adaptados a populações específicas, exceto os surdos (Cross, 1971; Cross, 1991; Jackson, 1975; Helms, 1990, citado por Glickman, 1993). O objetivo destes instrumentos, em geral, era averiguar o desenvolvimento da identidade cultural e racial.

De acordo com Leigh, Marcus, Dobosh, e Allen (1998) existem dois modelos teóricos que suportam os estudos sobre identidade individual: o modelo de identidade étnico racial e o modelo de biculturalismo. Ambos foram um contributo significativo para os estudos posteriores, sobre identidade surda.

O modelo étnico racial diz respeito aos indivíduos oprimidos existentes no grupo étnico, concentrando-se no modo como eles se tornam positivos e se adaptam face às dificuldades de integração cultural. O modelo bicultural respeita a forma como um indivíduo se adapta à própria cultura, mantendo mesmo assim o respeito à origem cultural (Glickman, 1993).

Glickman adaptou este instrumento, especificamente à população surda. A construção de cada item tem subjacente uma breve descrição das características da experiência surda, o relacionamento com surdos e ouvintes, e os valores e costumes adquiridos na sua língua. A versão inicial foi entregue a 11 juízes, de quais três surdos, para verificar a relação entre item-identidade, de acordo com a teoria da identidade subjacente. Após o consentimento desse grupo de juízes, foram efetuado os vídeos com a interpretação de *ASL* por um surdo fluente em *ASL*, alterando, quando necessário, os itens para facilitar a clareza na utilização da *ASL*.

A teoria subjacente à construção da escala baseia-se nas quatro orientações da Identidade cultural Surda: culturalmente ouvinte; culturalmente marginal; imersão e

bicultural. Cada orientação é considerada um processo, construído por etapas desenvolvimentais.

6.2.2. Características das orientações da identidade surda

6.2.2.1. Orientação 1 - Culturalmente Ouvinte

A primeira orientação identifica as pessoas surdas que perderam a audição mais tarde durante a vida. Pode ter sido um evento inesperado, como por exemplo um acidente ou uma doença súbita que levou à perda da audição. Do ponto de vista desta orientação, a surdez é definida como uma patologia médica e uma deficiência, procurando a ajuda na medicina e na tecnologia orientadas para a normalidade. Segundo Luey e Perl-lee (1983, citados por Glickman, 1993), desta forma, defende-se, principalmente, o processo de reabilitação, incluindo a terapia da fala e o uso de aparelho auditivo, assente nos conselhos de médicos dados aos pais das crianças surdas. Todavia, o modelo educativo e a comunicação com a família (especialmente no oralismo) têm por objetivo tornar a criança surda oralizada, “forçando-a” a ser igual à sociedade dominante, ouvinte, procurando, para isso, desenvolver a capacidade da fala (Glickman, 1993). Desta forma, os surdos são tratados como estereótipos, rejeitados, isolados e retardados mentais, evitando o contacto com outras pessoas surdas, para não serem por elas influenciados.

As pessoas desta orientação vivem as dificuldades da sua adaptação relativamente ao facto de serem surdas, fá-las sentir a pressão do ser ouvinte, não são compreendidas quanto à frustração associada à comunicação. De acordo com Luey e Perl-lee (1988, citados por Glickman, 1993) a fase de ajustamento é vivenciada com sentimentos de adaptação e aceitação no modo de ser surda, que podem ser precedidos de outras etapas: choque, negação, raiva, culpa, depressão. Em conclusão, a aceitação da sua maneira não é total, leva um tempo e implica aspetos negativos e limitações.

Isto torna-se num problema para a sua identidade, pois a pessoa vive constantemente com a sociedade, ouvinte na incerteza de que a sua imagem seja a certa ou ideal. Alguns fatores psicológicos, como a revolta e a frustração, experienciados por pessoas surdas com competências em falta, são determinantes para a construção da identidade e para a forma como agem.

Colocamos aqui algumas questões cruciais: “Será que os surdos com oralidade, aqueles que aparentemente “são ouvintes que não ouvem”, querem mesmo submergir

totalmente no mundo dos ouvintes? Será que eles veem outras pessoas surdas na sua vida? Sentem-se eles confortáveis em interiorizar a surdez como uma identidade?” (Leigh, 2009, p.26).

Considerando o surdo como uma pessoa essencialmente ouvinte, significa que ela procura tornar-se igual ao ouvinte, em todas as maneiras de ser “saudáveis” dos ouvintes, nomeadamente no que diz respeito à atitude, ao comportamento e ao estilo de comunicação. São pessoas que vivem confortavelmente no mundo ouvinte, embora apresentem evidente frustração e isolamento neste mundo, devido, mais uma vez, à falta da compreensão na comunicação. Isto é latente, pois esconderam a sua surdez assim como a vivência da sua frustração.

6.2.2.2.Orientação 2 – Culturalmente Marginal

É um processo de incerteza e ambivalência, decorrido logo da infância, quando a criança surda não adquiriu precocemente a língua gestual. Geralmente a criança ou o jovem surdo que aprende, pela primeira vez, a língua gestual e conhece os surdos na escola, torna-se marginal. A partir desta fase percebe que não é o “único surdo” à sua volta. É uma fase que ocorre nos surdos.

Nesta altura, os pais desta criança vão impor a oralidade e restringir a língua gestual dentro de casa, decidindo o que eles acham que é melhor para ela. Os pais não aceitam a língua gestual como a sua língua natural. A criança divide-se entre dois mundos e sente dificuldade em desenvolver a sua identidade. Existem outros casos de pessoas surdas que na fase de adolescência ou na idade adulta vêm a descobrir a existência da língua gestual e, a partir daí, entram no mundo surdo. Esta situação, normalmente ocorre nas escolas de surdos ou nas associações de surdos e implica uma construção da sua identidade já depois de ter passado muito tempo com pessoas ouvintes.

Acontece que criança surda não adquiriu precocemente a língua gestual. Por isso, mais tarde, na idade adulta, notam-se mais as suas dificuldades no pensamento, na compreensão e no seu desenvolvimento pessoal global. Também a sua relação com a sociedade pode ser medíocre. Por um lado, o surdo desenvolveu uma ausência da identidade, ausência da língua gestual, ausência de um modelo positivo de adultos surdos e de valores culturais do mundo surdo. Isto leva à falta da noção explícita para gerar o pensamento. Tendo em conta que o pensamento é importante para o

desenvolvimento da linguagem, a sua ausência leva a pessoa surda, na idade adulta, a tornar-se imatura e socialmente inadequada, vivendo apenas no seu próprio território. A pessoa surda procura, então, o mundo com que se identifica e pergunta-se: “Quem sou eu?”. Trata-se de uma fase inicial de confusão da identidade.

Na comunicação, o surdo sente dificuldades em adaptar-se às duas línguas (língua gestual e oral), também possui dificuldades na sua relação com os surdos e com os ouvintes. Tem dificuldades em perceber em que mundo se pretende encaixar, mudando constantemente de grupo (surdos e ouvintes). O surdo sente-se mais confortável com a comunidade surda, mesmo que às vezes a rejeite. A pessoa surda esforça-se por estar com ouvintes, para ser igual a eles, embora sinta raiva e ressentimento, que se traduz num comportamento instável. Isto é devido às mudanças entre os grupos que o afetam visivelmente.

Por outro lado, o comportamento do surdo manifesta-se em problemas psicológicos, relacionados com a perspetiva da “psicologia da surdez”. Esta existiu há anos em muitos estudos que mostram o problema da comunicação entre pais e filho surdo como a principal causa do problema do comportamento da criança, que sente desesperadamente falta de comunicação.

Os fatores psicológicos nas pessoas surdas culturalmente marginais caracterizam-se pelos traços de ambivalência; autoconsciência excessiva; complexos de inferioridade; hipersensibilidade com a injustiça e reações compensatórias como o egocentrismo e a agressão. As pessoas surdas vivem grande ambivalência, uma vez que se sentem desconfortáveis nos dois mundos: o dos surdos e o dos ouvintes.

A comunicação total é uma das filosofias educacionais referidas na fase marginal. Define-se, de acordo com Schindler (1988, citado por Moura, 2000, p. 57) como “(...) uma filosofia que incorpora as formas de comunicação auditivas, manuais e orais apropriadas para assegurar uma comunicação efetiva com as pessoas surdas (...)”, ou seja, ensina-se a uma criança surda a língua oral acompanhada de língua gestual, enfatizando o vocabulário, conceitos e frases em simultâneo. Esta filosofia tem por objetivo integrar a criança surda na comunidade ouvinte. É somente uma filosofia, não um método aplicável nas escolas, tendo, inclusive, causado controvérsia e suscitado preocupação nos profissionais da educação de surdos que acham que esta filosofia pode prejudicar a preservação da identidade própria.

Nesta orientação, recomenda-se aos serviços de saúde mental que estejam informados e partilhem informações relativamente à comunidade surda e à língua

gestual, uma vez que existem muitos casos de profissionais com pouco conhecimento sobre a surdez, em geral, e especificamente sobre a cultura surda. A questão do modo de pensar e tratar as pessoas surdas marginalizadas, no contexto da saúde mental, pode remeter para vários tipos de psicopatologias e perturbações no desenvolvimento psicossocial. Isto manifesta-se na falta de relação com a sociedade, oprimindo a representação subjetiva de si próprio. Ser culturalmente marginalizado pode ser traçado por um caminho em que a pessoa surda fica perturbada porque a sua integração não foi preparada desde criança.

6.2.2.3. Orientação 3 – Imersão no mundo surdo

Esta orientação conceptualiza o imergir no mundo surdo, sendo que a identidade expõe-se de uma maneira clara. Uma pessoa surda vive os seus sentimentos confortavelmente no seu mundo, onde é disponibilizada ajuda entre pessoas surdas. Apesar de viverem um sentimento de raiva com a injustiça e a rejeição causadas pelo mundo ouvinte, os surdos defendem a apropriação da sua língua. Esta orientação abrange principalmente líderes surdos, que defendem a comunidade surda e os direitos surdos e se preocupam com a valorização da língua gestual.

Trata-se da fase de transição para uma identidade membro da comunidade surda, em que se torna num surdo orgulhoso de ser como é, em que a comunidade passa a ser como uma família, sem interferência na sua individualidade.

A sua surdez é vista como uma diferença cultural. São oprimidos para a oralização, sabem moralmente o que é certo e errado relativamente à surdez. Pensam a definição do eu no sentido da sua maneira de ser surdo. Esta orientação é, por natureza, contra o modelo médico-patológico da surdez e tudo o que ele envolve, incluindo, por exemplo, a reabilitação auditiva através de implante coclear.

Relacionado com a opressão, emerge um outro conceito, o Separatismo (Glickman, 1993), que está ligado à história dos surdos e ao facto de eles viverem com limitações e proibições impostas por ouvintes.

Os surdos procuram uma forma de superar os estereótipos, mostrando que têm a capacidade de realizar atividades igual à dos ouvintes. Isto deixa os surdos orgulhosos.

A imersão no mundo surdo designa a única esfera onde os surdos se sentem confortáveis, pois têm a língua gestual e a sua cultura, sentem orgulho em ser como são

e valorizam a comunidade surda. Por isso, eles consideram que os ouvintes e os profissionais da área de saúde estão a proceder a um “genocídio cultural”.

6.2.2.4.Orientação 4 – Bicultural

Esta orientação é a última fase do desenvolvimento da identidade surda. É o estágio mais positivo que as pessoas surdas conseguem alcançar, numa perspetiva de equilíbrio pessoal significativo em ser surdo entre os dois mundos. Isto é, sabem como rejeitar o preconceito e os estereótipos de que são alvo por parte das pessoas ouvintes. Como o modelo pressuposto pelas pessoas surdas culturalmente marginais, estas também podem entrar para o mundo surdo mais tarde, vivendo grandes mudanças internas devido ao conhecimento da língua gestual e ao significado de ser surdo. A mudança do processo da identidade surda decorrerá quando existe a atribuição do significativo positivo na participação entre os dois mundos. Ladd (2005) mostra que as duas culturas podem provocar um estado de tensão no indivíduo surdo, uma vez que existem valores contraditórios que o indivíduo tem de ter a capacidade de integrar.

Na orientação bicultural, podem também encontrar-se surdos, filhos de pais surdos, pois adquirem a língua gestual precoce e naturalmente. Devido ao ambiente familiar com uma boa relação entre os membros e a aceitação da língua natural, tornam-se facilmente líderes surdos respeitados pela comunidade. Por outro lado, aceitam, sem problemas, trabalhar com pessoas ouvintes, conseguindo opor-se ao paternalismo da sociedade. Tendem a respeitar e valorizar as duas línguas. É diferente a experiência para os pais surdos, que não podem ser considerados como biculturais pois eles cresceram num ambiente diferente dos filhos, pois viveram numa época diferente.

Glickman (1993) descreveu as características da personalidade do surdo com a orientação bicultural: evidentemente, tem um orgulho na cultura assim como uma pessoa surda partilhando os surdos e ouvintes entre pontos fortes e fracos; tem a sensação de conforto, habilidade, de estar com a vontade em ambos (surdos e ouvintes); tem um respeito, sem duvidar quanto às suas línguas (língua gestual e oral); a pessoa sabe como se relaciona com surdos e ouvintes sem ter opressão entre ambos.

É difícil perceber como um surdo se torna bicultural. Os surdos sentem-se mais seguros com a comunidade surda, têm a identidade pessoal mais segura quando passam pela fase de imersão. Isto acontece quando o surdo reconhece a língua gestual e é educado para respeitar e defender esta língua. “Este modelo pode ser mais aplicável a

apenas este subconjunto de pessoas surdas, especialmente à geração mais jovem, que sofreu duas décadas de mudanças de construções do significado da surdez” (Glickman, 1993, p. 106). Padden e Humphries (1988, citado por Glickman, 1993) falam da “mudança de consciência” nos surdos que usam a língua gestual e sabem separar as duas línguas. Um exemplo em que o uso da língua gestual evidencia a sua gramática é na poesia. Ambos os autores observam que a comunidade surda dos Estados Unidos da América tem dois conjuntos de líderes surdos com duas perspectivas diferentes sobre como ajudar a comunidade. Um dos tipos de líder foi educado como profissional, faz parte do movimento associativo, frequenta a associação de surdos, tem uma atitude assertiva e é independente na sua vida. Desta forma o surdo pode ser bicultural. O perfil do líder surdo é fundamentalmente um defensor da comunidade surda. No entanto, existem conflitos com líderes com um perfil diferente ao referido anteriormente, quando este é paternalista e oralista e é mais dependente.

6.2.3. Propriedades psicométricas do EDIS (versão original)

No estudo de validade da EDIS, Glickman (1993) introduziu por dois tipos de validade, definidos como essenciais para garantir a utilidade do estudo: validade de conteúdo e validade de construto. A validade de conteúdo é um passo inicial da investigação para a construção de um instrumento, através da escolha dos itens a aplicar. Segundo Erthal (1987), é “uma análise sistémica pode ajudar a alcançar esse objetivo, ou seja, precisa-se determinar até que ponto o conjunto de itens que constitui o teste abrange os aspetos necessários para uma boa amostra representativa” (p. 112). Ou seja, esta validade pretende avaliar a extensão em que a EDIS mede as diferentes orientações da identidade cultural surda. Neste estudo os procedimentos de validade de conteúdo foram os princípios de medidas que se utilizam na construção da escala: (1) o grupo específico deste estudo são surdos; (2) a escala original, *RAIAS-B*, foi transformada segundo as experiências de surdos, após de uma análise da literatura sobre a cultura surda; (3) revisto e analisado por 11 juízes, de quais três surdos. Inicialmente foi apresentado um conjunto de 85 itens, reduzidos depois para 60 itens, dos quais cada 15 itens subdivididos em quatro dimensões (orientações). Foram aplicados por três júris surdos num pré-teste, para averiguar se cada item é compreensível, ao nível de lógica; (4) finalizou-se a escolha de cada item; (5) efetuou-se uma análise estatística dos itens (correlação entre itens).

Com a validade de construto, Glickman (1993) efetuou a última análise para verificar se é possível correlacionar as pontuações da EDIS, com base na teoria. A validade de construto é uma forma que requer juntar informações e perguntas sobre aspetos que se relacionam com o estudo (Anastasi & Urbina, 1999; Erthal, 1987). O estudo de Glickman (1993) permite verificar se as hipóteses e a relação com cada orientação dão respostas confiáveis, conforme a análise estatística. Os resultados que se apresentam como contraditórios para a construção da EDIS são importantes para testar a sua validade.

A Fidedignidade da EDIS foi aplicada segundo procedimentos e formas de calcular da Análise Estatística:

1. Foi calculado por coeficiente *alpha* de Cronbach para determinar a confiabilidade interna de cada item das quatro orientações. Neste sentido é importante para a fidedignidade de uma escala, “porque *alpha* é uma função de covariância de itens e de alta covariância entre itens que podem ser o resultado do comum mais forte, *alpha* de Cronbach não deve ser interpretado como uma medida de unidimensionalidade de teste” (Glickman, 1993, p.138).
2. Após analisar o coeficiente *alpha* calculado para cada orientação, cada item foi analisado para determinar se existem itens eliminados com o objetivo de ter resultados significativos em *alpha*. Nos itens com *alpha* não significativo ou reduzido sugere-se a sua eliminação ou revisão.
3. O coeficiente inter-escala é calculado para ver se as orientações resultam de forma consistente.
4. O coeficiente de correlação entre cada item e cada orientação é verificado tendo em conta o seu valor positivo ou negativo, para, então, ser examinado para ver se precisa de ser eliminado ou transferido para outra orientação.
5. A média e o desvio padrão são calculados para cada item e para cada grupo de modo a discriminar os itens.
6. A análise fatorial é aplicada a cada orientação para medir a utilidade dos itens, confirmando, desta forma, a estrutura comparável da EDIS (estudantes da Universidade de Gallaudet e membros da ALDA);
7. Os itens são analisados para determinar a base da teoria que permite a sua eliminação por terem correlações fracas com a sua orientação, não a contradizendo.

8. As eliminações que resultaram do ponto anterior foram dois itens da orientação culturalmente ouvinte, um item da orientação culturalmente marginal e dois itens da orientação bicultural. Foi ainda adicionado um item da orientação marginal e transferido um item da orientação de imersão no mundo surdo para a orientação bicultural.
9. Com a alteração finalizada, a medida da EDIS é completada de acordo com um conjunto de dados estatísticos. “As tentativas iniciais foram feitas no momento de validação de teste” (Glickman, 1993) usando a EDIS para analisar a amostra com o t-test e a comparação dos números de variáveis dos dois grupos.

Segundo os resultados dos pontos anteriores, a versão original da EDIS mantém a aceitabilidade da sua consistência interna (ver tabela 4), exceto na orientação culturalmente marginal que tinha 15 itens, com uma correlação fraca. Nas restantes orientações, foi também eliminado um item em cada uma.

Tabela 4. *Consistência Interna de cada Orientação (Glickman, 1993)*

Orientação	Número de Itens	α (Alpha de Cronbach)
Ouvinte	14	.86
Marginal	12	.76
Imersão	14	.83
Bicultural	14	.81

Na análise dos itens, verificou-se que alguns não eram tecnicamente adequados para a medição de variável, por isso foi necessário retirá-los nas diferentes orientações. Os resultados mostram itens com uma correlação maior com a sua própria escala do que com as restantes. A orientação ouvinte não mostra uma correlação positiva moderada com a orientação marginal, e tem correlação negativa com a de imersão e a bicultural. Esse valor negativo é previsível, na teoria de que a sua oposição faz sentido. A pessoa com uma identidade marginal identifica-se com os valores dos ouvintes. Os itens da orientação ouvinte devem, então, estar correlacionados negativamente com os itens das orientações de imersão e bicultural, pois a identidade ouvinte é diferente. A correlação negativa é mais forte entre o ouvinte e o bicultural do que entre o ouvinte e o de imersão, como era esperado. A imersão tem forte oposição em relação ao ouvinte. A marginal tem correlação negativa com os escores de bicultural. Não houve correlação entre os resultados da orientação marginal e de imersão. Surpreendentemente, não se

encontrou uma correlação positiva entre a orientação de imersão e a bicultural (tabela 5), pois elas são presumivelmente diferentes e sobrepõem-se.

Tabela 5. *Coeficiente de Correlação na Inter-escala de cada Orientação*

	Ouvinte	Marginal	Imersão	Bicultural
Ouvinte		.57*	-.30*	-.47*
Marginal			.09	-.45*
Imersão				-.05

Nota: *Significativa para $p < .001$

Marginal-Imersão – não significativa

Imersão – bicultural – não significativa

Concluindo que a EDIS pretende medir quatro tipos distintos de identidade cultural surda, a sua aceitabilidade foi analisada e calculada pela ordem seguinte: consistência interna, correlação entre item e escala e correlação inter-escala.

7. Procedimento

No procedimento, pretendemos explicar todos os passos realizados durante a investigação. Antes de iniciar a nossa prática, procurámos, em primeiro lugar, estudos bibliográficos, tais como: livros, revistas científicas, artigos científicos publicados, dissertações sobre a generalidade da surdez e da cultura surda, particularmente as investigações existentes sobre a identidade surda.

A partir dessa pesquisa, seleccionámos a EDIS como instrumento a validar, passando ao procedimento de adaptação, propriamente dito, que descreveremos em detalhe abaixo, e que passou por quatro fases: Tradução e adaptação dos itens; Construção de vídeos para adaptação; Pré-teste; Desenvolvimento de um método de aplicação *online* de EDIS; Procedimento de análise de dados. Durante a investigação, na primeira fase, enviámos um pedido de autorização às cinco Associações de Surdos existentes em Portugal, das quais apenas três autorizaram a investigação: Associação Portuguesa de Surdos, Associação de Surdos do Concelho de Sintra e Associação de Surdos da Alta Estremadura. Obtida a autorização, a aplicação da escala decorreu entre Janeiro e Junho de 2014, e depois entre Julho e Outubro. Reenviámos o pedido de autorização, juntamente com a página Web de apoio à aplicação do instrumento para as

Associações de Surdos existentes, com o objetivo de divulgar e partilhar esta página, para que os surdos respondessem às questões.

7.1.Tradução e adaptação dos itens

Inicialmente, procurámos a forma como poderíamos realizar a tradução de um instrumento da língua original para o português. No estudo de tradução de uma escala, é necessário, em primeiro lugar, aplicar o método da Tradução- Retradução (Hill & Hill, 2009). É um processo que, para traduzir o questionário da língua de origem para o português, leva em consideração a gramática estrutural e semântica, devendo a escala ficar clarificada na linguagem e ser garantida a compreensão na leitura, especificamente para cada população.

Sendo a escala de origem em língua inglesa, é necessário aplicar este método. Seguimos as fases de Hill e Hill (2009). Na primeira fase, seleccionámos três pessoas que traduziram do original para o português. A pessoa da versão A é um professor de inglês, sem conhecimento da cultura surda nem da língua gestual, com pouco contacto com surdos. A pessoa da versão B é um americano que vive em Portugal há anos, e teve o apoio de um membro familiar, de origem portuguesa, que já viveu nos EUA; ambos têm um familiar que é surdo. A pessoa da versão C trata-se de uma pessoa surda, portuguesa, que já viveu nos EUA. Esta versão C propôs uma alteração na tradução da versão B, em algumas siglas e palavras, tais como *ASL* para Língua Gestual Portuguesa. Após a tradução das versões A e B, ambos ouvintes, comparámos e verificámos as frases e escolhemos a mais compatível com a do autor da escala. Por um lado, considerando as traduções das duas versões A e B, constatamos que o autor da versão B simplificou as frases e demonstra um reconhecimento da linguagem específica sobre cultura surda, comparativamente à versão A.

Na fase final, preparou-se a última versão, com posterior adaptação para LGP, a versão D, realizada por uma pessoa surda que nasceu em Inglaterra, que é professora de inglês e português, fluente em LGP. Foi necessário procurar e simplificar as frases para facilitar a tradução para a LGP, realizada por formadores surdos.

7.2. Construção de vídeos para adaptação

Antes de prosseguir a aplicação de instrumentos, necessariamente tivemos de realizar as filmagens dos textos, dos dois instrumentos, para a adaptação de LGP. O objetivo foi ter um suporte de auxílio visual especialmente para os surdos, para que o nível de compreensão de cada frase fosse excelente. Percebemos que a versão em papel seria difícil de compreender para alguns surdos, podendo gerar também diferentes interpretações. Este procedimento também foi desenvolvido por Glickman (1993).

As filmagens foram efetuadas por dois formadores com competências de língua gestual portuguesa, que interpretaram todo o texto constante dos instrumentos. Também se pediu o consentimento informado (em anexo A) dos dois formadores, restringindo a divulgação da imagem apresentada à investigação. Depois comparámos as duas interpretações, de modo a verificar a consistência e encontrar uma versão consensual final.

7.3. Pré-teste

Inicialmente, a versão portuguesa foi aplicado acompanhado por um computador e um investigador, contendo os vídeos de LGP, no programa Power Point. Isto permitiu que os surdos, se sentirem dificuldades em compreender o significado de cada frase, pudessem ver os vídeos. Solicitámos ainda aos participantes para assinarem o consentimento de autorização.

O pré-teste foi aplicado a 10 participantes, verificando-se que não houve nenhuma alteração nem dificuldades sentidas ao responder nos itens da escala. Contudo, no questionário sociodemográfico, foram sido acrescentadas algumas opções de resposta nas questões 6 e 14. No número 6 do questionário, “Qual é causa?” (da perda audição) acrescentámos a opção de escolha múltipla na última resposta “Não sei”. E no número 14, “Frequentou uma escola de surdos?”, adicionámos mais uma resposta múltipla “Ambas”, depende da escola em que o surdo tenha frequentado nas duas turmas com o horário diferente entre manhã e tarde ou então para quem já passou numa turma ouvinte, depois acabou de ser integrado numa turma com colegas surdos.

7.4. Desenvolvimento de um método de aplicação *online* do EDIS

O desenvolvimento de um método de aplicação *online* do EDIS decorreu em três fases. Na primeira fase, procurámos um programa informático que permitisse a aplicação simultânea do questionário e de cada item da escala, juntamente com o vídeo de LGP. Com o Power Point iniciámos a aplicação do pré-teste. Salientámos aos participantes deste estudo que não era obrigatório ver todos os vídeos enquanto respondiam a cada questão do questionário, dependendo das dificuldades de compreensão de cada frase.

Numa segunda fase, a aplicação foi feita através de um programa informático, *Localhost*, contendo as frases do questionário e da escala, juntamente com os vídeos, para que o participante pudesse responder no computador. Este procedimento requerer o auxílio de um profissional de programação informática. A base de dados de respostas era gravada na central deste programa. A maior dificuldade da aplicação foi o tempo, pois cada participante demora mais ou menos 45 minutos para completar a escala. Constatámos ainda, por vezes, as dificuldades em perceber a frase, sendo necessário explicar de forma mais clara. Observámos a demora na aplicação da escala, e procurámos uma alternativa para “ganhar” tempo e respondentes.

Na última fase criámos uma página web, com o objetivo de divulgar e partilhar a aplicação *online* nas associações de surdos e uma federação em Portugal, incluindo as regiões autónomas dos Açores e da Madeira.

7.5. Procedimentos de análise de dados

Recolhemos todos os dados dos respondentes através do programa informático, *Localhost*, para exportar a base de dados para o Excel. Depois exportamos também essa base de dados de Excel para SPSS, *Statistical Package for the Social Sciences*, é um programa de *software* aplicado que permite o tratamento estatístico nas áreas de ciências humanas e sociais.

Aplicamos a análise descritiva ao questionário sociodemográfico e à EDIS que fornecem os resultados deste estudo: total da amostra (n), percentagem (%), média (M), desvio padrão (DP), assimetria (Sk) e achatamento (Ku), análise fatorial exploratória e coeficiente *alpha* de Cronbach (α). A estrutura fatorial da versão portuguesa da escala foi determinada segundo uma Análise de Componentes Principais. Todos os dados recolhidos são analisados no SPSS.

Parte III. Resultados

1. Apresentação dos Resultados

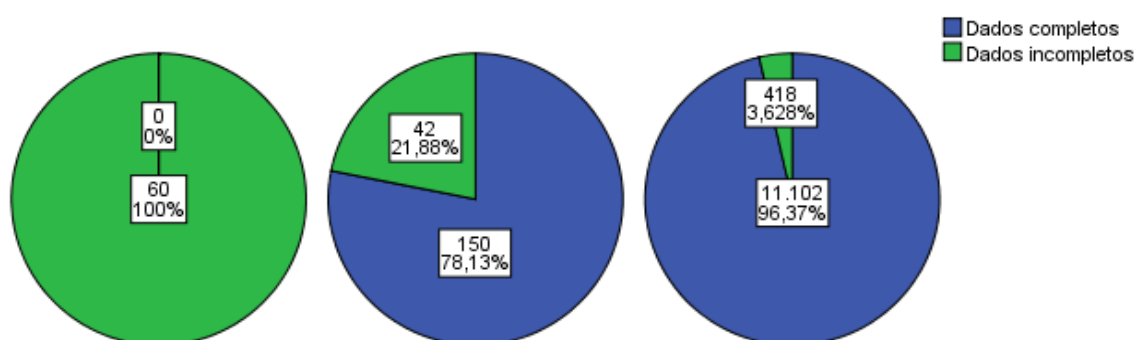
1.1. Análise dos Valores Omissos

Em primeiro lugar, procedemos à limpeza e correção dos dados obtidos. Das 286 respostas iniciais, retirámos 94 que estavam incompletas. Mantivemos na amostra os participantes que responderam, no mínimo, a 2/3 da escala EDIS, num total de 192.

Após verificação das respostas e correção dos erros, analisámos os valores omissos (*missing values*), seguindo as recomendações de Schlomer, Bauman e Card (2010) sobre a necessidade de informação dos valores omissos, e sua representatividade.

Verifica-se a existência de valores omissos em todas as variáveis; contudo, essa omissão circunscreve-se a 21.88% dos participantes e a 3.63% dos valores (ver figura 4). Apenas um item possui uma percentagem de valores em falta superior a 10%, nomeadamente o item 1: “Eu gosto igualmente da cultura surda e da ouvinte” (10.4%).

Figura 4. *Sectograma dos Valores em Falta (%) por Variável, Sujeitos e Valores*



Dada a reduzida percentagem de valores omissos, por variável, optámos pela não substituição dos valores omissos.

1.2. Propriedades Psicométricas da EDIS

1.2.1. Análise de Componentes Principais (validade).

Inicialmente, testámos a sensibilidade psicométrica de cada um dos itens, especificamente a presença de valores de assimetria (*Sk*) inferiores a 3 e de achatamento

(*Ku*) inferiores a 7 (Kline, 1998). A tabela 6 apresenta os valores obtidos, que indicam a adequação dos itens ao procedimento da análise de componentes principais (ACP)..

Tabela 6. *Itens da EDIS: Mínimo, Máximo, Média, Desvio-padrão, Assimetria (Sk) e Achatamento (Ku)*

Item	Min.	Max.	M	DP	Sk	Ku
1.Eu gosto igualmente da cultura surda e da ouvinte	1.00	5.00	3.90	1.10	-.97	.27
2. Não sei como me sinto em relação a surdos	1.00	5.00	2.52	1.30	.40	-.94
3. Os surdos só devem usar LGP	1.00	5.00	3.20	1.55	-.12	-1.58
4. A surdez é uma deficiência terrível	1.00	5.00	1.59	1.04	1.81	2.51
5. Apoio a cultura surda sem insultar os ouvintes	1.00	5.00	3.88	1.21	-.95	-.07
6. Os surdos não precisam de aparelhos auditivos	1.00	5.00	3.03	1.38	-.01	-1.16
7. Sinto pena dos surdos que dependem da língua gestual	1.00	5.00	1.76	1.12	1.39	.99
8. Para mim é difícil fazer amigos	1.00	5.00	2.19	1.19	.66	-.70
9. A Língua Gestual Portuguesa e Português são línguas diferentes de valor igual	1.00	5.00	3.88	1.20	-1.02	.07
10. Não há lugar para ouvintes no mundo dos surdos	1.00	5.00	2.16	1.30	.90	-.38
11.Eu refiro-me a mim mesmo como "surdo"	1.00	5.00	4.50	.82	-1.88	3.74
12.Eu não gosto quando os surdos usam a língua gestual	1.00	5.00	1.39	.74	2.18	5.06
13.Não sei se devo respeitar ou ressentir-me com os surdos	1.00	5.00	2.11	1.13	.80	-.12
14.Eu quero ajudar os ouvintes a perceber e respeitar a cultura surda	1.00	5.00	4.38	.78	-1.46	2.54
15.Eu não sei de devo referir-me a mim mesmo como "deficiente auditivo" ou "surdo"	1.00	5.00	2.18	1.19	.72	-.43
16.Somente os surdos devem ensinar as crianças surdas	1.00	5.00	3.94	1.32	-1.12	-.01
17.É possível um surdo preferir falar enquanto gestua e sentir-se orgulhoso por ser surdo	1.00	5.00	3.90	1.12	-.88	.07
18.Os surdos não deviam casar com outros surdos	1.00	5.00	1.45	.84	2.25	5.17
19.Os ouvintes não ajudam os surdos	1.00	5.00	2.52	1.21	.49	-.53
20.Quando vejo surdos a usar língua gestual, afasto-me	1.00	4.00	1.66	.94	1.29	.58
21.Eu consigo mudar da LGP para o Português Gestual e vice-versa	1.00	5.00	3.06	1.26	-.34	-.92
22.Nem os surdos nem os ouvintes me aceitam	1.00	4.00	1.87	.95	.74	-.55
23.Os surdos estão satisfeitos com o que o mundo dos surdos tem para oferecer	1.00	5.00	3.44	1.24	-.32	-.95
24.Estou sempre sozinho	1.00	5.00	1.85	1.14	1.38	1.05
25.Não percebo porque é que os surdos têm a sua própria cultura	1.00	5.00	2.16	1.15	.968	.35
26.Eu tenho amigos surdos e amigos ouvintes	1.00	5.00	4.48	.84	-1.94	3.56
27.Os ouvintes não percebem nem apoiam a maneira de ser dos surdos	1.00	5.00	2.92	1.25	.12	-1.11
28.Quando estou com os ouvintes eu lembro-me do meu orgulho de ser um surdo	1.00	5.00	3.84	1.19	-.84	-.26
29.A educação dos surdos deve focar-se em ensinar as crianças surdas a falar e a ler lábios	1.00	5.00	2.26	1.37	.80	-.65
30.Eu sinto-me zangado com os ouvintes	1.00	5.00	2.44	1.26	.44	-.87
31.Os surdos não precisam de intérpretes de língua gestual	1.00	5.00	1.67	1.02	1.67	2.29
32.A melhor maneira de comunicar é falar e gestuar ao mesmo tempo	1.00	5.00	2.69	1.33	.19	-1.15
33.Em geral os ouvintes são mais inteligentes que os surdos	1.00	5.00	1.65	.89	1.26	.90

34. Não sou fluente nem no Português nem na LGP	1.00	5.00	2.16	1.08	.62	-.58
35. É possível que um surdo prefira gestuar mais pela ordem do Português e ainda assim ter orgulho em ser surdo	1.00	5.00	3.03	1.25	-.03	-1.08
36. Não sei se pense na minha surdez como uma coisa boa ou como uma coisa má	1.00	5.00	2.63	1.24	.22	-.96
37. Sinto-me bem com um filho surdo ou ouvinte	1.00	5.00	4.51	.92	-2.29	5.37
38. É melhor para os surdos comunicarem oralmente e com leitura labial	1.00	5.00	2.15	1.19	1.00	.15
39. Os ouvintes comunicam melhor do que os surdos	1.00	5.00	1.89	1.05	1.30	1.29
40. Ensinar crianças surdas a falar é uma perda de tempo	1.00	5.00	3.15	1.52	-.21	-1.43
41. Não sei se devo respeitar ou ressentir os ouvintes	1.00	5.00	2.29	.94	.32	-.58
42. Eu só socializo com ouvintes	1.00	4.00	1.67	.80	1.17	1.02
43. É errado falar enquanto se gestua	1.00	5.00	2.35	1.29	.67	-.60
44. Tenho pensado muito sobre o que significa ser um surdo forte e orgulhoso	1.00	5.00	3.84	1.13	-.91	.11
45. Às vezes gosto de estar com outros surdos, mas outras vezes envergonham-me	1.00	5.00	2.28	1.15	.62	-.55
46. Gostaria de fazer uma operação que me desse audição total	1.00	5.00	1.78	1.18	1.24	.18
47. Alguns ouvintes apoiam verdadeiramente a cultura surda e os seus costumes	1.00	5.00	3.82	1.01	-.95	.65
48. Psicólogos, professores, médicos ouvintes especialistas em tratar surdos podem dar-me os melhores conselhos	1.00	5.00	2.90	1.27	-.01	-1.05
49. Eu sinto-me à vontade com surdos e com ouvintes	2.00	5.00	4.22	.87	-1.03	.42
50. Apenas surdos deviam gerir escolas para surdos	1.00	5.00	3.85	1.26	-.84	-.46
51. Sinto-me bem em ser surdo mas também me relaciono com ouvintes	1.00	5.00	4.16	.93	-1.23	1.25
52. Não consigo confiar nos ouvintes	1.00	5.00	2.45	1.06	.31	-.52
53. A língua gestual deve ser baseada no Português	1.00	5.00	2.85	1.36	.12	-1.27
54. Eu chamo-me a mim próprio "deficiente auditivo"	1.00	5.00	2.12	1.33	.86	-.61
55. Aprender a ler os lábios é uma perda de tempo	1.00	5.00	2.72	1.44	.25	-1.29
56. Estou confuso sobre a comunicação	1.00	5.00	2.25	1.22	.56	-.92
57. Os surdos só devem socializar com outros surdos	1.00	5.00	2.56	1.46	.46	-1.26
58. Eu não me sinto integrado nem com os ouvintes nem com os surdos	1.00	5.00	1.82	.99	.96	-.09
59. É importante encontrar a cura para a surdez	1.00	5.00	1.98	1.37	1.08	-.27
60. Os meus amigos ouvintes lutam pelos direitos dos surdos	1.00	5.00	3.36	1.21	-.54	-.50

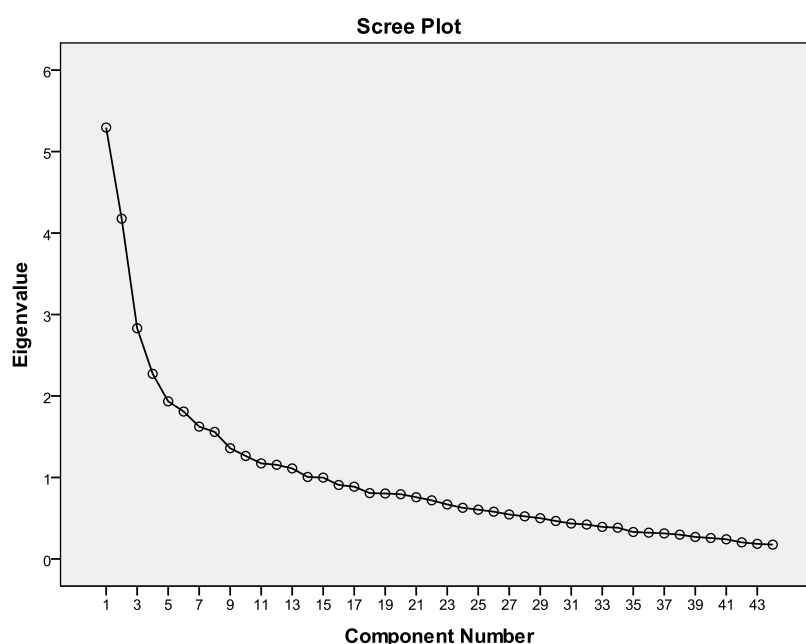
Contudo, apesar do *Bartlett's Test of Sphericity* ($\chi^2_{(1770)} = 3268.81, p < .001$) – indicar a aplicabilidade da ACP, assegurando a existência de associação entre os itens, o valor do teste *Kaiser Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy* ($KMO = .57$) demonstra a inadequação do tamanho da amostra, inviabilizando a sua prossecução. Alguns autores sugerem que a análise deste teste deve ser acompanhada de uma análise das correlações anti-imagem (Marôco, 2007). Valores acima dos 0.50 são aceitáveis, devendo os itens com valores inferiores ser eliminados da análise (Field, 2005).

Na execução dessa análise verificámos que 16 dos 60 itens (os itens 1, 6, 9, 14, 15, 21, 26, 27, 28, 31, 34, 35, 36, 43, 59 e 60) apresentavam valores de correlação anti-imagem abaixo de 0.50; retirámo-los e repetimos a análise exploratória. O valor obtido

no teste *Kaiser Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy* ($KMO = .67$) mostra-se bastante mais próximo do valor considerado aceitável (0.70), estando os valores da correlação anti-imagem acima dos 0.50, e os restantes muito baixos, como aconselhado.

Assim, desenvolvemos uma Análise de Componentes Principais exploratória, com os 44 itens que se mantiveram. A análise do *scree-plot* de Cattell permitiu considerar uma solução de quatro ou cinco fatores (ver figura 5).

Figura 5. *Scree-plot Resultante da ACP Exploratória (44 itens)*



A comparação entre as duas soluções evidenciou, em termos da harmonização teórica das dimensões e da sua consistência interna, que a solução de quatro fatores seria a mais parcimoniosa. Assim, procedemos a nova ACP com solução forçada a quatro fatores, rotação *varimax* e normalização de Kaiser, e carga fatorial superior a 0.30. Esta solução explica 33.13% da variância. A tabela 7 apresenta a distribuição dos itens.

O fator 1 é composto por 10 itens e explica 9.20 % da variância; o fator 2 agrupa 12 itens, explicando 9.11 % da variância; o fator 3, com 9 itens, explica 7.43% da variância e o último fator, formado por 11 itens, explica 7.38% da variância.

Foram eliminados dois itens, devido à carga peso fatorial reduzida (itens 18 “Os surdos não deviam casar com outros surdos” e 22 “Nem os surdos nem os ouvintes me aceitam”).

Tabela 7. *Peso Fatorial dos Itens, por Fator*

Its	<i>Carga fatorial</i>			
	1	2	3	4
53.A língua gestual deve ser baseada no Português	.71			
48.Psicólogos, professores, médicos ouvintes especialistas em tratar surdos podem dar-me os melhores conselhos	.62			
39.Os ouvintes comunicam melhor do que os surdos	.61			
46.Gostaria de fazer uma operação que me desse audição total	.57			
54.Eu chamo-me a mim próprio "deficiente auditivo"	.52			
42.Eu só socializo com ouvintes	.48			
40.Ensinar crianças surdas a falar é uma perda de tempo	-.45			
17.É possível um surdo preferir falar enquanto gestua e sentir-se orgulhoso por ser surdo	.45			
45.Às vezes gosto de estar com outros surdos mas outras vezes envergonham-me	.40			
47.Alguns ouvintes apoiam verdadeiramente a cultura surda e os seus costumes	.36			
12.Eu não gosto quando os surdos usam a língua gestual		.63		
7.Sinto pena dos surdos que dependem da língua gestual		.61		
49.Eu sinto-me à vontade com surdos e com ouvintes		-.53		
8.Para mim é difícil fazer amigos		.50		
4.A surdez é uma deficiência terrível		.49		
5.Apoio a cultura surda sem insultar os ouvintes		-.47		
11.Eu refiro-me a mim mesmo como "surdo"		-.47		
37.Sinto-me bem com um filho surdo ou ouvinte		-.45		
20.Quando vejo surdos a usar língua gestual, afasto-me		.44		.32
25.Não percebo porque é que os surdos têm a sua própria cultura		.44		
33.Em geral, os ouvintes são mais inteligentes do que os surdos	.31	.37		
2.Não sei como me sinto em relação a surdos		.34		
3.Os surdos só devem usar LGP			.66	
32.A melhor maneira de comunicar é falar e gestuar ao mesmo tempo	.32		-.62	
23.Os surdos estão satisfeitos com o que o mundo dos surdos tem p/ Oferecer			.56	
29.A educação dos surdos deve focar-se em ensinar as crianças surdas a falar e a ler lábios			-.50	
16.Somente os surdos devem ensinar as crianças surdas			.49	
38.É melhor p/ os surdos comunicarem oralmente e c/ leitura labial	.39		-.49	
19.Os ouvintes não ajudam os surdos			.49	
10.Não há lugar para ouvintes no mundo dos surdos			.43	

51.Sinto-me bem em ser surdo, mas também me relaciono com ouvintes		-.42
44.Tenho pensado muito sobre o que significa ser um surdo forte e orgulhoso		.57
30.Eu sinto-me zangado com os ouvintes		.54
55.Aprender a ler os lábios é uma perda de tempo		.54
50.Apenas surdos deviam gerir escolas para surdos	-.38	.54
57.Os surdos só devem socializar com outros surdos		.51
58.Eu não me sinto integrado nem c/ os ouvintes nem c/ os surdos		.48
24.Estou sempre sozinho		.45
13.Não sei se eu devo respeitar ou ressentir-se com os surdos	.32	.45
52.Não consigo de confiar nos ouvintes		.41
56.Estou confuso sobre a comunicação	.39	.41
41.Não sei se devo respeitar ou ressentir os ouvintes		.33

Nos três primeiros fatores existem vários itens com carga fatorial negativa, o que indica uma tendência de resposta contrária, devido ao significado dos itens. Esses itens necessitaram de ser recodificados, segundo a alteração de valor da escala de Likert: o valor 5 passa a 1 vice e versa; o valor 2 a 4 e o valor 3 mantém-se, de forma a ser possível obter valores adequados de consistência interna.

1.2.2. Consistência interna (Fidelidade)

A consistência interna dos fatores foi analisada com recurso ao *alpha* de Cronbach (α), uma medida derivada das correlações inter-itens. Inicialmente, alguns dos valores obtidos (fator 1 e fator 3) eram inferiores ao considerado aceitável, logo foi necessário eliminar um item por fator, de forma a aumentar o índice (ver tabela 8).

Tabela 8. *Composição Inicial dos Fatores, α Cronbach Inicial e após Eliminação dos Itens*

Fator	Composição inicial	α inicial	Composição final	α final
Fator 1	17, 39, 40 , 42, 45, 46, 47, 48, 53, 54	.57 (10 itens)	17, 39, 42, 45, 46, 47, 48, 53, 54	.71 (9 itens)
Fator 2	2, 4, 5, 7, 8,11, 12, 20, 25, 33, 37, 49	.72 (12 itens)	2, 4, 5, 7, 8,11, 12, 20, 25, 33, 37, 49	.72 (12 itens)
Fator 3	3, 10, 16, 19, 23, 29, 32, 38, 51	.63 (9 itens)	3, 10, 16, 19, 23, 29, 32, 38	.70 (8 itens)
Fator 4	13, 24, 30, 41, 44, 50, 52, 55, 56, 57, 58	.70 (11 itens)	13, 24, 30, 41, 44, 50, 52, 55, 56, 57, 58	.70 (11 itens)

Nota. Os itens eliminados estão assinalados a negrito e sublinhados

No final, todos os fatores apresentam valores aceitáveis de consistência interna, tendo-se obtido uma escala com 40 itens, distribuídos por quatro fatores.

Realizámos ainda uma correlação inter-fatores, de forma a determinar a relação entre si. Dado que se pretende que mensurem os sentimentos de identidade numa perspetiva da cultura surda, logo, poderão haver fatores com uma associação negativa ou sem associação.

Os resultados obtidos através da correlação de *Pearson* demonstram a presença de associações significativas positivas fracas do fator 1 com o fator 2 e o fator 3; do fator 2 com os fatores 3 e 4, e do fator 3 com o fator 4. Não existe uma correlação estatisticamente significativa entre os fatores 4 e 1 (tabela 9).

Tabela 9. *Valores da Correlação Inter-fatores*

	F1	F2	F3	F4
F 1	1			
F2	.25**	1		
F3	.22**	.30**	1	
F4	.05	.21**	.22**	1

** $p < .01$

1.3. Descrição dos fatores

Cada um dos fatores corresponde a uma orientação de identidade surda. De forma a facilitar a compreensão de cada orientação, a designação proposta pretende resumir, em traços gerais, aquilo que caracteriza, em termos de sua identidade e da sua cultura, o surdo que se insere nessa orientação.

O primeiro fator, que denominámos de orientação “Surdo Oralizado”, agrupa os itens que se destinam aos surdos que cresceram familiarizados com a língua falada, como primeira língua; aos surdos que cresceram no mundo ouvinte; aos surdos que ensurdeceram em idade tardia e que estavam habituados ao ambiente de sons (Martins, 2005). Estes não se consideram como surdos, mas sim como deficientes auditivos, assumindo na sua maneira de ser a perspetiva médica (Lane, 1997).

Os surdos podem escolher ou não seguir a reabilitação auditiva, com o uso de prótese auditiva ou de implante coclear para a melhoria da função de audição e da fala e, assim, fazer parte da sociedade maioritária. Mais tarde, na idade adulta, decidem aprender a LGP (Língua Gestual Portuguesa) e integrar-se na comunidade surda. Martins (2005) e Coelho e Lopes (2013) mostram que há pessoas surdas em Portugal que nunca aprenderam a LGP ou que simplesmente se recusam a aprendê-la, devido a vários fatores, principalmente ao seu percurso pessoal e educativo. É o tipo mais comum nos estudos, como referimos nos capítulos anteriores sobre a educação no ambiente familiar, pois a principal causa é a vergonha que os pais sentem em relação à LGP, decidindo esconder o filho surdo da comunidade surda ou dos surdos perto da sua zona e optando por seguir os médicos na procura da cura da audição.

O surdo oralizado sente-se melhor com os ouvintes, mas ao mesmo tempo, tem dificuldade em comunicar com eles. Vive a sua frustração com a falha na comunicação. Por vezes estes surdos oralizados convivem com os surdos utilizadores de LGP. Depois de aprenderem a língua nova, o passo inicial está dado, embora a comunidade surda, às vezes, desconfie do novo membro “desconhecido” no grupo (Martins, 2005). Mais tarde, poderá fazer parte do grupo. A Associação de Surdos é o centro do universo surdo, onde um surdo oralizado encontra um ambiente linguístico em LGP e pondera sobre a sua identidade, revendo as questões da definição de ser surdo na comunidade através do contacto com outros surdos (Morais, 2013).

Este é o tipo mais evidente nos surdos portugueses. Quando um surdo vê outro surdo a agir, a falar e a pensar igual ao ouvinte, reage negativamente. Trata-se de uma

identidade ouvinte ilusória (Martins, 2005) e abrange especialmente os surdos parciais e/ou oralizados.

O segundo fator, designado de Orientação “Surdo não assumido”, é o mais complexo relativamente à identidade surda. A surdez é considerada como uma doença que precisa de ser curada, de acordo com o modelo médico, procurando ser igual ao ouvinte, “saudável”. Esta fase é semelhante à do surdo oralizado, mas é acrescida da sua negação. Estanqueiro (2006) diz que, em Portugal, existem alguns surdos que têm a autoestima baixa e vivem em isolamento por terem dificuldade em aceitar a sua surdez.

Esta fase também se pode relacionar com os surdos que perdem a audição tardia e repentinamente, tendo, por isso, dificuldade em adaptar-se à surdez. É evidente a sua revolta face à perda de audição e às falhas de comunicação. Esta negação em ser surdo tem origem na educação e na relação com os pais. A pessoa surda sente confusão entre as duas línguas (LGP e oralidade). Também a restrição de utilizar a LGP pelos pais, a problemática do sistema pedagógico e o facto de não se sentir bem com os seus pares ocorre bastante entre surdos (Leigh, 2009; Coelho & Lopes, 2013).

Há casos de surdos que não se sentem bem nem com ouvintes nem com surdos. Nesta eventualidade, o surdo convive mais com ouvintes, embora se sinta rejeitado, pela impossibilidade de comunicar com eles. É possível que prefira comunicar oralmente, em detrimento da LGP. Demonstrada a ideia errónea do eu como surdo ou deficiente auditivo, em ambos a pessoa surda não se assume como tal (Coelho & Cortes, 2013). As pessoas surdas preferiam ser como os ouvintes, adotando, para o efeito, os seus costumes, valores e modos (Felizes, 2013).

O terceiro fator, a Orientação “Surdo imerso na cultura surda”, trata-se de uma identidade surda mais positiva, na qual está presente a aceitação do ser surdo. Um Surdo (com S maiúsculo), define-se por aceitar totalmente o seu modo de ser surdo, por sentir orgulho em ser surdo de uma maneira positiva. Vive igualmente os costumes e os valores da comunidade e comunica na mesma língua, na qual se sente mais à vontade do que na língua oral (Amaral, 2006; Estanqueiro, 2006; Martins, 2005). Em Portugal, tal como no resto do mundo, um encontro entre dois surdos tem um significado importante pois eles identificam-se naturalmente um com o outro (Morais, 2013). Nesta orientação, o tipo de surdo mais comum é o relativo aos filhos surdos de pais surdos, cuja língua materna emerge do ambiente familiar, sendo estes também os que mais influência exercem nas associações de surdos (Carmo, 2010; Martins, 2005; Moura, 2000). Estes surdos tendem ainda a frequentar a escola de surdos (Martins & Morgado, 2012).

Relacionado com o conceito da *Surdidade*, Ladd dá o exemplo de surdos que procuram não ser “colonizados” por ouvintes, nem se moldarem a eles, defendendo mais o ser surdo (Ladd, 2013). Este modelo é fundamental para as crianças e jovens surdos que podem crescer felizes tal como são. É evidente, aqui, que os surdos se preocupam muito com a educação das suas crianças, defendendo que esta se devia basear no ensino em LGP por docentes surdos (Morgado, 2013).

São defensores da LGP, valorizam a língua e conhecem bem a cultura, apoiam e ajudam os outros surdos. Isto relaciona-se especialmente com os líderes ou os seguidores de líderes surdos, que convivem e crescem nas associações de surdos onde desenvolveram a sua força e vontade de lutar pelo direito à igualdade da comunidade surda (Carvalho, 2007; Gil, 2011; Martins, 2005; 2008; Morais, 2013). A Associação de Surdos “promove o desenvolvimento da sua autonomia e sobrevivência, das participações, demonstrações da vontade e até da responsabilidade de gestão das atividades desse centro” (Morais, 2013, p. 358). O centro a que se refere é o surdo. A associação (Menezes & Pinho, 2013) é o ponto de viragem para o surdo que entra numa “segunda casa”, acabando por não sair mais de lá por sentir vontade de conviver com outros surdos. A associação de surdos preserva a identidade cultural transmitida pelas histórias dos surdos e pelos líderes que lutam em prol dos direitos da comunidade surda. Segundo Martins (2008, p. 31), “os hábitos principais são a comunicação, por excelência e, para a praticar, a forte união entre si, a necessidade de estar em grupo e de se encontrarem regularmente, frequentando os mesmos sítios, geralmente as Associações de Surdos”. Os surdos têm dificuldades em aceitar os ouvintes, pois são desconfiados, por se sentirem rejeitados durante muitos anos (Estanqueiro, 2006).

O quarto fator, a orientação “Surdo ambivalente”, é contraditório e complexo para o surdo. Sendo gestuante, ele tem uma posição de incerteza e revolta num mundo diferente, o mundo ouvinte. Não existem estudos que expliquem a origem da identidade em Portugal. Porém, considerando o surdo isolado, os estudos de Coelho e Cortes (2013) e Felizes (2013), realizaram entrevistas com o objetivo de compreender qual a língua de comunicação dos surdos isolados. Para entender este surdo não significa que ele viva afastado da vida em sociedade, mas sim que estas “pessoas surdas não dominam a língua comunitária das pessoas surdas ou seja não falam a língua gestual” (Felizes, 2013, p. 412).

Pode ser que o processo educativo e pessoal o tenha levado a sentir revolta contra os ouvintes, pelas barreiras na comunicação e pelo modo como tratam os surdos.

Neste sentido, a educação dos pais, ao proibirem a utilização da LGP até à idade adulta, acaba por resultar no afastamento entre o surdo e os seus pais, que não o aceitam como surdo, isto é, uma atitude de parternalismo (Lane, 1997; Martins, 2005). Os próprios pais protegem excessivamente o filho surdo que sufocam e não o deixam ter a vida que deseja (Estanqueiro, 2006). O mais comum é as crianças surdas sentirem-se bem nas escolas de surdos e nas associações por sentirem vivamente a comunicação, por se expressarem livremente entre pares de diferentes idades (Estanqueiro, 2006; Martins, 2005; Martins & Morgado, 2012).

Os surdos protegem e valorizam a LGP, enquanto utilizadores, embora, se sintam divididos entre duas línguas distintas (LGP e oralidade). Ficam confusos sobre o que é a favor ou contra os surdos, têm dificuldade em separar os seus sentimentos para com surdos e ouvintes. Por um lado acham que é importante que os surdos tenham uma comunidade surda, uma sociedade minoritária constituída e dependente de surdos. Ao mesmo tempo, há sentimentos de ressentimento para com os pares, ao que se chama a mudança de consciência, conceito introduzido por Padden e Humphries (1988, citados por Glickman, 1993), que defendem a existência de dois pontos de vista diferentes nos líderes e nos surdos: o paternalismo e a dependência da comunidade surda.

1.4. Cotação da EDIS – Versão Portuguesa

Após determinação das propriedades psicométricas da versão portuguesa da EDIS, renumerámos os itens, já que foram eliminados 20 itens da escala original. Foi mantida a ordem dos itens, alterando-se apenas a sua numeração.

Obtemos o *score* de cada orientação calculando a média dos itens que o integram. Contudo, previamente, os itens 4, 5, 18, 20, 22, 23 e 32, devem ser recodificados, transformando-os no seu inverso (o valor 1 passa a 5 e vice-versa, o valor 2 passa a 4 e vice-versa, e o valor 3 mantém-se), para manter o sentido semântico da própria orientação.

Tratando-se de um instrumento que objetiva caracterizar ou “classificar” os participantes quanto à sua identidade surda, numa das quatro orientações, e tendo nós constatado o fato da fraca (ou ausente) associação entre orientações, não tem sentido o cálculo de um *score* total. Apresentamos, na tabela 10, a composição final da versão portuguesa da EDIS – Escala do Desenvolvimento da Identidade Surda.

Tabela 10. *Composição da Versão Portuguesa da EDIS (40 itens)*

Item
1. Não sei como me sinto em relação a surdos
2. Os surdos só devem usar LGP
3. A surdez é uma deficiência terrível
4. Apoio a cultura surda sem insultar os ouvintes
5. Sinto pena dos surdos que dependem da língua gestual
6. Para mim é difícil fazer amigos
7. Não há lugar para ouvintes no mundo dos surdos
8. Eu refiro-me a mim mesmo como "surdo"
9. Eu não gosto quando os surdos usam a língua gestual
10. Não sei se devo respeitar ou ressentir-me com os surdos
11. Somente os surdos devem ensinar as crianças surdas
12. É possível um surdo preferir falar enquanto gestua e sentir-se orgulhoso por ser surdo
13. Os ouvintes não ajudam os surdos
14. Quando vejo surdos a usar língua gestual, afasto-me
15. Os surdos estão satisfeitos com o que o mundo dos surdos tem para oferecer
16. Estou sempre sozinho
17. Não percebo porque é que os surdos têm a sua própria cultura
18. A educação dos surdos deve focar-se em ensinar as crianças surdas a falar e a ler lábios
19. Eu sinto-me zangado com os ouvintes
20. A melhor maneira de comunicar é falar e gestuar ao mesmo tempo
21. Em geral os ouvintes são mais inteligentes que os surdos
22. Sinto-me bem com um filho surdo ou ouvinte
23. É melhor para os surdos comunicarem oralmente e com leitura labial
24. Os ouvintes comunicam melhor do que os surdos
25. Não sei se devo respeitar ou ressentir os ouvintes
26. Eu só socializo com ouvintes
27. Tenho pensado muito sobre o que significa ser um surdo forte e orgulhoso
28. Às vezes gosto de estar com outros surdos, mas outras vezes envergonham-me
29. Gostaria de fazer uma operação que me desse audição total
30. Alguns ouvintes apoiam verdadeiramente a cultura surda e os seus costumes
31. Psicólogos, professores, médicos ouvintes especialistas em tratar surdos podem dar-me os melhores conselhos
32. Eu sinto-me à vontade com surdos e com ouvintes
33. Apenas surdos deviam gerir escolas para surdos
34. Não consigo confiar nos ouvintes
35. A língua gestual deve ser baseada no Português
36. Eu chamo-me a mim próprio "deficiente auditivo"
37. Aprender a ler os lábios é uma perda de tempo
38. Estou confuso sobre a comunicação
39. Os surdos só devem socializar com outros surdos
40. Eu não me sinto integrado nem com os ouvintes nem com os surdos

A orientação com valor médio superior corresponderá à identidade surda predominante do indivíduo surdo. Os itens incluídos em cada orientação são apresentados na tabela 11.

Tabela 11. *Composição da Versão Portuguesa da EDIS (40 itens)*

Fator	Composição final	N.º itens
Surdo não assumido	1, 3, 4, 5, 6, 8,9, 14, 17, 21, 22, 32	12
Surdo ambivalente	10, 16, 19, 25, 27, 33, 34, 37, 38, 39, 40	11
Surdo oralizado	12, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 35, 36	9
Surdo imerso na cultura surda	2, 7, 11, 13, 15, 18, 20, 23	8

1.5. Resultados da Amostra da Presente Investigação

Após estabelecermos a validade interna do instrumento, assim como a sua consistência interna, procedemos à análise dos resultados da amostra deste estudo.

Em primeiro lugar, apresentamos os valores da estatística descritiva de cada orientação (mínimo, máximo, média e desvio-padrão) (tabela 12).

Tabela 12. *Orientações da EDIS Portuguesa: Mínimo, Máximo, Média e Desvio-padrão*

Orientação	<i>n</i>	<i>Min.</i>	<i>Max.</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>
Surdo não assumido	192	1.00	3.33	1.82	.51
Surdo ambivalente	192	1.00	4.00	2.56	.58
Surdo oralizado	192	1.00	4.22	2.57	.66
Surdo imerso na cultura surda	192	1.38	5.00	3.26	.74

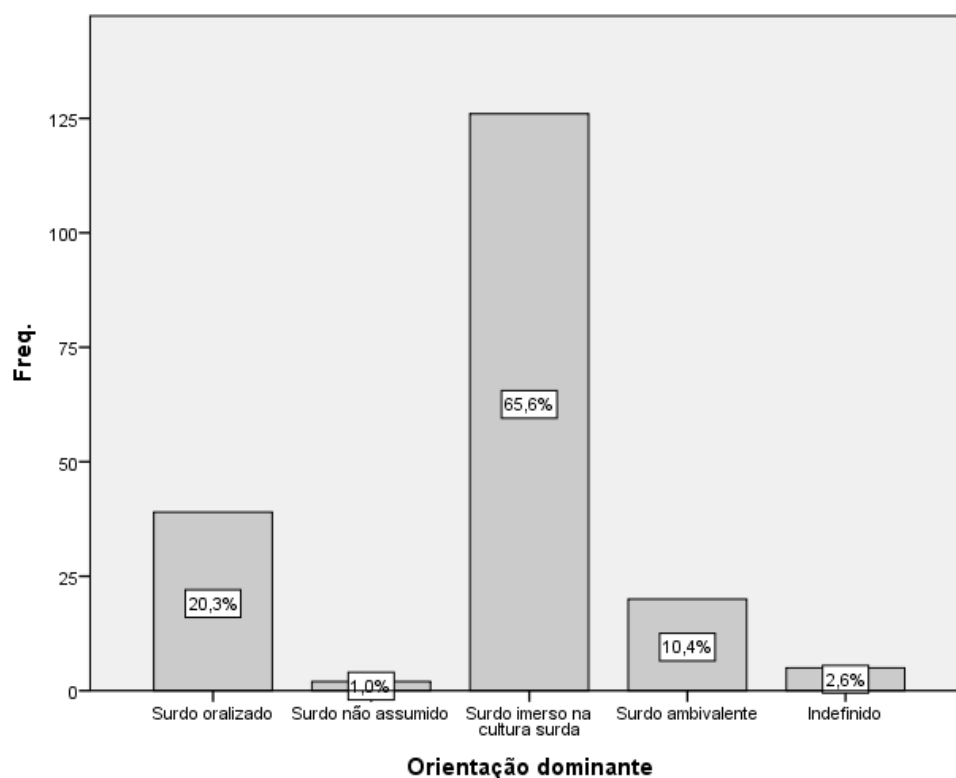
Verificamos que a orientação de Imersão na cultura surda é a que obtém uma média mais elevada, seguindo-se o Surdo oralizado, o Surdo ambivalente e, por último, o Surdo não assumido. Constata-se, também, que as médias de cada orientação são aproximadas.

Posteriormente, definimos, segundo o valor médio mais elevado por participante, a orientação dominante. Nos participantes em que havia valores médios idênticos em duas ou mais orientações, designámos de indefinida.

A figura 6 ilustra a distribuição das orientações associadas à identidade surda, na amostra. Podemos observar que mais de metade da amostra (65, 6%) se situa na orientação “Surdo imerso na cultura surda”, indicador da aceitação da sua condição. Segue-se a orientação “Surdo oralizado”, com cerca de um quinto da amostra, e a

orientação “Surdo ambivalente”. A orientação “Surdo não assumido” aparece somente em dois participantes (1%).

Figura 6. *Gráfico de Barras da Distribuição das Orientações de Identidade Surda, na Amostra (n = 192)*

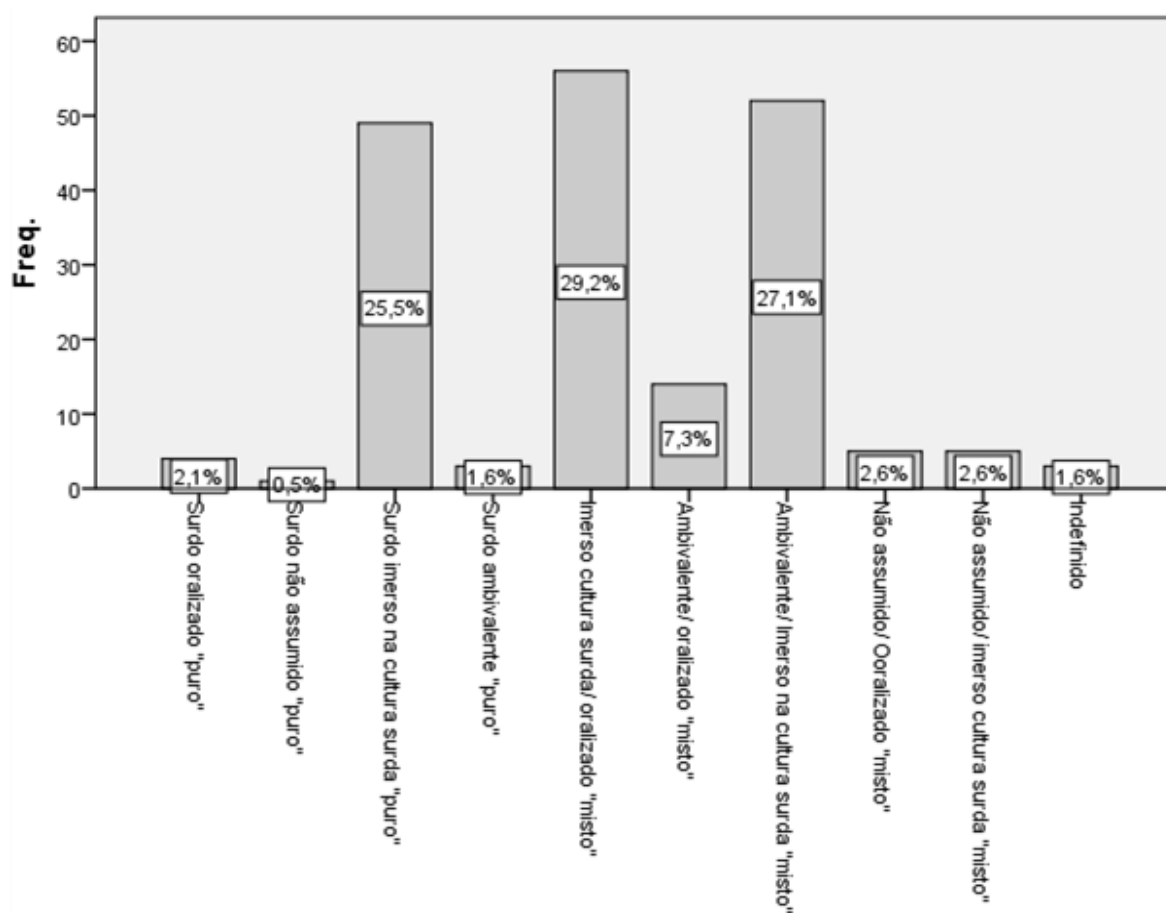


Durante a determinação da orientação dominante de cada participante, apercebemo-nos de que em muitos participantes o valor médio das orientações eram muito aproximadas. Assim, considerámos a pertinência de atribuir uma designação “secundária”, entre “pura” e mista”. O primeiro termo inclui os participantes cuja diferença entre orientações é clara, e o misto abrange os participantes com médias iguais ou muito aproximadas. Parece-nos constituir uma “classificação” mais realista da orientação identitária dos participantes.

Para determinar a forma de distinção entre puras e mistas, analisámos os desvios-padrão de cada orientação (F1: $DP = 0.65$; F2: $DP = 0.50$; F3: $DP = 0.74$; F4: $DP = 0.58$). O valor maior é 0.74, por isso considerámos como índice de comparação inter-fatores o valor inteiro mais aproximado, isto é, 1.

Os valores obtidos nesta segunda classificação permitem compreender que o número de surdos com uma orientação “pura” é reduzido, havendo uma grande percentagem de participantes com uma identidade “mista” (figura 7).

Figura 7. Gráfico de Barras da Distribuição das Orientações da Identidade Surda “Puras” e “Mistas”, na Amostra ($n = 192$)



Apesar da orientação “Surdo imerso na cultura surda” continuar a ser dominante, em 58,9% das situações, surge em associação com outra orientação, respetivamente a orientação “Surdo oralizado”, a orientação “Surdo ambivalente”, por fim, com pouco significado, a orientação “Surdo não assumido”. Esta orientação, pura ou em associação com outra, aparece em 11% dos casos. A orientação “Surdo oralizado” corresponde a 41,2% do total dos participantes da amostra, e a orientação “Surdo ambivalente”, pura ou mista, é característica de 36% dos casos.

Verificamos, assim, que a distribuição das orientações segue, em linha descendente, desde a aceitação da surdez como parte de personalidade (culturalmente surdo), até à recusa da surdez (culturalmente ouvinte).

1.5.1. Relação com as variáveis sociodemográficas e clínicas.

Por último, procurámos obter mais dados sobre a amostra do presente estudo, caracterizando-a de forma aprofundada, relacionando a orientação de identidade surda dominante com algumas variáveis socio-demográficas e dados sobre a surdez.

1.5.1.1. Orientação dominante e género

Relativamente ao género, os dados obtidos são apresentados na tabela 13, e mostram que, quer nos homens quer nas mulheres, a distribuição da orientação dominante é muito similar. A maioria dos participantes enquadram-se na orientação “surdo imerso na cultura surda”, seguindo-se os “surdos oralizados”, os “surdos ambivalentes”, os não assumidos e, com muito pouca expressão, os indefinidos. Apesar dos dados não permitirem um teste de comparação de proporções, parecem não haver diferenças entre os géneros.

Tabela 13. *Distribuição das Orientações da EDIS , segundo o Género (n e % por grupo)*

Orientação dominante	Masc.		Fem.	
	n	%	N	%
Surdo oralizado	13	19.1	18	17.8
Surdo não assumido	1	1.5	1	1.0
Surdo imerso na cultura surda	46	67.6	69	68.3
Surdo ambivalente	8	11.8	8	7.9
Indefinido	0	0.0	5	5.0
Total	68	100.0	101	100.0

1.5.1.2. Orientação dominante e idade.

Os valores da correlação de Spearman (tabela 14) demonstram que não existe uma associação entre os valores obtidos em cada orientação e a idade dos participantes, ou seja, a idade não influencia a adoção de uma ou outra orientação identitária.

Tabela 14. Correlação de Spearman entre as Orientações da EDIS e a Idade ($n = 192$)

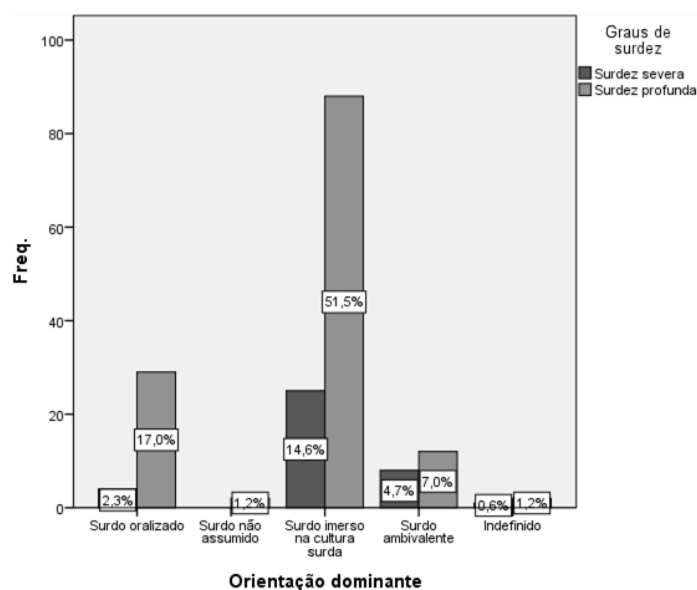
	Idade	SO	SNA	SICS	SA
Idade	1.00				
Surdo oralizado (SO)	-.12	1.00			
Surdo não assumido (SNA)	-.05	.15*	1.00		
Surdo imerso na cultura surda (SICS)	.09	-.18*	.04	1.00	. *
Surdo ambivalente (SA)	.05	.11	.17*	.17*	1.00

* $p < .05$

1.5.1.3. Orientação dominante e grau de surdez.

Procurámos também analisar se o grau de surdez (severa ou profunda) poderia estar associado a determinada orientação. Apesar da maioria da amostra ter um grau profundo de surdez, os resultados revelam que os surdos imersos na cultura surda predominam nos participantes com surdez severa e com surdez profunda (figura 7).

Figura 8. Gráfico de Barras da Distribuição das Orientações da Identidade Surda



A única diferença assinalável reside no grupo dos surdos ambivalentes, que são em número superior nos participantes com surdez profunda.

1.5.1.4. Orientação dominante e surdez dos progenitores.

Averiguámos ainda a relação entre a identidade surda e a possibilidade dos pais sofrerem de surdez. Contudo, quer nas situações em que os pais são ouvintes, quer nas situações em que os pais (um ou ambos) são surdos, a orientação dominante é o “surdo imerso na cultura surda”. Nos casos em que um ou ambos os pais sofrem de surdez, não existem surdos não assumidos (ver tabela 15).

Tabela 15. *Distribuição das Orientações da EDIS, segundo a Surdez dos Pais (n e % por orientação)*

Orientação	Ouvintes		Surdos		Um dos pais surdo	
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%
Surdo oralizado	32	91.4	3	8.6	0	0.0
Surdo não assumido	2	100.0	0	0.0	0	0.0
Surdo imerso na cultura surda	97	86.6	12	10.7	3	2.7
Surdo ambivalente	19	95.0	1	5.0	0	0.0
Indefinido	3	75.0	0	0.0	1	25.0

2. Comparação dos resultados

2.1. Comparação dos resultados da versão original com a versão portuguesa

Dado à formulação do problema da investigação, comparámos as duas versões da EDIS, a original e a portuguesa.

A aplicação da versão original foi feita a uma amostra de 161 participantes, de quais 56 eram de ALDA (*Association of Late—Deafened Adults*) e 105 da Universidade de Gallaudet.

A versão portuguesa da escala é constituída por 40 itens, enquanto a original contém 57 itens. Ambas estão organizadas em quatro fatores, mas diferentes entre si e com um número diferente de itens (ver tabela 16). Há itens que se mantêm iguais em

relação à versão original e outros não. Os *alpha* de cronbach das duas versões são diferentes, mas ambos são indicadores aceitáveis de consistência interna.

Segundo Almeida e Freire (2008) e Breakwell, Fife-Schaw, Hammond e Smith (2010) a investigação pode resultar em diferentes conjuntos de itens e de fatores, tal está associado ao fato do instrumento responder pelo próprio indivíduo. Portanto é evidente que as culturas da identidade nos Estados Unidos da América e Portugal são diferentes.

Tabela 16. *Comparação entre itens e α de Cronbach da EDIS da versão portuguesa e da versão original.*

Escala versão portuguesa		<i>Alpha</i>		Glickman (1993)	<i>Alpha</i>
Surdo oralizado	17, 39, 42, 45, 46, 47, 48, 53, 54	.71	Ouvinte	4, 7, 12, 18, 25, 29, 38, 39, 42, 46, 48, 53, 54, 59	.86
Surdo não assumido	2, 4, 5, 7, 8, 11, 12, 20, 25, 33, 37, 49	.72	Marginal	2, 8, 13, 15, 20, 22, 24, 32, 36, 45, 56, 58	.76
Surdo Imerso c.s.	3, 10, 16, 19, 23, 29, 32, 38	.70	Imersão	3, 6, 10, 16, 19, 23, 27, 30, 40, 43, 50, 52, 55, 57	.83
Surdo ambivalente	13, 24, 30, 41, 44, 50, 52, 55, 56, 57, 58	.70	Bicultural	1, 5, 9, 11, 14, 21, 26, 28, 37, 44, 47, 49, 51, 60	.81

2.2. Comparação entre os resultados da EDIS e os resultados da versão portuguesa

Existe, para além do estudo da versão original da EDIS, mais dois estudos desenvolvidos por Allen, Dobosh, Leigh, e Marcus (1998) e Fischer e McWhirter (2001) que foram analisados e tidos em conta para o estudo de validação da EDIS. Allen et al (1998) aplicaram a EDIS com o objetivo de conhecer a identidade entre surdos e ouvintes, filhos de pais surdos. Esta escala foi aplicada, para além dos surdos, a pessoas ouvintes, filhas de pais surdos, com um membro da família surdo ou aquelas que trabalham com surdos

Em outro estudo, Fischer e McWhirter (2001) aplicaram a EDIS numa amostra composta por 323 surdos. Procuravam verificar se a estrutura da EDIS era consistente entre os três grupos.

Com base nestes resultados, procurámos comparar as outras versões e a versão portuguesa, para atestarmos a validação por nós desenvolvida. Apresentamos na tabela 17 a comparação de todos os estudos de validação da EDIS.

Tabela 17. *Comparação nas versões diferentes da escala*

	Glickman (1993)	Allen et la (1998)	Fischer & McWhirter (2001)	Versão portuguesa (2014)
Total da Amostra (n)	161	244	323	192

Quanto à fidedignidade, em todas as versões foi calculada por meio da consistência interna de *alpha* de Cronbach (ver tabela 18). Leigh (2009) referiu a fidedignidade aceitável da EDIS da versão original, Glickman (1993) detetou o biculturalismo como importante para obter a pontuação mais elevada nas orientações. Ainda a mesma autora mostrou que o estudo de Fischer e McWhirter (2001) confirma a fidedignidade aceitável, apesar do valor de consistência interna da orientação “biculturalismo” ser muito baixa.

Tabela 18. *Comparação nas versões diferentes da escala em Total da amostra e Alfa de Cronbach*

		Glickman (1993)	Allen, et la. (1998)	Fischer & McWhirter (2001)	Versão Portuguesa (2014)
	Ouvinte /Surdo Oralizado	.86	.84	.81	.71
Escala (<i>alpha</i> de Cronbach)	Marginal / Surdo não Assumido	.76	.79	.84	.72
	Imersão / Surdo Imerso	.83	.80	.87	.70
	Bicultural / Surdo Ambivalente	.81	.33	.78	.70

Como observamos, existem várias diferenças entre os estudos de validação da EDIS; também no estudo da versão portuguesa houve a necessidade de reduzir os itens para chegar a um valor aceitável da consistência interna. Ainda assim, no geral, a versão portuguesa é a que obtém valores mais reduzidos, embora aceitáveis. Representando os resultados sobre o número de itens em cada orientação, nas várias versões, mostramos que cada autor chegou a um número de itens diferente, em relação às outras versões. Esta pode também ser uma das razões para os valores de consistência interna; quanto menor o número de itens, mais probabilidade de obter valores mais reduzidos (Field, 2005). Ainda Fischer e McWhirter (2001) mostram a existência de limites no estudo da EDIS, em que o conjunto de itens e os fatores são diferentes, dada a potencial variância de dados, que se pode considerar como instabilidade nos participantes, devido a fatores como a idade, as habilitações literárias, a escola que frequentou, ou a opção de comunicação.

Por um lado, Allen et al (1998) apresentam que as diferenças na EDIS, ao nível dos conjuntos de itens e de consistência interna, podem ser devidas a um fator de desejabilidade social, ou seja, tem a ver com a questão da diferença do quotidiano no contexto da comunicação, do trabalho, da família, da comunidade surda no surdo.

Tabela 19. *Comparação de estudos de total de itens de cada orientação*

		Glickman (1993)	Allen et la. (1998)	Fischer & McWhirter (2001)	Versão Portuguesa (2014)
Orientação	Ouvinte /Surdo Oralizado	14	12	10	9
	Marginal / Surdo não Assumido	12	11	12	12
	Imersão / Surdo Imerso	14	14	12	8
	Bicultural / Surdo Ambivalente	14	10	13	11
	Total	54	47	47	40

Evidentemente, como observámos, nas diferentes versões da EDIS existem diferenças assinaláveis entre os valores de consistência interna e o número de itens. O investigador da versão original, Glickman (1993), sendo ouvinte, já explicou que as suas dificuldades foram criar uma escala específica para surdos por ele próprio ser ouvinte. Entendemos que um ouvinte tem dificuldades em entender a perceção de como é ser surdo, um silêncio, uma identidade própria que só é compreensível, se se convive diariamente com os surdos. Almeida, Gonçalves, Machado, e Simões (2003) explicam que naturalmente os números diferentes na validade depende da perceção na resposta e também da forma como a pessoa compreende as frases e dá a resposta.

3. Discussão dos Resultados

Neste capítulo procuraremos refletir sobre os resultados obtidos, no sentido de os interpretar e explicitar. Pretendemos articular com os objetivos definidos e as questões que propusemos para esta investigação.

Quanto aos resultados na amostra, a sua reflexão é importante porque nos permite conhecer como é ser um surdo, a forma como cresceu e a forma como se insere e interage na comunidade surda. A maioria dos participantes tem surdez profunda, causada, em primeiro lugar, por uma por uma condição congénita, e depois, em segundo lugar, uma surdez adquirida. Referindo os estudos de Antunes (2013) e Moreira (2009), estes autores afirmam que em Portugal o grau de surdez mais comum é a surdez profunda. A surdez congénita também é o fator principal associado à surdez na população surda portuguesa, pois há muitos pais que não sabiam que o próprio filho já possuía surdez durante a gravidez e, por vezes nas complicações durante o parto (Cerejeira, et al., 2011).

Quase metade dos participantes prefere a LGP como a comunicação mais adequada, o que nos mostra a importância desta língua para o seu desenvolvimento linguístico. Esta língua, mais uma vez, é a língua natural dos surdos, a qual pode ser adquirida precoce ou tardiamente, e é a que é valorizada por eles. O estudo da aquisição da LGP da criança surda dos 10 aos 24 meses, de Carmo (2010), procura a forma como a criança é exposta naturalmente à língua gestual. Também Estanqueiro (2006) mencionou a língua gestual como uma aquisição natural da criança surda, sendo importante manter o seu direito de se sentir bem na comunicação. Também é fulcral, para que se desenvolva em sintonia com o ambiente linguístico, a presença de adultos

surdos. Delgado-Martins (1996, citado por Almeida, 2009, p. 142) mostra que “esta hipótese de aquisição e desenvolvimento da língua gestual como forma estruturadora da cognição e da linguagem conduz a uma hipótese de bilinguismo precoce da criança surda em que a língua gestual é a língua materna e a língua portuguesa a língua segunda”. Outros autores que estudam a identidade surda (Cerqueira, 2010; Martins, 2005) comprovam a importância da língua gestual para o desenvolvimento da identidade no surdo.

Quando ao enquadramento familiar, a grande maioria dos participantes afirma que tem pais ouvintes, tal como é confirmado por muitos estudos (Amaral, 2006; Carmo, 2010; Cerqueira, 2010; Coelho & Lopes, 2013; Estanqueiro, 2006; Martins, 2005; Morgado, 2011; Nunes, 2009)

A média de idade dos participantes em que começam a aprender a LGP é de cerca de 8 anos. Este valor é indicador da existência de muitos casos de surdos que aprenderam pela primeira vez a LGP quando entraram para a escola, se a escola na qual estudam tem alunos surdos, podendo ser uma turma só com surdos ou de ensino especial (Afonso, 2008; Amaral, 2006; Martins, 2008; Martins & Morgado, 2012). Freire (2013) confirmou que a educação de crianças e jovens surdos é extremamente importante para a aprendizagem e aquisição da LGP, facilitando o processo de aprendizagem, durante as aulas. Tal é confirmado pelo dado que mostra que mais de metade dos participantes aprendeu pela primeira vez a LGP nas escolas de surdos. Sobre a frequência da escola, os dados demonstram que a maioria dos participantes frequenta a escola numa turma só de alunos surdos, seguindo-se os que estão inseridos numa turma integrada, com surdos e ouvintes. Relacionando com a identidade surda, não apresentamos a relação com esta variável e o tipo de identidade, é relevante para outros autores tais como Hadjidakou e Nikolarazi (2006) que mostram que a maioria dos adultos surdos com identidade surda já estiveram numa turma com colegas surdos ou estiveram numa turma de integração (surdos e ouvintes). Esta experiência levou a que desenvolvessem a sua identidade surda.

Em relação à convivência com surdos, os participantes optam por encontrar os surdos diariamente, enquanto uma percentagem reduzida prefere limitar o convívio ao fim-de-semana. Uma parte significativa dos participantes prefere encontrar os seus amigos na Associação de surdos. Ladd (2013) e Morais (2013) afirmam que o encontro entre surdos neste tipo de associação é fundamental para o seu estar-no-mundo e ser-no-seu-modo como um surdo, procurando todas as maneiras com o qual o surdo se pode

sentir livre, com que o mundo lhe pertence. Como afirmámos anteriormente, a LGP era proibida de usar (Carvalho, 2007), só a partir dos anos 80 é que se começou a exibir em todo o lado. Nesta altura da proibição, houve muitos surdos que preservaram esta língua até aos dias de hoje. É uma experiência importante para um surdo, cujo contacto pode contribuir para a preservação da sua identidade, a entrada na associação de surdos (Martins, 2005; Morais, 2013).

Após a discussão dos resultados da amostra, debruçamo-nos agora sobre a versão portuguesa da EDIS.

A análise das orientações de identidade surda “pura” e “mista”, revela que a maioria dos participantes se insere numa orientação mista. Principalmente a orientação Surdo imerso na cultura surda, associa-se com as orientações Surdo oralizado e Surdo ambivalente. Trata-se de uma transição ligada ao fato de que um surdo pode, numa fase inicial, ter crescido numa sociedade ouvinte, começando depois a juntar-se à comunidade surda, sentindo-se assim bem e livre, como foi afirmando nos estudos de Rosa (2012), Perlin (2001), e Perlin e Reis (2012). Também é um processo de mudança de grupo para grupo, se o surdo mudar de ambiente, no grupo, vai proporcionar uma mudança na sua identidade, como descreve Reagan (2002, citado por Leigh, 2009) que mostrou estes dois eixos interativos, necessários para compreender a sua identidade. A proposta de quatro classificações de Perlin (2001) também contribui para elucidar sobre a construção e processo de transição do mundo ouvinte para a comunidade surda.

Analisámos as orientações emergentes da versão portuguesa num espectro que vai da negação à aceitação dos sentimentos relativos à identidade de ser surdo (ver figura 9). Após a observação da progressão das orientações, fez-nos sentido essa “dicotomia”. A negação está associada à identidade de Surdo não assumido, seguindo-se a do Surdo ambivalente. Posteriormente, começa a fase de transição para a aceitação: surdo oralizado e surdo imerso na cultura surda. A última fase relaciona os dois modelos na perspetiva da surdez, em que uma pessoa surda aceita, à sua maneira, o sentido da perda de audição, segundo o modelo cultural e social ou o modelo médico. Contudo, são as duas opções aceitáveis para o surdo (Myllroy & Storbeck, 2011).

As descrições da EDIS da versão portuguesa foram comparadas com outros estudos de investigadores portugueses, sendo possível encontrar sempre um contributo para a compreensão das características da (s) maneira (s) de ser surdo, na população portuguesa. Também procurámos a ligação entre outras teorias mencionadas, que

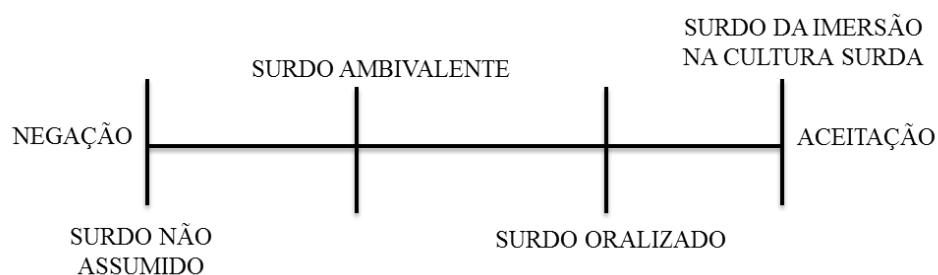
podem apresentar semelhanças às características da identidade surda, enquanto grupo minoritário.

O Surdo oralizado tem como ponto forte aceitar ser igual ao ouvinte, optando por seguir o modelo médico (Lane, 1997). Este aspeto foi referido nas teorias relacionadas com a EDIS de Glickman (1993), segundo as quais há participantes com uma estratégia de modalidade individual (BatChava, 2000); a teoria de Perlin (2001) sobre a identidade surda híbrida explica o facto de existir surdos que consideram a língua gestual como a sua segunda língua.

Outra orientação, o Surdo não assumido, o que nega, em absoluto, ou não, a sua surdez, foi abordada no estudo de Mollroy e Stobek (2011), que mostraram que os participantes podem ter dificuldades em consciencializar-se como surdos. Este facto ainda é designado como a Identidade surda incompleta, por Perlin (2001). O surdo esconde de todas as maneiras que é surdo. Dentro dos estudos da identidade surda não mostram especificamente esta descrição, porque há vários fatores que levam à não aceitação da maneira de ser surdo. Pelo contrário, a orientação surdo imerso, muito considerada nos estudos surdos, pressupõe que este aceita todos os modos de expressão do ser surdo: história, cultura, artes, poesia, personalidades. Incluindo os estudos de *Surdidade* e *Deaf Gain*.

O último fator fez-nos refletir, dadas as dificuldades na relação entre os itens e a denominação. Esta descrição é parecida com a orientação Marginal (Glickman, 1993), mas a revolta para com os ouvintes é mais evidente nesta identidade. De acordo com as teorias de identificação e rejeição (Carty, s.d., citado por Leigh, 2009) e o estudo de Mollroy e Stobek (2011) sobre a identidade nos surdos, em geral, revelam que estes se sentiam bem com a comunidade surda, após serem oprimidos e revoltados com os ouvintes.

Figura 9. Esquema sobre os fatores da EDIS



Comparando o presente estudo com outros estudos sobre a identidade surda em Portugal, Cerqueira (2010) e Martins (2008) apresentam dados sobre a identidade nos surdos: Martins (2008), num estudo com jovens surdos sobre a construção da sua identidade, conclui que ainda estão em desenvolvimento, no sentido de atingir a normalização. No estudo de Cerqueira (2010), os resultados é semelhante ao desta investigação, concluindo que a maioria de participantes já possui a identidade Surda.

Quanto à inserção dos participantes nas orientações, a maioria situa-se na orientação do Surdo imerso na cultura surda, seguindo-se o Surdo oralizado, depois o Surdo ambivalente e, por último, Surdo não assumido.

Utilizámos a comparação entre as variáveis e orientações dominantes para verificar se existe uma relação com a identidade surda. Em relação ao género, os valores entre géneros são aproximados, sendo a orientação Surdo Imerso na cultura surda o mais respondido, em ambos os grupos.

Quanto ao grau de surdez, verificámos que a surdez profunda é predominante em todas as orientações. Não há estudos que falem sobre a relação entre o grau de surdez e a identidade. Embora o grau de surdez não seja importante nem relevante para a comunidade surda, pois é um aspeto relacionado com o modelo médico.

Quanto à relação entre o enquadramento familiar e as orientações da EDIS, verificámos que os participantes com a orientação Surdo Imerso na cultura surda possuem uma percentagem mais elevada de pais ouvintes que outras orientações. Provavelmente, tratar-se-ão de surdos que foram sofrendo transformações da identidade, no sentido da imersão, após terem adquirido e ganho consciência de ser surdo (Amaral, 2006; Martins, 2008).

Por um lado, existem três participantes com Surdo oralizado e um participante com surdo ambivalente, filho de pais surdos. Este é um caso escasso, especialmente em Portugal, além de não termos encontrado estudos que possam elucidar sobre este fato. Podemos hipotetizar que estes participantes possam ter sido influenciados pela sociedade ouvinte, o que levou a afastar-se da maneira de ser surdo. Ou os seus próprios pais podem ter sido “forçados” a ser igual aos ouvintes, ou sentem vergonha da comunidade surda, o que terá funcionado como uma influência negativo para o seu filho surdo, afastando-o da imersão na cultura surda.

No estudo de Allen, Dobosh, Leigh e Marcus (1998), aplicou-se a EDIS para identificar os surdos e os ouvintes, filhos de pais surdos e ouvintes, para conhecer o tipo de identidade de cada grupo. Os resultados mostraram que os participantes surdos têm

uma pontuação elevada na orientação de imersão. Quanto aos surdos, filhos de pais ouvintes, têm a maior pontuação na orientação de ouvinte, e a seguir a orientação marginal.

Para além da EDIS, citamos ainda o estudo teórico por Carty (s.d., citado por Leigh, 2009), sobre as seis fases da teoria do desenvolvimento da identidade surda, sublinhando a passagem da primeira fase, a Confusão, para a fase de Exploração. É um facto que, quando uma criança surda percebe que é diferente do seu ambiente familiar, começa a procurar informações sobre surdos. Entendemos que estas duas fases são a transição para alcançar a imersão na identidade surda, sendo necessário, futuramente, encontrar mais “pontos de ligação” entre as várias teorias.

Parte IV. Conclusão

Os estudos sobre a identidade surda, começaram a partir da década de 70, possibilitando nessa mesma altura a criação do instrumento sobre este tema para a população surda. Foi o passo inicial para desenvolver os estudos. Mais tarde aprofundaram os estudos e criaram os instrumentos (Allen, Dobosh, Leigh, & Marcus, 1998; Chen, 2014; Glickman, 1993; Leigh, 2009; Maxwell-Mc-Caw & Zea, 2011).

Para os procedimentos de adaptação dos instrumentos, nomeadamente as medidas psicométricas, os estudos específicos com a população surda são importantes, daí a importância da tradução e adaptação da EDIS. Também é importante para a área de psicologia, para que se possa conhecer as características da identidade na população surda portuguesa, contribuindo para eliminar essa lacuna da investigação. Trata-se de mais um contributo, para conhecer os modelos e as teorias que falam sobre a identidade surda. Também sobre a cultura surda, em geral.

A identidade surda interliga-se com as características psicológica, individual, cultural, contexto familiar, relação com pares e o ambiente linguístico, que definem a “construção” do indivíduo surdo. Descrevemos como é ser surdo na sua relação com o grupo de surdos, dependendo da autopercepção no surdo, havendo diferentes grupos sociais de surdos (Leigh, 2009). Mostrámos também os conceitos científicos recentes associados à atribuição da identidade e à maneira como é ser surdo. A língua gestual e o contacto com a comunidade surda são os pontos fortes para a questão de estudo sobre a identidade.

Em Portugal, não há modelos específicos de como se relaciona a identidade surda. Procurámos todas as pesquisas que falam sobre a comunidade surda, em Portugal, e que contribuíram para a nossa investigação. Todas as identidades são discutíveis, em termos de investigação, não se tratando aqui de uma investigação “oficial” para determinar a identidade, mas sim de conhecer a identidade nos surdos portugueses.

Neste estudo alcançámos os nossos objetivos para a validação da EDIS, através da tradução, adaptação e aplicação deste instrumento, de forma a caracterizarmos a identidade nos surdos portugueses. A nossa escolha é importante, trata-se de um estudo preliminar para a comunidade surda, que foi ao encontro da nossa necessidade de mudar e permitir levar uma luz às investigações sobre a aplicação de instrumentos em populações específicas, como esta.

No nosso estudo empírico aplicámos o instrumento com auxílio dos vídeos, as frases do questionário e da escala interpretadas em LGP, como forma de ajuda aos participantes.

Decidimos criar a página web para os surdos responderem à distância, dada a morosidade da aplicação individual e por meio do computador portátil. Este facto foi positivo para a investigação, na medida em que recolhemos respostas de mais participantes.

Quanto à criação de um programa informático *Localhost*, contendo os vídeos e as respostas, a maioria dos participantes comentou ter sido uma ajuda visualizá-los, para compreender as frases. Podemos dizer que ficaram satisfeitos, mas no entanto, alguns tinham dificuldades em compreender os gestos expostos. Concluimos que essa compreensão dependia dos surdos que entendessem bem ou não, como foi referido repetidamente, terá dependido da sua participação na comunidade surda. Quanto às dificuldades assinaladas, a maior foi o tempo da aplicação da escala, tornando-se um processo cansativo para os surdos.

Uma vez que nós, os investigadores, não podemos interpretar as frases, para evitar influenciar as respostas, esse facto pode dificultar futuros estudos. Os vídeos terão resolvido esse problema, mas são um procedimento complexo de executar.

Por um lado, muitos surdos são contadores de história e as suas recordações mantêm-se fundamentais para a preservação da identidade, especialmente aqueles que vivenciam nas associações de surdos (Carvalho, 2007; Chen, 2014; Freire, 2013; Morgado, 2011, 2013). Durante a aplicação, normalmente eles confundiam as respostas relacionadas com o passado e o presente.

Os resultados da EDIS adaptada para versão portuguesa são satisfatórios, no âmbito da área de psicologia e da investigação sobre os estudos surdos. Conhecemos quais os tipos de identidade surdos portugueses, sendo que a maioria deles fazem parte das associações de surdos. Estes resultados estão em acordo com o estudo de Cerqueira (2010), sobre o tipo de identidade surda.

Em geral, os quatro fatores obtidos na versão portuguesa da EDIS fazem sentido.

Os resultados são, portanto, na generalidade, positivos para a comunidade surda, pois pusemos um pouco a descoberto os tipos de identidade surda nos surdos portugueses. Mostrámos as descrições das propriedades psicométricas num instrumento adaptado e específico para esta população, ressaltando a importância que outros profissionais, no futuro, possam prosseguir na adaptação de mais instrumentos para a população surda. A nossa escolha de estudar sobre EDIS teve a intenção de demonstrar que existem instrumentos que podem ser adaptados para os surdos; necessitamos, sim, de procurar outras alternativas para além de “falar”. Em relação à EDIS, salientamos a

necessidade de mais estudos para aprofundar as propriedades psicométricas e ampliar a amostra em diferentes locais.

Para terminar, esperamos que esta “pequena gota” no universo dos estudos possa incentivar outros estudos; por outro lado, demos mais um passo no aprofundamento da compreensão das pessoas surdas, cujo “silêncio”, muitas vezes, torna-se ensurdecedor, na medida em que a limitação das opções ao dispor dos profissionais é gritante!!

V. Referências Bibliográficas

- Afonso, C. (2008). *Reflexões sobre a surdez: A problemática específica da surdez. A Educação de Surdos*. Vila Nova Gaia: Gailivro.
- Allen, T., Dobosh, P., Leigh, I. & Marcus, A. (1998). Deaf/Hearing Cultural Identity Paradigms: Modification of the Deaf Identity Development Scale. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 3(4), 329-338. Retrieved from <http://jdsde.oxfordjournals.org/content/3/4/329.full.pdf+html>
- Almeida, L. & Freire, T. (2008). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbris Edições.
- Almeida, L., Gonçalves, M., Machado, C. & Simões, M. (2003). Avaliação Psicológica: Instrumentos válidos para a População Portuguesa. In Almeida, L., Gonçalves, M., Machado, C. & Simões, M. *Introdução: Contributos para a divulgação de instrumentos de avaliação psicológica* (pp. 7-13). Coimbra: Quarteto.
- Almeida, M. (2009). O desenvolvimento da literacia na criança surda: uma abordagem centrada na família para uma intervenção precoce. *Medi@ções - Revista OnLine da Escola Superior do Instituto de Setúbal*, 1(1), 142-155.
- Amaral, M. (2006). Perspectivas teóricas na aquisição da linguagem em crianças surdas. In Bispo, M., Clara, L., Clara, M. & Couto, A. (Coords.). *O Gesto e a Palavra I - Antologia de Textos sobre a surdez*. (pp. 109-150). Lisboa: Caminho.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (1999). *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Andrade, A., Bosi, M.L., Machado, M., Nóbrega, J. & Pontes, R. (2012). Identidade surda e intervenções em saúde na perspectiva de uma comunidade usuária de língua de sinais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 671-679. Retrieved from <http://www.scielo.org/pdf/csc/v17n3/v17n3a13>
- Antunes, A. (2013). *A inclusão de alunos surdos em salas de aula regulares*. (Dissertação do Mestrado). Retrived from run.unl.pt/bitstream/.../1/Dissertação%20mestrado_Ana%20Antunes.pdf
- Bahan, B., Bauman, H.-D., Montenegro, F. (Produtores), Bahan, B. & Bauman, H.-D. (Realizadores). (2008). *Audism Unveiled* [Filme]. San Diego: Dawnsign Press.

- Bat-Chava, Y. (2000). Diversity of Deaf Identities. *American Annals of the Deaf*, 145(5), 420-428.
- Bauman, H.-D. (2004). Audism: Exploring the Metaphysics of Oppression. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 9(2), 239-246. doi: 10.1093/deafed/enh025
- Bauman, H.-D. & Murray, J. (2009). Reframing: From Hearing Loss to Deaf Gain. *Deaf Studies Digital Journal*, 1, 1-10. Retrieved from http://dsdj.gallaudet.edu/assets/section/section2/entry19/DSDJ_entry19.pdf
- Bauman, H.-D. & Murray, J. (2010). *Deaf Studies in the 21st Century: "Deaf-gain" and the Future of Human Diversity*. Retrieved from www.books.google.pt
- Bergamo, A. & Santana, A. (Maio/Agosto de 2005). Cultura e Identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Edu. Soc., Campinas*, 26 (91), pp. 565-582. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf>
- Branco, C., Caroça, C., Henriques, M., Moreira, I. & Paço, J. (2010). *Introdução à Surdez*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Breakwell, G., Fife-Schaw, C., Hammond, S. & Smith, J. (2010). *Métodos de pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: Artmed.
- Came, S., & Fachal, J. (2008). Avaliação Psicométrica: a qualidade das medidas e o entendimento dos dados. In Cunha, J.A. *Psicodiagnóstico V*. (pp. 158-167). Porto Alegre: Artmed.
- Carmo, P. (2010). *Aquisição da Língua Gestual Portuguesa: Estudo Longitudinal de uma criança surda dos 10 aos 24 meses*. (Dissertação do Mestrado). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.
- Carvalho, P. (2007). *Breve História dos Surdos no Mundo e em Portugal*. Lisboa: Surd´Universo.
- Carvalho, P. (2011). *Estudos Surdos I: Obras de Referência*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Castells, M. (2003). *O poder da identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Cerejeira, R., Gonçalves, P., Paiva, A., Ribeiro, J.C. & Silvestre, N. (2011). Surdez congénita neurossensorial - Proposta para algoritmo de investigação. *Otorrinolaringologia e cirurgia cérvico-facial - Revista Portuguesa*, 49(4), 211-215. Retrieved from https://www.sporl.pt/Portals/0/Revista/PDFs/vol49_n4_dez2011.pdf
- Cerqueira, M. (2010). *Construção da Identidade Surda: O Surdo na Família, na Escola e na Sociedade*. (Dissertação do Mestrado). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.
- Chen, G. (2014). Influential factors of deaf identity development. *Journal for inclusive education*, 3(2), 1-12. Retrieved from <http://corescholar.libraries.wright.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1164&context=ejie>
- Coelho, O. & Lopes, C. (2013). Negando a incomunicabilidade surda: a importância das interações comunicacionais em contexto familiar. In Coelho, O. & Klein, M. *Cartografias de surdez. Comunidades, línguas, práticas e pedagogias* (pp. 451-466). Porto: Livpsic.
- Coelho, O. & Cortes, S. (2013). Surdos isolados, línguas, cidadania, identidade e iliteracia. In Coelho, O. & Klein, M. *Cartografias de surdez. Comunidades, línguas, práticas e pedagogias* (pp. 389-405). Porto: Livpsic.
- Convenção sobre os direitos das Pessoas com Deficiência*. (Julho de 2009). Resolução da Assembleia da República n.º 56/2009. Retrieved from http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/publicos/acessibilidade/res_56_2009_conv_ar.pdf
- Cortinhas, S. & Silva, V. (s.d.). *Uma Reflexão sobre os Processos Afectivos Parentais com a Criança Surda*. Retrieved from <http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=395>
- Cromack, E. M. (2004). Identidade, Cultura Surda e Produção de Subjetividades e Educação: Atravessamentos e Implicações Sociais. *Psicologia Ciência e Profissão*, 24 (4), 68-77. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n4/v24n4a09.pdf>

- De Meulder, M. & Küsters, A. (2013). Understanding Deafhood: In search of its meaning. *American Annals of the Deaf*, 158(5), 428-438.
- Erthal, T. (1987). *Manual de Psicometria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Estanqueiro, P. (2006). Língua Gestual Portuguesa - uma opção ou um direito? O meio menos restritivo na educação de Surdos. In Bispo, M. Clara. L., Clara, M. & Couto, A. *O Gesto e a Palavra I - Antologia de Textos sobre a surdez*. (pp. 191-220). Lisboa: Caminho.
- Estrada, M. (2009). *A educação de alunos surdos no 2º e 3º ciclos do ensino básico - Análise comparativa de dois modelos educativos*. (Dissertação do Mestrado). Retrieved from https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/682/1/MPEstrada_teseM.pdf
- Feher-Prout, T. (1996). Stress and Coping in Families with Deaf Children. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 1(3), 155-166. Retrieved from <http://jdsde.oxfordjournals.org/content/1/3/155.full.pdf+html>
- Felizes, R. (2013). Surdez, sujeição e isolamento linguístico. In Coelho, O. & Klein, M. *Cartografias de surdez. Comunidades, línguas, práticas e pedagogias* (pp. 407-418). Porto: Livpsic.
- Field, A. (2005). *Discovering statistics using SPSS*. (2ª ed.). London: Sage.
- Fischer, L. & McWhirter, J. (2001). The Deaf Identity Development Scale: A Revision and Validation. *Journal of Counseling Psychology*, 48(3), 355-358. doi: 10.1037//0022-0167.48.3.355
- Foster, S. & Kinuthia, W. (2003). Deaf Person of Asian American, Hispanic American and African American Backgrounds: a Study of Intraindividual diversity and identity. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 8(3), 271-290. doi: 10.1093/deafed/eng015
- Françoze, M.F. (2003). Família e surdez: Algumas considerações os profissionais que trabalham com famílias. In Gesueli, Z.M., Kauchakje, S. & Silva, I.R. *Cidadania, Surdez e Linguagem: Desafios e Realidades*. (pp. 77-88). São Paulo: Plexus Editora.

- Freire, M. (2013). *Educação bilingue e bicultural de crianças e jovens Surdos - Língua Gestual Portuguesa como primeira língua e Língua Portuguesa como segunda língua - Pressupostos teóricos e sugestões práticas*. Retrieved from http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/5576/3/Educ_bilingue_e_bicultural_de_crianças_e_jovens_surdos.pdf
- Gesueli, Z., Glammelaro, C. & Silva, I. (2013). A relação sujeito/linguagem na construção da identidade surda. *Educ. Soc. Campinas*, 34(123), 509-527. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/es/v34n123/11.pdf>
- Gil, C. (2011). A liderança na comunidade surda portuguesa: Estudo qualitativo sobre 4 líderes Surdos. *Cadernos de Saúde*, 4 (1), 43-52.
- Glickman, N. (1993). *Deaf Identity Development: construction and validation of a theoretical model*. (Tese do Doutorado).University of Massachusetts.
- Glickman, N. & Carey, J. (1993). Measuring Deaf Cultural Identities: A Preliminary Investigation. *Rehabilitation Psychology*, 4 (38), 275- 283.
- Gomes, M. D. (2010). *Lugares E Representações do Outro: A Surdez como Diferença*. Porto: CIIIE-Livpsic.
- Gonçalves, J. & Ladd, P. (2011). Culturas surdas e o desenvolvimento de pedagogias surdas. In Karnopp, L. Klein, M. & Lunardi-Lazzari, M. *Cultura surda na contemporaneidade - negociações, intercorrências e provocação*. (295-293). Canoas: Editora de ULBRA.
- Hadjikakou, K. & Nikolarazi, M. (2006). The Role of Education Experiences in the Development of Deaf Identity. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 11(4), 477-492. doi: 10.1093/deafed/enl003
- Hauser, P., Mckee, M., O'Hearn, A., Steider, A. & Thew, D. (2010). Deaf Epistemology: Deafhood and Deafness. *American Annals of the Deaf*, 154(5), 486-492.
- Hill, A. & Hill, M. M. (2009). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

- Hoffmeister, R. (2009). Inclusão de pessoas surdas no processo de aprendizagem das famílias com crianças surdas. In Bispo, M., Clara, M., Clara, L. & Couto, A. (Coords.). *O Gesto e a Palavra 2*. (pp. 143-166). Lisboa: Caminho.
- Hoffmeister, R., Bahan, B. & Lane, H. (1996). *A journey into the Deaf-World*. San Diego: Daw Sign Press. Retrieved from www.books.google.pt
- Holcomb, T. (1997). Development of deaf bicultural identity. *American Annals of the Deaf*, 142(2), 89-93.
- Johnson, S. (2011). *Deaf Identity among alumni of option schools in U.S.* Retrieved from http://digitalcommons.wustl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1627&context=pacs_capstones
- Jokinen, M. (2006). Os utilizadores de Língua Gestual e a Comunidade Surda. In Bispo, M., Clara, M., Clara, L. & Couto, A. (Coords.). *O Gesto e a Palavra I - Antologia de Textos sobre a surdez..*(pp. 83-108). Lisboa: Caminho.
- Kauchakje, S. (2003). "Comunidade Surda": As demandas identitárias no campo dos direitos, da inclusão e da participação social. In Gesueli, Z.M., Kauchakje, S. & Silva, I.R. *Cidadania, Surdez e Linguagem: Desafios e Realidades.*(pp. 57-76). São Paulo: Plexus Editora.
- Klein, M. & Martins, F. (2013). Ouvintismo/audismo: emergência e efeitos na história dos surdos. In Coelho, O. & Klein, M. *Cartografias de surde. Comunidades, línguas, práticas e pedagogias* (pp. 485-496). Porto: Livpsic.
- Ladd, P. (2005). Deafhood-. A concept stressing possibilities, not deficits. *Scandinavian Journal of Public Health*, 33(6), 12-17. doi: 10.1080/14034950510033318
- Ladd, P. (2008). Colonialism and Resistance: A brief History of Deafhood. In L. Bauman, & H. Dirksen (Coords.). *Open your eyes - Deaf Studies Talking*. (pp. 42-59). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Ladd, P. (2011). *Comprendiendo la cultura Sorda. En búsqueda de la Soreidad*. Concepcion, Chile: Consejo Nacional de la Cultura y las Artes.

- Ladd, P. (2013). *Em busca da Surdidade 1 - Colonização dos Surdos*. Lisboa: Surd'Universo.
- Lane, H. (1997). *A Máscara da Benevolência: A Comunidade Surda Amordaçada*. (C. Reis, Trad.) Lisboa: Instituto Piaget.
- Lane, H. (2006). Serão as pessoas surdas deficientes?. In Bispo, M., Clara, M., Clara, L. & Couto, A. (Coords.). *O Gesto e a Palavra I* .(pp. 25-55). Lisboa: Caminho.
- Leigh, I. (2009). *A Lens on Deaf Identities*. New York: Oxford University Press.
- Leigh, I. W., Marcus, A. L. & Maxwell-McCaw, D. L. (s.d.). *Social Identity in Deaf Culture: A Comparison of Ideologies*. Retrieved from <http://www.codaaustralia.com/wp-content/uploads/2012/02/socialidentityindeafculture.pdf>.
- Loughran, S. (2013). Cultural Identity, deafness and sign language: A postcolonial approach. *Journal of Transdisciplinary Writing and research from Glaremont Graduate University*, 2(19), 1-8. doi:10.5642/lux.201301.19
- Lustrae, A. (s.d.). *Deaf cultural, identity and the educational, approach to language acquisition*. Retrieved from <http://www.upm.ro/gidni/GIDNI-01/Psy/Psy%2001%2012.pdf>
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística com o SPSS Statistoc*. Pero Pinheiro: ReporNunber Análise e Gestão de Informação.
- Martins, M. (2005). *Cultura Surda Contributo para a sua compreensão*. (Dissertação do Mestrado). Universidade Moderna, Lisboa
- Martins, M. (2008). *Construção da Identidade Cultural em Jovens Surdos*. (Dissertação do Mestrado). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa
- Martins, M. & Morgado, M. (2012). A Transmissão de Valores e a Construção da Identidade em jovens Surdos. In Perlin, G. & Stumpf, M. (Coords.). *Um olhar sobre nós Surdos - Leituras Contemporâneas* (pp. 57-135). Curitiba: Editora CRV.

- Maxwell-Mc-Caw, D. & Zea, M. (January de 2011). The Deaf Acculturation Scale (DAS): Development and Validation of a 58-Item Measure. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education* 16(3), 1-18. doi: 10.1093/deafed/enq061
- McIlroy, G. (2008). *A narritive explorar of educational experiences on deaf identity*. (Dissertação do Mestrado). Retrieved from <http://wiredspace.wits.ac.za/bitstream/handle/10539/5928/M%20Ed%20Guy%20Mcilroy%202008%20final%20corrections.pdf?sequence=1>
- McKee, R. & Smiler, K. (2007). Perception of Māori Deaf Identity in New Zealand. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 12(1), 93-111. doi: 10.1093/deafed/enl023
- McIlroy, G. & Storbeck, C. (2011). Development of Deaf Identity: An Ethnographic Study. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 16(4), 494-511. doi: 10.1093/deafed/enr017
- Menezes, I. & Pinho, S. (2013). Associativismo Surdo: História e Atualidade. In Coelho, O. & Klein, M. *Cartografias da surdez. Comunidades, línguas, práticas e pedagogias* (pp. 285-298). Porto: Livpsic.
- Morais, A. (2009). Um dia de cada vez Acessibilidade e informação. In Bispo, M., Clara, M., Clara, L. & Couto, A. (Coords.). *O Gesto e a Palavra 2*. (pp. 345-364). Lisboa: Caminho.
- Morais, A. (2013). Representação e Liderança da Comunidade Surda: Um olhar da Sociologia. In Coelho, O. & Klein, M. (Coords.). *Cartografias da Surdez: Comunidades, línguas, práticas e pedagogias*.(pp.353-363). Porto: Livpsi.
- Moreira, I. (2009). *Reabilitação Auditiva em crianças com surdez severa/ profunda*. (Dissertação do Mestrado). Retrieved from <https://ubithesis.ubi.pt/bitstream/10400.6/988/1/VERS%C3%83O%20FINAL%20DA%20TESE%20DE%20MESTRADO%20PARA%20IMPRIMIR.pdf>
- Morgado, M. (2011). *Literatura das Línguas Gestuais*. Lisboa : Universidade Católica Editora.

- Morgado, M. (2013). Literatura Surda Infantil. In Coelho, O. & Klein, M. *Cartografias de surdez. Comunidades, línguas, práticas e pedagogias* (pp. 327-338). Porto: Livpsic.
- Moura, M. C. (2000). *O Surdo: Caminhos para uma Nova Identidade*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Mylebust, H.R. (1974). *Psicologia del sordo*. Madrid: Editora Magisterio Español S.A.
- Nikolarazi, M. (2007). Analysing the concept of deaf identity. *Hellenic Journal of Psychology*, 4, 185-204. Retrieved from <http://www.pseve.org/journal/UPLOAD/Nikolarazi4b.pdf>
- Nunes, R. (2009). A Identidade surda face ao direito a um futuro aberto In Bispo, M., Clara, M., Clara, L. & Couto, A. (Coords.). *O Gesto e a Palavra 2*. (pp. 325-343). Lisboa: Caminho.
- Obasi, C. (2008). Seeing the Deaf in "Deafness". *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 13(4), . 455-465. doi: 10.1093/deafed/enn008
- Parasnis, I. (1997). Cultural Identity and Diversity in Deaf Education. *American Annals of the Deaf*, 142(2), 72-79. REtrieved from http://www.info.texasdhhresources.org/pdf/Lesson_Plans/Social%20Justice/SJP_LS_ArticleForTeacher.pdf
- Perlin, G. (2001). Identidades Surdas. In Sklair, C. *A Surdez, um olhar sobre as diferenças* (pp. 51-73). Porto Alegre: Mediação.
- Perlin, G. & Miranda, W. (2003). Tendências - Surdos: o narrar e a política. *Ponto de Vista, Florianópolis*, 05, 217-226. Retrieved from http://www.perspectiva.ufsc.br/pontodevista_05/12_tendencia.pdf
- Perlin, G. & Reis, F. (2012). Surdos: Cultura e transformação contemporânea. In Pelin, G. & Stumpf, M. *Um olhar sobre nós surdos: Leituras Contemporâneas* .(pp. 29-46). Curitiba: Editora CRV.
- Pizzio, A. & Quadros, R. (2010). *Bases Biológicas e Aquisição de Linguagem*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

- Ricou, M. (2006). Psicologia e surdez. In In Bispo, M., Clara, M., Clara, L. & Couto, A. (Coords.). *O Gesto e a Palavra I*. (pp. 275-312). Lisboa: Caminho.
- Rosa, E. F. (2012). Identidades Surdas: o identificar do surdo na sociedade. In Perlin, G. & Stumpf, M. (Coords.). *Um olhar sobre nós surdos: Leituras Contemporâneas*. (pp. 21-28). Curitiba: Editora CRV.
- Sacks, O. (2011). *Vejo uma voz - Uma viagem ao Mundo dos surdos*. (R. Faria, Trad.). Lisboa: Relógio D'Água.
- Schlinger, G. (2012). *Acculturation and identity development of deaf ethnic minorities*. Knoxville: University of Tennessee. Retrieved from http://trace.tennessee.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2508&context=utk_gradthes
- Schlomer, G., Bauman, S. & Card, N. (2010). Best practices form missing data management in counselling psychology. *Journal of Conseling Psychology*, 57(1), 1-10. doi: 10.1037/a0018082.
- Singleton, J. & Tittle, M. (2000). Deaf Parents and Their Hearing Children. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 5(3), 221-236. doi: 10.1093/deafed/5.3.221
- Souza, R. M. (1998). *Que palavra que te falta?: Linguística, educação e surdez*. São Paulo: Matins Fontes.
- Staten, F. (2011). *Examining the influence of the residencial school for the deaf experience on deaf identity*. (Dissertação do Mestrado). Retrieved from <http://ir.uiowa.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2672&context=etd>
- Tajfel, H. (1981). *Human groups and social categories*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Vieira, L. (1998). Genética da Surdez hereditária. In Nunes, R. *Controvérsias na Reabilitação da Criança Surda* (pp. 79-102). Porto: Fundação Eng. António de Almeida.

Anexos

Anexo A

Declaração de Autorização para a exibição de imagens

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, n.º de CC/BI _____, venho por este meio autorizar que sejam exibidas as minhas imagens em suporte de vídeo a efetuar língua gestual, para efeitos de realização do trabalho de investigação sobre “Contributos para a Validação da Escala do Desenvolvimento da Identidade Surda – Estudos de Tradução, Adaptação e Aplicação”, com vista à obtenção do grau de Mestre da Dra. Helena Isabel da Silva Garrinhas.

As imagens serão utilizadas, apenas, junto do programa informático onde contém vídeos com Língua Gestual Portuguesa que foram interpretados no uso das frases do questionário e da escala. Estes vídeos têm por objetivos, facilitar às pessoas surdas o entendimento dos itens do questionário, bem como a resposta à escala. Serão utilizadas ainda aquando da defesa pública do trabalho de dissertação do mestrado. Em caso de necessidade, poderão ser apresentadas no Deaf Academy Congress, na Universidade Católica Portuguesa de Lisboa entre os dias 18 e 20 de julho de 2013.

A guarda das imagens em causa, será feita, apenas, durante o período de duração da investigação e, não podem ser utilizadas pelo outro investigador sem que os participantes nestas imagens, concedam nova autorização.

Lisboa, ____ de _____ de 2013

(Assinatura)

Anexo B

Versão original da Escala de Desenvolvimento da Identidade Surda

Deaf People's Different Views of Deafness

The purpose of these sentences is to find out about your feelings and thoughts about being deaf.

This research is in both English and ASL. You can read the English sentence and then respond or you can watch the ASL sentence and then respond. The English and the ASL mean the same.

Please do not write your name on these papers. Please answer honestly. There are no right or wrong answers. What is important is what you think and what you feel. Please try to respond to every sentence.

There are 60 sentences. On the videotape, there is a 7 second pause between sentences. Please try to answer quickly. Do not take more than a few seconds per sentence.

Your job is to circle how much you agree or disagree with each sentence. After each sentence, there are 5 choices:

SA: Strongly Agree
A: Agree
DN: Don't Know
D: Disagree
SD: Strongly Disagree

Please circle the response that best matches how you think and feel.

Example

Most deaf people are happy. **SA A DN D SD**

If you **strongly agree** with this sentence, circle **SA**.

If you **agree**, circle **A**.

If you are **don't know**, circle **DN**.

If you **disagree**, circle **D**.

If you **strongly disagree**, circle **SD**.

- | | | | | | |
|---|-----------|----------|-----------|----------|-----------|
| 1. I enjoy both deaf and hearing cultures. | SA | A | DN | D | SD |
| 2. I don't know how I feel about deaf people. | SA | A | DN | D | SD |
| 3. Deaf people should only use ASL. | SA | A | DN | D | SD |
| 4. Deafness is a terrible disability. | SA | A | DN | D | SD |
| 5. I support deaf culture without insulting hearing people. | SA | A | DN | D | SD |
| 6. Deaf people do not need hearing aids. | SA | A | DN | D | SD |
| 7. I feel sorry for deaf people who depend upon sign language. | SA | A | DN | D | SD |
| 8. It's hard for me to make friends. | SA | A | DN | D | SD |
| 9. American Sign Language and English are different languages of equal value. | SA | A | DN | D | SD |
| 10. There is no place for hearing people in the deaf world. | SA | A | DN | D | SD |
| 11. I call myself "deaf." | SA | A | DN | D | SD |

12.I don't like it when deaf people use sign language.	SA	A	DN	D	SD
13.I don't know whether to respect or resent deaf people.	SA	A	DN	D	SD
14.I want to help hearing people understand and respect deaf culture.	SA	A	DN	D	SD
15.I don't know whether to call myself "hearing-impaired" or "deaf."	SA	A	DN	D	SD
16.Only deaf people should teach deaf children.	SA	A	DN	D	SD
17.It is possible for a deaf person to prefer to speak while signing and still feel proud to be deaf.	SA	A	DN	D	SD
18.Deaf people should <u>not</u> marry other deaf people.	SA	A	DN	D	SD
19.Hearing people don't help deaf people.	SA	A	DN	D	SD
20.When I see deaf people use sign language, I walk away.	SA	A	DN	D	SD
21.I can change between ASL and Sign English.	SA	A	DN	D	SD
22.Neither deaf nor hearing people accept me.	SA	A	DN	D	SD
23.Deaf people are satisfied with what the deaf world has to offer.	SA	A	DN	D	SD
24.I am always alone.	SA	A	DN	D	SD
25.I don't understand why deaf people have their own culture.	SA	A	DN	D	SD
26.I have both deaf and hearing friends.	SA	A	DN	D	SD
27.Hearing people do not understand or support deaf ways.	SA	A	DN	D	SD
28.When I am with hearing people, I remember my pride as a deaf person.	SA	A	DN	D	SD
29.The focus of deaf education should be teaching deaf children to speak and lipread.	SA	A	DN	D	SD
30.I feel angry with hearing people.	SA	A	DN	D	SD
31.Deaf people don't need sign language interpreters.	SA	A	DN	D	SD
32.The best way to communicate is to speak and sign at the same time.	SA	A	DN	D	SD
33.In general, hearing people are more intelligent than deaf people.	SA	A	DN	D	SD
34.I am not skilled in both English and American Sign Language.	SA	A	DN	D	SD
35.It is possible for a deaf person_ to prefer signing more like English and still be proud to be deaf.	SA	A	DN	D	SD
36.I don't know whether to think of my deafness as something good or	SA	A	DN	D	SD

something bad.					
37.I feel comfortable with my child being either deaf or hearing.	SA	A	DN	D	SD
38.It is best for deaf people to communicate with speech and lipreading.	SA	A	DN	D	SD
39.Hearing people communicate better than deaf people.	SA	A	DN	D	SD
40.Teaching deaf children to speak is a waste of time.	SA	A	DN	D	SD
41.I don't know whether to respect or resent hearing people.	SA	A	DN	D	SD
42. only socialize with hearing people.	SA	A	DN	D	SD
43.It is wrong to speak while signing.	SA	A	DN	D	SD
44.I have thought a lot about what it means to be a proud, strong deaf person.	SA	A	DN	D	SD
45.Sometimes I enjoy other deaf people but sometimes they embarrass me.	SA	A	DN	D	SD
46.I would like to have an operation that would give me full hearing.	SA	A	DN	D	SD
47.Some hearing people genuinely support deaf culture and deaf ways.	SA	A	DN	D	SD
48.Hearing counselors, teachers, and doctors who specialize in treating deaf people can give me the best advice.	SA	A	DN	D	SD
49.I feel comfortable with both deaf and hearing people.	SA	A	DN	D	SD
50.Only deaf people should run deaf schools.	SA	A	DN	D	SD
51.I feel good about being deaf, but I involve myself with hearing people also.	SA	A	DN	D	SD
52.I can't trust hearing people.	SA	A	DN	D	SD
53.Sign language should be based upon English.	SA	A	DN	D	SD
54.I call myself "hearing-impaired."	SA	A	DN	D	SD
55.Learning to lipread is a waste of time.	SA	A	DN	D	SD
56.I am confused about communication.	SA	A	DN	D	SD
57.Deaf people should only socialize with other deaf people.	SA	A	DN	D	SD
58.I donot fit in with either hearing or deaf people.	SA	A	DN	D	SD
59.It is important to find a cure for deafness.	SA	A	DN	D	SD
60.My hearing friends will fight for deaf rights.	SA	A	DN	D	SD

Anexo C

Questionário Sociodemográfico e

Escala de Desenvolvimento da Identidade Surda

Sou aluna do 2.º ano do Mestrado em Psicologia Especialização da Psicologia Clínica e do Aconselhamento, na Universidade Autónoma de Lisboa. Estou a realizar um estudo de tradução e adaptação da Escala de Desenvolvimento da Identidade Surda para as pessoas surdas, em Portugal. Gostaria de pedir a sua colaboração, uma vez que a sua participação é muito importante para este estudo. Para responder, tem um suporte auxiliar nos vídeos com LGP. É necessário responder a todas as questões segundo o que é mais adequado, no seu caso. As respostas dadas são totalmente confidenciais e anónimas e destinam-se exclusivamente à elaboração deste estudo.

Questionário Sociodemográfico

1. Idade: _____anos
2. Sexo: Masculino ☐
Feminino ☐
3. Estado Civil: Solteiro(a) ☐
União de Facto / Casado(a) ☐
Divorciado(a) / Separado(a) ☐
Viúvo(a) ☐
4. Habilitação Literária: Nunca foi à escola ☐
Sabe ler e escrever ☐
4ª Classe (1º Ciclo do Ensino Básico) ☐
6º Ano (2º Ciclo do Ensino Básico) ☐
9º Ano (3º Ciclo do Ensino básico) ☐
12º Ano (Ensino Secundário) ☐
12º Ano (Curso Profissional) ☐
Ensino Superior:
Licenciatura ☐
Mestrado ☐
Pós-Graduação ☐
Doutoramento ☐
5. Classificação dos graus de surdez: Surdez severa ☐
Surdez profunda ☐
6. Com que idade perdeu a _____anos

- audição?**
- 7. Qual é a causa?** A sua surdez teve origem nos seus pais. ☐
(Surdez hereditária)
- Fiquei surdo (a) antes de nascer, durante a gravidez. ☐
(Surdez congénita)
- Fiquei surdo(a) devido a doença ou complicações durante o parto. ☐
(Surdez adquirida)
- Não sei ☐
- 8. Qual é a forma que utiliza MAIS para comunicar? (Comunicação opcional)** LGP ☐
Leitura Labial ☐
Escrita ☐
Mais de que uma ☐
Quais? _____
- 9. Os seus pais são:** Ouvintes ☐
Os dois Surdos ☐
Um deles é surdo ☐
- 10. Tem mais algum membro da família que é surdo?** Avô/ Avó ☐
Filho(a) ☐
Irmão(a) ☐
Tio(a) ☐
Primo(a) ☐
Sobrinho(a) ☐
Cunhado(a) ☐
Sogro(a) ☐
Nora/Genro ☐
Outro. Qual? _____
- Não ☐
- 11. Com que idade aprendeu pela primeira vez a LGP?** _____ anos
- 12. Onde aprendeu pela primeira vez a LGP?** Em casa com Família ☐
Na Escola de Surdos ☐
Na Escola Integrada do Ensino Especial ☐
Na Associação de Surdos ☐
No convívio entre amigos surdos ☐
- 13. Com que idade teve o primeiro contacto com pessoas surdas?** _____ anos
- 14. Frequentou uma escola** Não ☐

de surdos?	Sim	
	Numa turma só com colegas surdos	☐
	Numa turma integrada com	
	colegas surdos e ouvintes	☐
	Ambas	☐
15. Com que frequência convive com surdos?	Diariamente	☐
	Só aos fins de semanas	☐
	Poucas vezes	☐
	Raramente	☐
16. Onde costuma encontrar outros surdos?	Associação de Surdos	☐
	Escola	☐
	Eventos importantes	☐
	Desporto	☐
	Passeios	☐
	Centro do Dia	☐
	Outros locais	☐
	Quais? _____	

Escala de Desenvolvimento da Identidade Surda (Glickman,1993)

Discordo Totalmente	Discordo	Não Sei	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5

Exemplo

A maioria dos surdos é feliz.

Se você concorda totalmente com esta frase assinale o 5.

Se concorda, assinale o 4.

Se você não sabe, assinale o 3.

Se você discorda, assinale o 2.

Se você discorda totalmente, assinale o 1.

1. Eu gosto igualmente da cultura surda e da ouvinte.	1	2	3	4	5
2. Não sei como me sinto em relação a surdos.	1	2	3	4	5
3. Os surdos só devem usar LGP.	1	2	3	4	5
4. A surdez é uma deficiência terrível.	1	2	3	4	5
5. Apoio a cultura surda sem insultar os ouvintes.	1	2	3	4	5
6. Os surdos não precisam de aparelhos auditivos.	1	2	3	4	5
7. Sinto pena dos surdos que dependem da língua gestual.	1	2	3	4	5
8. Para mim é difícil fazer amigos.	1	2	3	4	5
9. A Língua Gestual Portuguesa e Português são línguas diferentes de valor igual.	1	2	3	4	5
10. Não há lugar para ouvintes no mundo dos surdos.	1	2	3	4	5
11. Eu refiro-me a mim mesmo como “surdo”.	1	2	3	4	5
12. Eu não gosto quando os surdos usam a língua gestual.	1	2	3	4	5
13. Não sei se eu devo respeitar ou ressentir-se com os surdos.	1	2	3	4	5
14. Eu quero ajudar os ouvintes a perceber e respeitar a cultura surda.	1	2	3	4	5
15. Eu não sei de devo referir-me a mim mesmo como “deficiente auditivo” ou “surdo”.	1	2	3	4	5
16. Somente os surdos devem ensinar as crianças surdas.	1	2	3	4	5
17. É possível um surdo preferir falar enquanto gestua e sentir-se orgulhoso por ser surdo.	1	2	3	4	5
18. Os surdos não devem casar com outros surdos.	1	2	3	4	5
19. Os ouvintes não ajudam os surdos.	1	2	3	4	5
20. Quando vejo surdos a usar língua gestual, afasto-me.	1	2	3	4	5
21. Eu consigo mudar da LGP para o Português Gestual e vice-versa.	1	2	3	4	5

22. Nem os surdos nem os ouvintes me aceitam.	1	2	3	4	5
23. Os surdos estão satisfeitos com o que o mundo dos surdos tem para oferecer.	1	2	3	4	5
24. Estou sempre sozinho.	1	2	3	4	5
25. Não percebo porque é que os surdos têm a sua própria cultura.	1	2	3	4	5
26. Eu tenho amigos surdos e amigos ouvintes.	1	2	3	4	5
27. Os ouvintes não percebem nem apoiam a maneira de ser dos surdos.	1	2	3	4	5
28. Quando estou com os ouvintes eu lembro-me do meu orgulho de ser um surdo.	1	2	3	4	5
29. A base da educação dos surdos deve focar-se em ensinar as crianças surdas a falar e a ler lábios.	1	2	3	4	5
30. Eu sinto-me zangado com os ouvintes.	1	2	3	4	5
31. Os surdos não precisam de intérpretes de língua gestual.	1	2	3	4	5
32. A melhor maneira de comunicar é falar e gestuar ao mesmo tempo.	1	2	3	4	5
33. Em geral, os ouvintes são mais inteligentes do que os surdos.	1	2	3	4	5
34. Não sou fluente nem no Português nem na LGP.	1	2	3	4	5
35. É possível que um surdo prefira gestuar mais pela ordem do Português e ainda assim ter orgulho em ser surdo.	1	2	3	4	5
36. Não sei se pense na minha surdez como uma coisa boa ou como uma coisa má.	1	2	3	4	5
37. Sinto-me bem com um filho surdo ou ouvinte.	1	2	3	4	5
38. É melhor para os surdos comunicarem oralmente e com leitura labial.	1	2	3	4	5
39. Os ouvintes comunicam melhor do que os surdos.	1	2	3	4	5
40. Ensinar crianças surdas a falar é uma perda de tempo.	1	2	3	4	5
41. Não sei se eu devo respeitar ou ressentir-se os ouvintes.	1	2	3	4	5

42. Eu só socializo com ouvintes.	1	2	3	4	5
43. É errado falar enquanto se gestua.	1	2	3	4	5
44. Tenho pensado muito sobre o que significa ser um surdo forte e orgulhoso.	1	2	3	4	5
45. Às vezes gosto de outros surdos mas outras vezes envergonham-me.	1	2	3	4	5
46. Gostaria de fazer uma operação que me desse audição total.	1	2	3	4	5
47. Alguns ouvintes apoiam verdadeiramente a cultura surda e os seus costumes.	1	2	3	4	5
48. Psicólogos, professores e médicos ouvintes especialistas em tratar Surdos podem dar-me os melhores conselhos.	1	2	3	4	5
49. Eu sinto-me à vontade com surdos e com os ouvintes.	1	2	3	4	5
50. Apenas surdos deviam gerir escolas para surdos.	1	2	3	4	5
51. Sinto-me bem em ser surdo, mas também me relaciono com ouvintes.	1	2	3	4	5
52. Não consigo de confiar nos ouvintes.	1	2	3	4	5
53. A língua gestual deve ser baseada no Português.	1	2	3	4	5
54. Eu chamo-me a mim próprio de “deficiente auditivo”.	1	2	3	4	5
55. Aprender a ler os lábios é uma perda de tempo.	1	2	3	4	5
56. Estou confuso sobre a comunicação.	1	2	3	4	5
57. Os surdos só devem socializar com outros surdos.	1	2	3	4	5

58. Eu não me sinto integrado nem com os ouvintes nem com os surdos.	1	2	3	4	5
59. É importante encontrar a cura para a surdez.	1	2	3	4	5
60. Os meus amigos ouvintes lutam pelos direitos dos surdos.	1	2	3	4	5

OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO

Anexo D

Pedido de Autorização enviado às Associações de Surdos

Pedido de Autorização para aplicar Escala de Desenvolvimento da Identidade Surda na População Surda

À Direção da Associação de Surdos _____,

Eu, Helena Garrinhas, surda profunda e estudante universitária, Licenciada em Psicologia, na Universidade Autónoma de Lisboa, estou a frequentar o 2º ano do Mestrado em Psicologia Especialização da Psicologia Clínica e do Aconselhamento, na Universidade Autónoma de Lisboa. Venho por este meio pedir a vossa autorização para realizar um estudo para a minha Dissertação do Mestrado. O objectivo deste estudo é traduzir e adaptar para a População Surda Portuguesa a Escala de Desenvolvimento da Identidade.

Este estudo requer a participação voluntária e consentida dos sócios e não-sócios, dentro da vossa Associação, para responderem a esta escala. A resposta será através do computador. Desenvolvi um programa para que as pessoas surdas possam entender o qual inclui vídeos com LGP. Assim, cada participante pode ler cada uma das questões e, ao mesmo tempo, visualizar as questões em LGP.

Venho por este meio solicitar o vosso consentimento e colaboração para a realização do meu trabalho. Dada a inexistência de instrumentos de natureza psicológica adequados a esta população, esta é uma investigação actual e muito pertinente. Desde já agradeço a vossa atenção e estou ao vosso dispor para quaisquer esclarecimentos.

Com os melhores cumprimentos

Helena Garrinhas

Anexo E

Declaração de Consentimentos para participantes

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

*Considerando a "Declaração de Helsínquia" da Associação Médica Mundial
(Helsínquia 1964; Tóquio 1975; Veneza 1983; Hong Kong 1989; Somerset West 1996 e Edimburgo 2000)*

Designação do Estudo:

Contributos para a Validação da Escala do Desenvolvimento da Identidade Surda -
Estudos de Tradução, Adaptação e Aplicação

Eu, abaixo-assinado, (nome completo do participante) -----

--

-----,compreendi a explicação que me foi fornecida, por escrito e verbalmente, da investigação que se tenciona realizar, para qual é pedida a minha participação. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e para todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que, de acordo com as recomendações da Declaração de Helsínquia, a informação que me foi prestada versou os objectivos, os métodos, os benefícios previstos, os riscos potenciais e o eventual desconforto. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de decidir livremente aceitar ou recusar a todo o tempo a minha participação no estudo. Sei que se recusar não haverá qualquer prejuízo na assistência que me é prestada.

Foi-me dado todo o tempo de que necessitei para reflectir sobre esta proposta de participação.

Nestas circunstâncias, decido livremente aceitar participar neste projecto de investigação, tal como me foi apresentado pelo investigador(a).

Data: ____ / ____ / 20__

Assinatura do(a) participante:

O(A) Investigador(a) responsável:

Nome: _____

Assinatura: _____

